UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

FERNANDA ROSA DA SILVA

DESLOCAMENTO DE TÓPICO E FOCO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO:
UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA

Versão Corrigida

São Paulo

2017

FERNANDA ROSA DA SILVA

**DESLOCAMENTO DE TÓPICO E FOCO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO:
UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA**

Versão Corrigida

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de doutora em Letras / Linguística.

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F586d Fernanda Rosa, Silva
Deslocamento de tópico e foco no português
brasileiro: Uma análise semântico-pragmática / Silva
Fernanda Rosa ; orientador Ferreira Marcelo Barra. -
São Paulo, 2017.
148 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Linguística. Área de concentração:
Semiótica e Linguística Geral.

1. Deslocamento. 2. Tópico / Foco. 3. Contraste.
4. Exaustividade . 5. Definitude. I. Marcelo Barra,
Ferreira, orient. II. Título.

ROSA-SILVA, F. **Deslocamento de tópico e foco no português brasileiro: Uma análise semântico-pragmática.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção o título de doutora em Letras / Linguística.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*A Maria Aparecida e José Carlos, meus pais
Ao Carlos Fernando e Lucas Fernando, meus irmãos
Ao Tiago, meu sobrinho querido!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e pelo cuidado.

Agradeço ao meu orientador, Marcelo Ferreira, pela paciência, confiança, profissionalismo, competência e dedicação.

Agradeço à minha professora Ana Müller, pela dedicação, carinho, atenção e apoio de sempre.

Agradeço aos professores do DL: Esmeralda Negrão, Marcos Lopes, Ana Scher, Elaine Grolla, Marcello Modesto, Evani Viotti, Norma Discini, entre outros, pelo conhecimento compartilhado.

Agradeço aos funcionários do DL, Érica, Robson e outros pela competência e dedicação como o trabalho e pela ajuda com os trâmites burocráticos.

Agradeço aos amigos que fiz no grupo de semântica formal, que com certeza serão para toda a vida: Lídia, Luciana, Lara, Roberlei, Wania, Juliana, Fernando, Tiago.

Agradeço aos amigos do DL Indaiá, Paula, Karin, Vitor, Marquinhos e demais colegas da pós pelas conversas e pela companhia.

Agradeço aos meus amigos de todas as horas, Monica, minha amiga irmã, Lucia, Selma, Cleusa, Felipe, Lino, Rosa Helena, Grazi, Michele, Adriana e a todos os outros amigos que sempre me acompanham nessa caminhada. Um agradecimento especial a Rosi, Miriam e Sandra Lia, por ter me apoiado incondicionalmente.

Agradeço ao Luiz, por ter tido paciência e me dado carinho e atenção nesta reta final.

Agradeço aos meus irmãos Carlos e Lucas e é claro, ao meu sobrinho querido, Tiago.

Agradeço, por fim, aos meus pais, José Carlos e Maria Aparecida pelo apoio e incentivo de sempre. A eles dedico este trabalho, porque nunca deixaram de acreditar em mim e porque sempre me deram apoio incondicional.

*“Que as coisas são inatingíveis?
Ora! Isso não é motivo para não querê-las.
Que tristes seriam os caminhos
Sem a presença distante das estrelas”*

Mario Quintana.

RESUMO

ROSA-SILVA, F. **Deslocamento de tópico e foco no português brasileiro: Uma análise semântico-pragmática.** Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

O objetivo desta tese é investigar as particularidades semânticas e pragmáticas de sentenças declarativas do português brasileiro (PB) que apresentem uma estrutura sintática na qual sintagmas em diferentes posições são deslocados para a periferia esquerda da sentença. Mais precisamente, esta pesquisa analisa se elementos com funções informacionais como tópico e foco podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença e em que circunstâncias esse fenômeno pode ocorrer. A metodologia adotada consiste no julgamento do valor de verdade de uma sentença, bem como nas condições de felicidade em que a sentença foi proferida. Tais julgamentos e condições são dados pela intuição de falantes nativos do português brasileiro. Ainda, busca-se fazer comparações entre as seguintes noções e conceitos: tópico x foco; contraste x não contraste; exaustividade x não exaustividade. A partir dos dados investigados, concluímos que em PB tanto sintagmas com função informacional de foco quanto com função informacional de tópico podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença. Também foi constatado que contraste não é noção obrigatória em sentenças com deslocamento. Ainda, inferência de exaustividade é uma implicatura em alguns casos de deslocamento, mas não pode ser cancelada em outros, principalmente naqueles nos quais os elementos do conjunto mais saliente não são dados explicitamente. Nas sentenças com deslocamento, observamos uma maior dificuldade no cancelamento da exaustividade, se comparadas com sentenças canônicas. No que diz respeito à definitude, essa não é determinante para deslocamento de tópico e foco no PB. Pudemos encontrar sentenças com sintagmas indefinidos deslocados para a periferia esquerda da sentença, tanto na função discursiva de foco quanto de tópico. Finalmente, sintagmas com função de tópico não precisam necessariamente ser mencionados previamente no contexto.

Palavras-chave: deslocamento, tópico / foco, contraste, exaustividade, definitude

ABSTRACT

ROSA-SILVA, F. Topic and focus dislocation in Brazilian Portuguese: a semantic-pragmatic analysis. Dissertation (Doctoral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

This thesis aims to investigate the semantic and pragmatic particularities of declarative clauses in Brazilian Portuguese (PB) that have a syntactic structure in which phrases from different positions are dislocated to the left periphery of the clause. More precisely, this research analyzes if elements with informational functions as topic and focus can be dislocated to the left periphery of the clause and in which circumstances this phenomenon can occur. The methodology adopted consists in the judgment of the truth-value of a sentence, as well as the felicity conditions in which it was enunciated. Such judgments and conditions are given by the intuition of Brazilian Portuguese native speakers. This research also intends to compare the following notions and concepts: topic x focus; contrast x non-contrast; exhaustivity x non-exhaustivity. From the analyzed data, we conclude that in PB both phrases with informational function of focus and phrases with informational function of topic can be dislocated to the left periphery of the sentence. We also conclude that contrast itself is not an obligatory notion in sentences with dislocated phrases. We also show that exhaustivity is an implicature in some dislocation cases, but cannot be canceled in others, mainly in the ones in which the elements of the most salient set are not explicitly given. In clauses with dislocation, we can see a greater difficulty in cancelling the exhaustivity when compared to canonical clauses. When it comes to definiteness, it is not determinant to topic and focus dislocation in PB. We could find clauses with indefinite phrases dislocated to the left periphery of the clause for both topic and focus discursive function. Finally, phrases with topic function do not necessarily need to be previously mentioned in the context.

Key-words: dislocation, topic/focus, contrast, exhaustivity, definiteness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
As notações adotadas	15
CAPÍTULO 1: CONCEITOS DA ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO	16
1.1 INTRODUÇÃO	16
1.2 A ESTRUTURA DO DISCURSO	17
1.3 CONTRASTE	20
1.4 FOCO	24
1.4.1 Foco não contrastivo	26
1.4.2 Foco contrastivo	27
1.4.3 Foco e exaustividade	28
1.5 TÓPICO	31
1.5.1 Tópico não contrastivo	32
1.5.2 Tópico contrastivo	34
1.6 RESUMO DO CAPÍTULO	38
CAPÍTULO 2: ALGUNS ESTUDOS SOBRE DESLOCAMENTO DE TÓPICO E FOCO	39
2.1 INTRODUÇÃO	39
2.2 DESLOCAMENTO PARA A PERIFERIA ESQUERDA DA SENTENÇA	40
2.2.1 Deslocamento à esquerda x topicalização: Prince (1998)	40
2.2.2 Deslocamento e a proposta cartográfica: Rizzi (1997)	44
2.3 DESLOCAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	47
2.3.1 Tópico Marcado: Pontes (1987)	48
2.3.2 A articulação tópico e foco no PB: Ilari (1992)	50
2.3.3 Deslocamento de foco no PB: Miotto (2003)	52
2.3.4 Perspectiva gerativa do tópico deslocado: Kato (1989, 1998)	54
2.3.5 Proposta sociolinguística para deslocamento em PB: Orsini (2011)	55
2.4 RESUMO DO CAPÍTULO	56
CAPÍTULO 3: DESLOCAMENTO DE FOCO NÃO CONTRASTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	59
3.1 INTRODUÇÃO	59
3.2 DESLOCAMENTO DE SINTAGMA DEFINIDO COM FUNÇÃO DE FOCO NÃO CONTRASTIVO	60

3.2.1	Na posição de sujeito	60
3.2.2	Na posição de objeto.....	62
3.2.3	Em outras posições sintáticas	63
3.3	DESLOCAMENTO DE SINTAGMA INDEFINIDO COM FUNÇÃO DE FOCO NÃO CONTRASTIVO	66
3.3.1	A posição do foco não contrastivo indefinido	66
3.3.2	Leitura específica x leitura não específica de foco não contrastivo	70
3.4	RESUMO DO CAPÍTULO	73
<i>CAPÍTULO 4: DESLOCAMENTO DE FOCO CONTRASTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO</i>		75
4.1	INTRODUÇÃO	75
4.2	DESLOCAMENTO DE SINTAGMA DEFINIDO COM FUNÇÃO DE FOCO CONTRASTIVO	77
4.2.1	Na posição de sujeito	77
4.2.2	Na posição de objeto.....	81
4.2.3	Em outras posições sintáticas	85
4.3	DESLOCAMENTO DE SINTAGMA INDEFINIDO COM FUNÇÃO DE FOCO CONTRASTIVO ...	89
4.3.1	A posição do foco contrastivo indefinido	89
4.3.2	Leitura específica e não específica de foco contrastivo indefinido.....	92
4.4	DESLOCAMENTO DE NOMES NUS COM FUNÇÃO DE FOCO CONTRASTIVO	93
4.5	RESUMO DO CAPÍTULO	96
<i>CAPÍTULO 5: DESLOCAMENTO DE TÓPICO NÃO CONTRASTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO</i>		97
5.1	INTRODUÇÃO	97
5.2	DESLOCAMENTO DE SINTAGMA DEFINIDO COM FUNÇÃO DE TÓPICO NÃO CONTRASTIVO	98
5.2.1	Na posição de sujeito	98
5.2.2	Na posição de objeto.....	101
5.2.3	Em outras posições sintáticas	104
5.3	DESLOCAMENTO DE SINTAGMA INDEFINIDO COM FUNÇÃO DE TÓPICO NÃO CONTRASTIVO	107
5.4	A MENÇÃO PRÉVIA DO SINTAGMA DESLOCADO	109
5.5	A CONTINUIDADE DO DISCURSO E O SINTAGMA DESLOCADO	112
5.6	RESUMO DO CAPÍTULO	113
<i>CAPÍTULO 6: DESLOCAMENTO DE TÓPICO CONTRASTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO</i>		115

6.1	INTRODUÇÃO	115
6.2	DESLOCAMENTO SINTAGMA DEFINIDO COM FUNÇÃO DE TÓPICO CONTRASTIVO	116
6.2.1	Na posição de sujeito	116
6.2.2	Na posição de objeto.....	122
6.2.3	Em outras posições sintáticas	128
6.3	DESLOCAMENTO DE SINTAGMA INDEFINIDO COM FUNÇÃO DE TÓPICO CONTRASTIVO 132	
6.3.1	A posição do tópico contrastivo indefinido	132
6.3.2	Leitura específica e não específica de tópico contrastivo indefinido.....	136
6.4	DESLOCAMENTO DE NOMES NUS COM FUNÇÃO DE TÓPICO CONTRASTIVO	137
6.5	RESUMO DO CAPÍTULO.....	140
	<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	142
	<i>REFERÊNCIAS</i>	145

INTRODUÇÃO

Esta tese tem como objetivo investigar as particularidades semânticas e pragmáticas de sentenças declarativas do português brasileiro (PB) que apresentem uma estrutura sintática, na qual sintagmas nominais em diferentes posições são deslocados para a periferia esquerda da sentença. Mais precisamente, esta pesquisa procura identificar se elementos com funções informacionais como tópico e foco podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença e em que circunstâncias esse fenômeno pode ocorrer.

Deslocamento é considerado nesta pesquisa como um fenômeno sintático em que um sintagma é deslocado para a periferia esquerda da sentença. Ele pode ocorrer de duas maneiras: pode haver uma lacuna no local de origem do sintagma deslocado ou; o local de origem é preenchido com um pronome. Tal fenômeno desencadeia consequências semânticas e pragmáticas. É importante salientar que a literatura em geral faz distinção entre estes dois tipos de deslocamento, denominando o primeiro de topicalização e o segundo de deslocamento à esquerda (Prince, 1998; Ward & Prince, 1991; Pontes, 1987, entre outros). Nesta tese, optamos por chamar os dois casos genericamente por deslocamento, sendo que o primeiro ocorre sem o preenchimento de pronome e o segundo sem preenchimento de pronome. Observe, abaixo, um exemplo de deslocamento com preenchimento de pronome e outro com lacuna:

- (1) O João tá namorando a Maria. *Essa menina*₁, ele conheceu *t*₁ na universidade.
- (2) O João tá namorando a Maria. *Essa menina*₁, ele conheceu *ela*₁ na universidade.

Destacamos que os fenômenos de deslocamento de sintagmas da estrutura informacional em PB, assim como os elementos de tópico e foco, já foram amplamente investigados a partir de diversas perspectivas. Teorias funcionalistas já debruçaram sobre o assunto (Pontes, 1987; Ilari, 1992). Além disso, há diversos trabalhos que investigaram as questões sintáticas em uma perspectiva mais formalista, como a teoria gerativista (Kato, 1989; Kato, 1998; Mioto, 2003). Ainda, há alguns trabalhos sociolinguísticos que levantaram possíveis contextos de uso de tais sentenças (Orsini & Vasco, 2007, Orsini 2011).

Nossa proposta, entretanto, é trazer mais uma contribuição para os estudos no campo da semântica formal em interface com a pragmática formal. Nosso desafio, portanto, é investigar tal fenômeno dentro desta perspectiva, destacando o papel de elementos da estrutura informacional como tópico e foco nestes contextos. Para tanto, nos propomos a responder a algumas perguntas que nos inspiraram a realizar a presente pesquisa:

- (i) Em português brasileiro (PB), é possível haver deslocamento de sintagmas com função de foco e tópico para a periferia esquerda da sentença?
- (ii) Há restrições distintas para deslocamento de tópico e deslocamento de foco?
- (iii) A posição original do sintagma deslocado influencia na aceitabilidade da sentença?;
- (iv) Contraste é noção obrigatória em sentenças com deslocamento no PB, ou há casos em que essa noção não é presente?
- (v) Exaustividade é uma inferência obrigatória em sentenças com deslocamento de foco?
- (vi) Definitude é determinante para deslocamento de tópico e foco no PB? Ou sintagmas indefinidos também podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença?
- (vii) Sintagmas com função de tópico necessariamente precisam ser mencionados previamente no contexto?
- (viii) Sintagmas nominais nus podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença em PB e apresentar a função discursiva de tópico ou foco?

Nossa hipótese é que tanto sintagmas com função informacional de foco quanto com função de tópico podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença em PB. Ainda, acreditamos que contraste não seja noção obrigatória em todas as sentenças que apresentem deslocamento. As restrições de uso se dão a partir do contexto.

A metodologia adotada consiste no julgamento do valor de verdade de uma sentença, bem como nas condições de felicidade em que a sentença foi proferida. Tais julgamentos e condições são dados pela intuição de falantes nativos do PB\ . Ainda, a proposta busca fazer comparações entre as seguintes noções e conceitos: tópico x foco; contraste x não contraste; exaustividade x não exaustividade; definitude x não definitude, entre outros.

Este trabalho, por fim, busca contribuir com uma explicação do fenômeno de deslocamento de tópico e foco a partir de teorias na interface da semântica e pragmática formal (cf. Roberts, 1996; Büring, 1999; Büring, 2003; Prince, 1998, entre outros) que propõem estruturas formalizadas de desencadeamento lógico para o discurso, destacando o papel dos elementos da estrutura informacional.

Para isso, a tese está organizada da seguinte forma. No capítulo 1, será apresentado um panorama geral sobre os estudos relacionados aos elementos da estrutura informacional, como tópico e foco, bem como uma discussão sobre a noção de contraste, essencial para o desenvolvimento desta tese. No capítulo 2, serão apresentadas pesquisas que investigaram o fenômeno do deslocamento de tópico e foco em línguas como o inglês, comparando com a nossa língua. Além disso, serão apresentadas pesquisas que investigaram os elementos da

estrutura informacional: tópico e foco no português brasileiro (PB), bem como estudos já realizados em PB que buscaram explicar as características do fenômeno do deslocamento nas diversas perspectivas teóricas. Capítulos 3 e 4 investigam as inferências semânticas e pragmáticas de sentenças em que sintagmas definidos e indefinidos com função de foco são deslocados para a periferia esquerda da sentença. O capítulo 3 é reservado para investigar sentenças com deslocamento de foco não contrastivo, enquanto o capítulo 4 investiga deslocamento de foco contrastivo. Mais adiante, nos capítulos 5 e 6, serão investigadas as particularidades semânticas e pragmáticas de sentenças com deslocamento de tópico, sendo o sintagma definido ou indefinido. O capítulo 5 investiga sentenças com deslocamento de tópico não contrastivo e o capítulo 6 analisa sentenças com deslocamento de tópico contrastivo. Por fim, serão apresentadas as conclusões e considerações finais desta pesquisa.

As notações adotadas

Nesta tese, organizamos os capítulos a partir das noções de tópico, foco e contraste. Para representação dos elementos de foco e tópico, destacando se são contrastivos ou não, adotamos as seguintes notações:

Foco não contrastivo: Caixa alta com F subscrito

- (3) A: Quem chegou?
B: O JOÃO_F chegou.

Foco contrastivo: Caixa alta com FC subscrito

- (4) A: Quais dos alunos chegaram?
B: O JOÃO_{FC} chegou. (O Paulo não)

Tópico não contrastivo: Itálico com T subscrito

- (5) A: O que o João fez na noite passada?
B: *O João*_{TI} visitou o Pedro.

Tópico contrastivo: Itálico com TC subscrito

- (6) A: O que os alunos fizeram na noite passada?
B: *O João*_{TCI} visitou o Pedro.

CAPÍTULO 1: CONCEITOS DA ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO

1.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar os conceitos mais relevantes adotados nesta tese que servirão de base para a discussão apresentada nos capítulos que seguem. Noções de tópico e foco serão discutidas a partir de propostas já presentes na literatura. Além dos conceitos da estrutura da informação, reservamos uma seção para discutir a noção semântico-pragmática de contraste, visto que esse conceito é de extrema importância para a discussão de deslocamento em PB que esta tese se propõe a fazer.

Desde a Escola de Praga, muitos pesquisadores de diversas perspectivas teóricas têm se debruçado para explicar os fenômenos da estrutura da informação. Entre outros, podemos citar os seguintes autores: Halliday (1967), Vallduví (1992), Reinhart (1982), Lambrecht (1981), Roberts (1996), Büring (1999), (2003), (2014), Umbach (2004), Erteschik-Shir (2007).

Estrutura da informação é para Roberts (1996) um universal do discurso humano, não dependente exclusivamente de uma estrutura sintática específica. É a relação que se estabelece entre elementos do discurso como tópico e foco, a partir da prosódia, morfologia, sintaxe, ou combinação dessas, de acordo com cada língua, já que apresentam padrões distintos de organização e marcação dos elementos.

Nesta pesquisa, em especial, adotamos as propostas de semântica do foco dada por Rooth (1995), semântica de tópico contrastivo apresentada por Büring (1999, 2003), além da proposta de tópico como *aboutness*, defendida por Reinhart (1982).

Para a semântica do foco, assumimos com Rooth que foco é uma marcação prosódica responsável por desencadear um conjunto de alternativas no discurso. A proposta de Büring para tópico, na mesma linha de investigação de Rooth, define tópico contrastivo como uma marcação prosódica que desencadeia um conjunto de perguntas, denominado de valor de tópico. Para tópicos que não apresentam noção de contraste, que chamamos de tópico não contrastivo, assumimos a proposta de Reinhart (1982) para *aboutness*.

Ainda, em relação à estrutura do discurso, tomamos como ponto de partida a proposta de Roberts (1996), que defende que todo o diálogo está organizado para responder a perguntas, sejam elas explícitas no discurso ou implícitas.

Nesta tese, assumimos que as questões inerentes à distinção tópico /foco apresentam tanto fenômenos sintáticos quanto pragmáticos e esses fenômenos estão inter-relacionados, assim como afirma Erteschik-shir (2007). Esta pesquisa, ainda assume que a estrutura da informação interage com uma variedade de fenômenos gramaticais: interpretação, entonação, morfologia e outros fenômenos sintáticos, proposta também defendida por Erteschik-Shir.

Para deixar claros os conceitos de tópico e foco adotados na presente pesquisa, bem como as diversas noções discutidas, o capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 1.2 será apresentada a teoria de Roberts (1996) para organização da estrutura do discurso. Em 1.3, será debatida a noção de contraste, a partir da perspectiva da semântica de alternativas. Na seção 1.4, será discutida a proposta de foco dada por Rooth e feita uma breve discussão com as teorias mais relevantes sobre o fenômeno. Ainda, apresentaremos os conceitos de foco contrastivo e não contrastivo adotados. A seção 1.5 é reservada para apresentar o conceito de tópico contrastivo dado por Büring (1999 / 2003), comparando com os demais presentes na literatura, bem como apresentar a noção de *aboutness* de Reinhart (1982), para tópicos não contrastivos. Por fim, em 1.6, será feito um resumo das questões principais levantadas no capítulo.

1.2 A ESTRUTURA DO DISCURSO

A proposta nesta seção é apresentar uma discussão da estrutura informacional, a partir de teorias na interface entre semântica e pragmática formal, que subsidie mais adiante a análise semântico-pragmática das sentenças com deslocamento em PB. Uma das teorias que servem de base para esta tese é a de Roberts (1996), que defende que todo diálogo está estruturado a partir de perguntas. Buscando aprofundar os estudos sobre a Estrutura da Informação, a autora explora tal tema não apenas pelo enunciado dado pelo discurso, mas sim pelo que está por trás deste: o que motivou e o que levou o falante a proferir determinada sentença. Roberts assume com Carlson (1983) que todo discurso é organizado em relação a perguntas e respostas, sejam elas implícitas ou explícitas.

Em um discurso cujos participantes possuem como objetivo comum compartilhar informações sobre o mundo, esses buscarão contribuir para o bom andamento da conversação. Seguindo Stalnaker (1978), a autora propõe que o objetivo maior em um discurso é responder as questões que o estruturam.

Os participantes da conversa primeiramente aceitam a questão mais imediata que está em discussão, a qual Roberts chama de questão sob discussão (QUD)¹, e tendem a buscar uma resposta para ela. A QUD representa o tópico da discussão. Tal conceito será discutido mais adiante, na seção 1.5, sobre tópico.

QUD para Roberts representa um conjunto de questões ainda não respondidas, mas que estão disponíveis no discurso e são passíveis de resposta. Dentro deste conjunto há uma questão mais imediata em discussão que indica o que é relevante para o discurso.

Para responder a QUD, o falante faz uso de estratégias. As estratégias variam entre responder parcialmente ou completamente uma pergunta. Ainda, o falante pode optar por dar uma resposta explícita ou direta, ou responder implicitamente.

Roberts assume como base teórica para a semântica de perguntas os conceitos *Q-alternative set*, de Hamblin (1973), e de respostas parciais e completas Groenendijk & Stokhof (1984). Para Hamblin, uma questão denota um conjunto de proposições relativas a possíveis respostas para tal questão. Desta maneira, a pergunta abaixo possui seu valor semântico como segue, considerando que os indivíduos do domínio sejam: João, Pedro e Paulo.

- (1) Quem foi pra festa?
- (2) $[[\text{Quem foi pra festa?}]] = \{\text{O João foi pra festa, O Pedro foi pra festa, O Paulo foi pra festa}\}$

Os participantes do discurso, ao ouvirem a questão e aceitá-la, buscam, dentro das alternativas acima, uma resposta adequada para ela. Groenendijk & Stokhof (1984) definem dois tipos de respostas possíveis: completa ou parcial. Uma resposta parcial para determinada questão é uma proposição que contextualmente envolve avaliação de verdadeiro ou falso para pelo menos um elemento do conjunto de alternativas dessa questão. Uma resposta completa, por sua vez, é uma proposição que contextualmente envolve uma avaliação para cada elemento do conjunto de alternativas.

Se o falante responde a uma das proposições do conjunto de alternativas dado acima, em (2), a resposta é parcial. Se por outro lado, responde a todas as proposições dadas pelo valor ordinário da questão, a resposta é completa. Abaixo, em (3), temos um exemplo de resposta parcial à questão (1). Se a resposta for (4), temos uma resposta completa para tal questão.

¹ Sigla em inglês para *question under discussion*.

- (3) O João foi ~~pra festa~~. Os demais eu não sei.²
 (4) Só o João foi pra festa.

A resposta (3), segundo a teoria de Groenendijk & Stokhof, é uma resposta parcial para (1), porque avalia como verdadeira ou falsa ao menos uma das proposições de (2). No caso, a proposição “O João foi pra festa” é avaliada como verdadeira, ficando as demais sem avaliação. Mais adiante, veremos que para ser parcial a sentença apresenta uma marcação peculiar que recaia sobre o sintagma ‘O João’. A sentença em (4), por sua vez, representa uma resposta completa para (1) porque avalia todas as proposições de (2), sendo que a proposição “O João foi pra festa” é avaliada como verdadeira e as demais como falsa.

No que diz respeito à resposta explícita ou à resposta implícita, apresentamos um exemplo de cada, como segue. Em (5), há um exemplo de resposta explícita, enquanto em (6) há uma resposta implícita.

- (5) A: O João e o Paulo chegaram?
 B: Sim.
 (6) A: O João e o Paulo chegaram?
 B: O João, eu sei que chegou.

Na resposta de (5), o falante B responde exatamente ao questionado por A. Ao responder “sim”, ele declara que tanto o João quanto o Paulo chegaram. A resposta é explícita porque tanto a proposição sobre o João quanto a proposição sobre o Paulo são avaliadas como verdadeiras. Em (6), por outro lado, ao responder que “O João chegou”, o falante B deixa em aberto a informação sobre o Paulo. Com isto, fica implícito que o falante B não tenha informações sobre o Paulo. Como não há uma avaliação explícita sobre o Paulo, mas uma suposição, consideramos que é uma resposta implícita em relação ao Paulo. Desta maneira, podemos nos valer da noção de Grice (1975) para implicaturas. Segundo autor, respostas que apresentam informações implícitas que não são ditas, mas que podem ser recuperadas a partir do contexto, são denominadas de implicatura conversacional. O autor defende que há um princípio de cooperação presente em praticamente todas as conversações que tenham como propósito trocar informações. Esse princípio consiste na ideia de que o falante direta ou indiretamente tem pretensões de cooperar com o bom andamento da conversa da qual é participante. Se o falante não responde totalmente ao perguntado, como em (6), ele indica que há informações implícitas nessa declaração que o falante A, envolvido em determinando

² A representação tachada para o trecho ‘pra festa’ da sentença é para indicar que o mais natural é o falante produzir a sentença omitindo esse trecho.

contexto, é capaz de interpretá-las. Informações implícitas, que não são pronunciadas pelo falante, mas que podem ser recuperadas a partir do contexto, como já mencionado anteriormente, são denominadas por Grice de implicatura. Então, no caso de (6), há uma implicatura de que o Paulo não tenha chegado ou de que O falante B não tem informações se o Paulo chegou ou não. Uma das características da implicatura é que ela pode ser cancelada pelo contexto. No exemplo acima, a conversa poderia continuar com a informação de que o Paulo tenha chegado.

(7) A: O João e o Paulo chegaram?

B: O João, eu sei que chegou. E o Paulo também chegou.

No diálogo acima, a implicatura de que o Paulo não tenha chegado é cancelada com a continuidade da fala de B. Os conceitos apresentados nesta seção subsidiarão a discussão nos capítulos que seguem, sobretudo as noções de questão sob discussão, resposta completa e parcial, implicatura e a semântica de perguntas proposta por Hamblin (1973).

1.3 CONTRASTE

A noção de contraste é essencial para a presente pesquisa. Isto porque uma das perguntas a ser respondida é se contraste é obrigatório em sentenças com deslocamento no PB. Desta maneira, dada a importância que tal conceito apresenta na análise do fenômeno aqui investigado, procuramos nesta seção apresentar algumas das discussões presentes na literatura para tal conceito.

Buscando identificar as diversas relações semânticas que as sentenças com contraste apresentam, Repp (2014) destaca que há três tipos de relações entre elementos de duas sentenças que os tornam contrastivos. São elas: relação com alternativas explícitas, em que são atribuídas propriedades a cada um dos elementos destacados; relação com conjunto de alternativas explícitas, na qual os elementos são declarados e a apenas um é atribuída a propriedade declarada; relação com conjunto de alternativas implícitas, em que um conjunto é inserido no contexto, porém os elementos que o compõem não são declarados explicitamente no discurso. Observemos a seguir mais detalhadamente cada uma dessas relações, com exemplos similares aos dados pela autora.

O primeiro tipo de relação semântica ocorre em contextos no qual haja uma alternativa explícita a ser contrastada. Segundo a autora, essa noção se aproxima da noção de

semântica de alternativas dada por Rooth (1995)³. Observe, a seguir, o exemplo dado adaptado de Repp para o português brasileiro.

- (8) O João colocou uma maçã na tigela nova e ele colocou UMA BANANA em outra tigela.

No contexto acima, há dois elementos disponíveis que foram explicitados: “uma maçã” e “uma banana”. Ao elemento “uma maçã” é atribuída a propriedade “O João colocou x na tigela nova”, enquanto ao elemento “uma banana” é atribuída a propriedade “O João colocou x em uma outra tigela”. Essa relação é de alternativas explícitas, pois para cada um dos dois elementos inseridos no contexto foram atribuídas propriedades distintas. A outra relação de contraste dada por Repp (2014) é aquela na qual nem todas as alternativas são declaradas explicitamente, como mostra o exemplo a seguir, adaptado da autora.

- (9) O João comprou uma banana e uma maçã. Ele colocou A BANANA na sua tigela nova.

A relação de contraste acima envolve um conjunto explícito. Tal conjunto é formado pelos elementos: “uma banana” e “uma maçã”. Ao afirmar que o João colocou a banana na tigela nova, o falante declara que a propriedade de “o João colocar x na tigela nova” é aplicada à “banana”, mas deixa em aberto que essa mesma propriedade seja aplicada à maçã. Entretanto, fica implícito que tal propriedade é negada ao elemento “maçã”.

Por último, apresentamos um exemplo dado pela autora para a relação semântica que ocorre a partir de um conjunto disponível no contexto, cujos elementos não são dados explicitamente no discurso.

- (10) O João estava escolhendo as frutas para colocar em sua tigela nova. Ele colocou A BANANA na tigela nova.

No contexto acima, o constituinte ‘as frutas’ representa um conjunto de elementos. Ao trazer informações sobre “a banana”, o falante contrasta este elemento com as demais frutas que compõem o conjunto inserido no discurso. O contraste se dá implicitamente, visto que nem os elementos do conjunto nem as alternativas são apresentados no contexto. Dessa maneira, supõe-se que a propriedade “O João colocou x na tigela nova” seja aplicada somente à “banana” e a mais nenhum dos demais elementos do conjunto.

Repp (2014), ainda, no que diz respeito à relação da noção de contraste com o discurso, apresenta dois tipos de contraste: o de oposição e o de correção. No contraste por

³ A semântica de alternativas será discutida mais adiante, na seção 1.4, sobre foco.

oposição, duas asserções podem ser verdadeiras e fazem contribuições opostas à questão em discussão. No contraste por correção, por outro lado, uma proposição rejeita a outra, sendo que se uma for verdadeira, a outra necessariamente é falsa. Abaixo, apresentamos um exemplo de contraste por oposição, em (11), e um exemplo de contraste por correção em (12).

(11) O João foi pra festa. O Pedro não foi.

(12) A: O João foi pra festa.
B: Não, o Pedro foi pra festa.

Na sentença em (11), as duas proposições são verdadeiras, sendo que a propriedade de “x ir pra festa” é aplicada apenas ao João. Já no contexto em (12), a proposição “O João foi pra festa” é falsa, enquanto “O Pedro foi pra festa” é verdadeira. A seguir, apresentamos mais alguns exemplos da relação de contraste.

(13) A: A Maria e a Ana chegaram.
B: A Ana chegou e a Maria não.

No diálogo em (13), há uma relação de correção, visto que o falante A faz uma afirmação que é corrigida por B. A afirmação em A apresenta um conjunto de indivíduos, no qual dois elementos e questão foram explicitamente mencionados: A Maria e a Ana. Ao afirmar que proposição “x chegou” é aplicada à “Ana” e negada à “Maria”, o falante contrasta explicitamente um elemento com o outro. Abaixo, apresentamos alguns contextos que consideramos haver contraste implícito.

(14) A: A Maria e a Ana chegaram?
B: A Ana chegou.

Ao responder afirmativamente sobre a Ana, o falante deixa implícito que a Maria não tenha chegado. Com isso, a informação a respeito de Ana é contrastada com a informação de Maria. Apesar dos dois elementos serem apresentados pela pergunta e a interpretação mais óbvia seja de que Maria não tenha chegado, essa afirmação pode ser cancelada, se o diálogo continuar e o falante em B produzir a sentença “E a Maria também chegou”. Desta maneira, estamos diante de uma implicatura e não pressuposição ou acarretamento de que a Maria não tenha chegado, já que essas últimas são inferências lógicas que não podem ser canceladas. Por isso, temos um exemplo acima de contraste implícito.

Outro contexto que apresenta contraste implícito é aquele no qual há um conjunto de elementos disponível no contexto, entretanto seus membros não são explicitados.

(15) A: Qual dos alunos chegou?
B: O PAULO_{FC} ~~chegou~~.

No contexto acima, a pergunta insere no discurso o conjunto de alunos cujos membros não são descritos. Ao responder com a proposição sobre o Paulo, há uma implicatura de que os demais alunos não tenham chegado ou ainda de que o falante não tenha informações sobre os demais alunos, o que caracteriza uma relação de contraste desse elemento com os demais.

Na resposta acima, em (15), o sintagma o Paulo recebe o acento característico de foco, representado pelas letras maiúsculas, que segundo autores como Pierrehumbert & Hirschberg, 1990, para o inglês (e assumimos que o português brasileiro tenha acento similar, cf. Ilari, 1992 e Cagliari, 1980), é caracterizado pelo pico de acento descendente. Entretanto, como veremos mais adiante na seção de tópico, há constituintes que recebem uma marcação característica de tópico contrastivo, com pico de acento ascendente, conforme mostra o contexto abaixo.

- (16) A: Os alunos chegaram?
B: *O Paulo_{TC}* chegou.

Em (16), a resposta é idêntica à (15), exceto pela marcação que recai sobre o constituinte na posição de sujeito, que indica tópico contrastivo. Essa entonação indica que o falante esteja respondendo parcialmente (cf. Büring 1999, 2003), trazendo informações sobre o aluno “Paulo” e deixando em aberto informações sobre os demais alunos. Neste caso, ao ser atribuída a propriedade “x chegou” a “Paulo” e não aos demais elementos do conjunto esse é contrastado com os outros.⁴ A seguir, apresentamos um contexto no qual Repp considera não haver contraste.

- (17) A: Quem chegou?
B: O Paulo chegou.

No contexto em (17), não há indicação nem explícita nem implícita de que o indivíduo denotado pelo sintagma ‘O Paulo’ esteja sendo contrastado com algum outro indivíduo disponível no discurso. Além disso, não há relação de oposição nem de correção entre o indivíduo “O Paulo” e outros indivíduos. Contextos, como esse, que serão investigados nos capítulos que seguem, são considerados nesta tese contextos que não apresentam contraste porque não há relação de oposição nem correção de proposições.

Entretanto, mesmo um diálogo como o acima, em (17), pode apresentar contraste, se no discurso, forem introduzidos indivíduos e esses estabelecerem relação de contraste entre si.

⁴ O conceito de tópico contrastivo será apresentado mais adiante, na seção 1.5.

Imagine uma situação em que a Maria tem dois filhos, o Paulo e o João. Os dois estão fora de casa. Em dado momento, ela ouve alguém abrir a porta. Então pergunta para o seu marido a pergunta em (17)A. Ao responder (17)B, o falante está estabelecendo uma relação de contraste por oposição entre “Paulo”, ao qual é atribuída a propriedade “x chegou”, e “o João”, que não possui essa propriedade.

Nesta pesquisa assumimos que contraste está relacionado com a semântica de alternativas, que será discutida a seguir, na seção de foco. Ainda, assim como Repp (2014), consideramos que o contraste só ocorrerá se houver uma relação de oposição ou correção entre os elementos disponíveis no discurso. Um elemento contrastivo evoca um conjunto de proposições alternativas no qual se afirma uma das proposições e se nega pelo menos uma.

1.4 FOCO

Um sintagma com função de foco nesta tese é considerado aquele que apresenta uma marcação prosódica peculiar e pode ser identificado pelo par questão/resposta. O sintagma que representa a informação solicitada pela pergunta trata-se do foco, como exemplificamos a seguir.

- (18) A: Quem o João tá namorando?
B: O João tá namorando A MARIA_F.

- (19) A: Quem tá namorando a Maria?
B: O JOÃO_F tá namorando a Maria.

Nos diálogos acima, podemos comparar as diferentes estruturas da informação desencadeadas a partir da pergunta. Em (18), o sintagma “A Maria”, destacado em caixa alta, tem a função informacional de foco, já que é o elemento que representa a informação requisitada pela pergunta e recebe uma marcação prosódica de acento descendente. Por outro lado, em (19) o elemento que representa o foco é ‘o João’.

Para Rooth (1995), a marcação prosódica de foco evoca um conjunto de alternativas contextualmente relevantes. Com isso, o falante tem à disposição um conjunto de asserções e entre elas escolhe uma para a resposta. Desta maneira, cada um dos diálogos acima desencadeará um conjunto de alternativas distinto.

Para calcular as alternativas de foco, o autor define o valor de foco. Segundo Rooth, as sentenças apresentam seu valor ordinário e valor de foco. Considerando o contexto (18), acima, o valor de foco da sentença (18)B é o conjunto de alternativas contextualmente

relevantes para a resposta de (18)A. Veja a representação do valor do valor ordinário e de foco de (18)B abaixo, considerando que os indivíduos disponíveis no discurso sejam: Maria, Ana, Marta, João, Pedro, Marcos. Em seguida, apresentamos os valores ordinário e de foco para (19)B, a fim de comparação com o anterior.

- (20) $[[[(18)B]]^0 = \text{namorar}(m,j)$
- (21) $[[[(18)B]]^f = \{\text{O João tá namorando a Maria, O João tá namorando a Ana, O João tá namorando a Marta}\}$
- (22) $[[[(19)B]]^0 = \text{namorar}(m,j)$
- (23) $[[[(19)B]]^f = \{\text{O João tá namorando a Maria, O Pedro tá namorando a Maria, O Marcos tá namorando a Maria}\}$

Como podemos observar acima, os valores ordinários, tanto de (18)B quanto de (19)B, são idênticos e possuem a mesma forma lógica, representada em (20) e (22). Entretanto, os valores de foco das sentenças comparadas são distintos. Como os conjuntos de proposições são evocados a partir da marcação de foco, as alternativas são diferentes para cada contexto. Para o diálogo em (18), o conjunto de alternativas, representado por (21), apresenta proposições com o mesmo sujeito e objetos diferentes. Por outro lado, o conjunto de alternativas evocado por (19) e representado em (23) possui proposições com o mesmo objeto e sujeitos diferentes. Tal comparação demonstra que sentenças com valores semânticos ordinários idênticos podem apresentar valores de foco distintos. Esta distinção se dará a partir da pergunta dada explícita ou implicitamente pelo contexto e, consequentemente, da marcação prosódica atribuída à sentença.

As respostas, tanto para (18) quanto para (19), são adequadas para as perguntas dadas. Essa relação de adequação entre a pergunta colocada no contexto e a resposta é definida na literatura por congruência (cf. Rooth,1995; Roberts,1996 e Büring, 1999,2003). Tal congruência está relacionada à semântica da pergunta dada. Uma resposta é congruente a uma questão se o conjunto de alternativas de foco da resposta equivale ao valor ordinário da pergunta.

Para formalização das questões, interessa-nos os conceitos *Q-alternative set*, de Hamblin (1973), apresentado anteriormente. Para o autor, o valor ordinário de uma pergunta denota um conjunto de proposições relativas a possíveis respostas para tal pergunta. Os valores ordinários das perguntas dadas acima são representados como segue, considerando que os mesmos indivíduos sejam disponíveis no discurso.

- (24) $[[[\text{Quem o João tá namorando?}]]^0 = \{\text{O João tá namorando a Maria, O João tá namorando a Ana, O João tá namorando a Marta}\}$
- (25) $[[[\text{Quem tá namorando a Maria?}]]^0 = \{\text{O João tá namorando a Maria, O Pedro tá namorando a Maria, O Marcos tá namorando a Maria}\}$

As perguntas acima têm sua denotação semântica formada por um conjunto de alternativas contextualmente relevantes. Podemos observar que o conjunto de alternativas representado em (24) corresponde ao conjunto de alternativas de foco dado em (21), assim como o conjunto de alternativas de (25) corresponde a (23). Essa equivalência está relacionada à noção de congruência. Uma resposta é congruente em um contexto apenas se o conjunto de alternativas de foco da resposta equivale ao conjunto de alternativas da pergunta.

A proposta semântica de foco dada por Rooth (1995), assim como a semântica de alternativas de Hamblin (1973), serão adotadas nesta tese e servirão como ponto de partida para a análise dos fenômenos de deslocamento, objeto principal deste estudo.

1.4.1 Foco não contrastivo

O elemento de foco que apenas indica informação nova é denominado na literatura de *foco não-contrastivo* ou *informacional* (Zubizarreta, 1998; Kiss, 1998, entre outros). Segundo Menuzzi (2012), foco informacional ou não contrastivo apresenta a asserção de uma proposição de um conjunto de proposições alternativas dadas pelo contexto. Consideramos, nesta tese, que foco não contrastivo além de assertar pelo menos uma das alternativas do valor de foco (cf. Rooth, 1995), não apresenta relação de contraste nem de oposição nem de correção (cf. Repp, 2014). Observemos, a seguir, o diálogo abaixo:

(26) A: Quem chegou?

B: A MARIA_F chegou.

(27) $[[(26)B]]^f = \{A \text{ Maria chegou}, A \text{ Ana chegou}, A \text{ Marta chegou}\}$

O contexto dado em (26) não apresenta uma alternativa que se oponha à sentença em B, como por exemplo: “O João não chegou”. Também não é um contexto de correção. Desta maneira, consideramos que sentenças como a acima não apresentam contraste e o sintagma marcado como foco não contrastivo.

Outra questão que pode ser levantada no contexto acima é se há exaustividade na sentença (26)B, na qual a propriedade de “x chegar” é atribuída a apenas à Maria e ninguém mais. E se houver exaustividade, se essa pode ser cancelada pelo contexto, caracterizando, assim uma implicatura e não acarretamento ou pressuposição. Como podemos observar no diálogo que segue, é possível imaginar um contexto em que outras pessoas, além da Maria, tenham chegado.

(28) A: Quem chegou?

B: A MARIA_F chegou. E a ANA_F e a MARTA_F também.

Os contextos acima nos mostram que a inferência de exaustividade pode ser cancelada. Ainda, é possível constatar que mesmo sem a presença do contraste, pode haver exaustividade. Essa discussão entre foco, contraste e exaustividade foi abordada por Menuzzi (2012). O autor afirma que tais distinções não são tão simples de definir. Com isso, ele propõe que foco contrastivo deve envolver a asserção de uma proposição e acarretar ou implicar a negação de uma alternativa contextual à proposição assertada.

Nesta tese, além de assumirmos que foco não contrastivo não implique na negação de pelo menos uma das alternativas (cf. Menuzzi, 2012), também consideramos que se o contexto em que foi inserida a alternativa não apresentar nem relação de oposição nem de correção (cf. Repp, 2014), o elemento marcado como foco possui a função discursiva de foco não contrastivo.

Desta maneira, por não veicular necessariamente negação nos contextos em (26) e (28), esta pesquisa considera que o tipo de foco presente nestes contextos é foco informacional ou não contrastivo. A próxima seção é dedicada para investigar contextos de foco contrastivo.

1.4.2 Foco contrastivo

Como já citado anteriormente, serão denominados de foco contrastivo apenas aqueles que apresentarem negação de pelo menos uma das alternativas e ainda indicar uma relação de oposição ou correção entre as alternativas disponíveis.

- (29) A: A Maria chegou.
B: A ANA_{FC} chegou. (Não a Maria).

- (30) $[[(29)B]]^f = \{A \text{ Maria chegou}, A \text{ Ana chegou}, A \text{ Marta chegou}\}$

Em (29), o falante A afirma que propriedade “x chegar” é aplicada à Maria. O falante B, por sua vez, faz uma correção explícita, afirmando que a propriedade “x chegar” é aplicada à “Ana” e não “à Maria”. Com isso, afirma a alternativa em relação a Ana e nega a alternativa em relação à Maria, dada pelo valor de foco em (30). O contexto acima apresenta um contraste por correção.

Outro contexto de foco contrastivo é aquele no qual o conjunto de alternativas é delimitado no discurso. Desta maneira, ao escolher uma das alternativas, o falante nega implicitamente as demais alternativas.

- (31) A: A Maria e a Ana chegaram?
B: A ANA_{FC} chegou.

(32) $[[[(31)B]]]^f = \{A \text{ Maria chegou, A Ana chegou}\}$

Em (31)B, ao afirmar sobre a Ana, fica implícito que o falante nega que a Maria tenha chegado, ou pelo menos não tenha informações acerca da Maria. Então, ao afirmar que a propriedade “x chegar” seja aplicada à Ana, o falante deixa implícito que tal propriedade não seja aplicada à “Maria”, o que indica um contexto de contraste por oposição.

Ainda, outro exemplo de foco contrastivo é quando o falante nega explicitamente uma das alternativas dadas pelo contexto, conforme apresenta o diálogo a seguir:

(33) A: A Maria e a Ana chegaram?
B: A ANA_F chegou. A Maria não chegou ainda.

No diálogo em (33), o falante B, não apenas responde que a Ana chegou, mas também justifica que a Maria não chegou. Nesse caso, além de afirmar explicitamente uma alternativa, o falante nega explicitamente outra, o que caracteriza mais um contexto de contraste explícito, em uma relação de oposição entre as alternativas.

Para a presente pesquisa, será denominado foco contrastivo aquele que envolver a negação de pelo menos uma das alternativas disponíveis no contexto (cf. Menuzzi, 2012) e ainda apresentar uma relação de oposição ou de correção (cf. Repp, 2014).

1.4.3 Foco e exaustividade

Uma noção que está relacionada a foco, como vimos anteriormente, é a noção de exaustividade. Menuzzi (2012) apresenta uma discussão em relação a essa noção e declara que em contextos com sentenças clivadas a noção de exaustividade é obrigatória. Exaustividade, para Menuzzi, que assumimos nesta tese, é quando todas as alternativas são negadas, com exceção à alternativa assertada. Clivadas são exemplos clássicos de exaustividade.

(34) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?
B: Foi O JOÃO_{FC} que comprou o livro de linguística.

(35) $[[[(34)B]]]^f = \{O \text{ João comprou o livro de linguística, O Paulo comprou o livro de linguística, O Pedro comprou o livro de linguística}\}$

O contexto acima é exaustivo, visto que ao afirmar que “Foi o João que comprou o livro de linguística”, o falante nega todas as demais alternativas, indicando que a propriedade de “x comprar o livro de linguística” é exclusiva para o indivíduo “O João”. Menuzzi (2012) sugere que a exaustividade pode ser uma pressuposição, já que essa, segundo o autor não pode

ser cancelada no discurso. Observemos, a seguir, um contexto no qual mais uma alternativa, além da alternativa sobre “o João”, seja assertada.

- (36) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?
B: ?Foi O JOÃO_{FC} que comprou o livro de linguística. E o Pedro também.

Apesar da resposta acima não ser a mais natural, ela não parece ser totalmente inaceitável, o que indica que talvez a exaustividade em clivadas não seja necessariamente uma pressuposição. Teixeira & Menuzzi (2015) argumentam que exaustividade em clivadas envolvem vários tipos de inferências que não somente pressuposição ou implicatura, e essas vão ser determinadas a partir do contexto dado.⁵ Observemos se em um contexto com o “só”, se este apresenta acarretamento, pressuposição ou implicatura.

- (37) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?
B: #Só O JOÃO_{FC} que comprou o livro de linguística. E o Pedro também.

A sentença acima acarreta que a propriedade de comprar o livro de linguística é aplicada apenas ao “João”. A exaustividade é um acarretamento e não uma pressuposição, porque essa noção não se mantém na negação, como podemos observar a seguir.

- (38) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?
B: Não foi só O JOÃO_{FC} que comprou o livro de linguística. O Pedro também comprou.

No contexto acima, a inferência de exaustividade não se mantém com a negação da alternativa, o que indica que não se trata de uma pressuposição. Como essa noção também não pode ser cancelada no contexto, ela é um acarretamento.

Exaustividade, segundo Menuzzi, está presente também em sentenças que apresentam sintagmas com função discursiva de foco contrastivo. Observe o contexto abaixo.

- (39) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?
B: O JOÃO_{FC} ~~comprou o livro de linguística.~~

Ao responder que “o João comprou o livro de linguística”, fica implícito que a propriedade de “x comprar o livro de linguística” é exclusiva do “João”, já que fica subentendido que ninguém, além do João comprou tal livro. Entretanto, é possível haver um contexto no qual a exaustividade possa ser cancelada.

⁵ Como o objetivo deste trabalho é investigar sentenças com deslocamento e não clivadas, não entraremos nesta discussão e indicamos do trabalho de Teixeira & Menuzzi (2015), que investiga as inferências de exaustividade em clivadas.

- (40) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?
 B: O JOÃO_{FC} ~~comprou o livro de linguística~~. E a Maria também.

No contexto acima, em (40), a exaustividade foi cancelada, a partir do momento em que o falante responde afirmativamente a duas alternativas disponíveis, a alternativa sobre “o João” e a alternativa sobre “a Maria”.

Ainda, em relação às sentenças que são objeto de investigação desta tese, que apresentam deslocamento, há exaustividade, assim como em sentenças canônicas, entretanto a impressão é que esta noção seja mais difícil de cancelar em sentenças com deslocamento do que sentenças sem.

- (41) A: O que o João comprou?
 B: O LIVRO DE LINGUÍSTICA_{FC1}, o João comprou t_1 .

No diálogo acima, ao proferir a sentença em (41)B, o falante deixa implícito que a propriedade de “O João comprar x” é aplicada apenas ao elemento “o livro de linguística” e a nenhum outro mais. Entretanto, essa exaustividade pode ser cancelada, como podemos observar na continuidade do discurso a seguir.

- (42) A: O que o João comprou?
 B: O LIVRO DE LINGUÍSTICA_{FC}, o João comprou t_1 . E o de literatura também.

A inferência exaustividade em sentenças com deslocamento de foco pode ser cancelada, assim como em sentenças canônicas. Entretanto, a impressão é que tal noção pode ser mais facilmente cancelada em contextos com sentenças canônicas do que contextos com deslocamento. Por ser uma impressão, essa deveria ser analisada a partir de um experimento psicolinguístico que testasse o nível de aceitabilidade de (42) em comparação a (40) e até mesmo a (37), que apresenta acarretamento. Como não foi possível realizar o experimento, esse fica indicado para pesquisas futuras.

Nesta tese, propomos que sentenças com deslocamento de foco apresentam implicatura de exaustividade em um nível mais intenso e menos passível de cancelamento do que sentenças canônicas. A partir dos capítulos seguintes, mais precisamente a partir do capítulo 3, investigaremos se tanto contraste quanto exaustividade são obrigatórios em sentenças com deslocamento de foco.⁶

⁶ Consideramos deslocamento um fenômeno sintático, no qual um sintagma é deslocado para a periferia esquerda da sentença e sua posição e origem pode ser preenchida por um pronome ou apresentar uma lacuna. Tal conceito será discutido mais adiante, no capítulo 2.

Para tanto, consideramos que há dois tipos de foco: foco não contrastivo e contrastivo, ambos apresentam valor de foco que veicula um conjunto de alternativas. A diferença é que enquanto foco contrastivo apresenta a negação implícita ou explícita de pelo menos uma alternativa e ainda apresenta uma relação de oposição ou correção de alternativas, foco não-contrastivo apenas disponibiliza as alternativas no contexto, das quais o falante escolhe uma, sem estabelecer relação de oposição ou correção.

1.5 TÓPICO

Tópico é considerado nesta tese como o elemento da sentença sobre o qual se traz informações e ao qual são atribuídas propriedades. No contexto abaixo, por exemplo, o tópico da sentença é “o João” por que é sobre ele que a sentença traz informações.

- (43) A: E o João? Quem ele tá namorando?
B: *O João_T* tá namorando a Maria.

Na sentença em (43)B, o DP “o João” é o sintagma sobre o qual são dadas informações, isto porque a propriedade de “x estar namorando a Maria” é atribuída a esse elemento.

A literatura indica que o tópico em uma sentença pode ser marcado ou não marcado (Pontes, 1987; Roberts, 2010; entre outros). Um tópico marcado é aquele que recebe algum tipo de marcação distinta, seja ela uma estrutura sintática como deslocamento, uma marcação prosódica peculiar ou ainda um morfema que indique tópico. Em sentenças cujo tópico não é marcado, o sintagma com função de sujeito tende a assumir essa função. Apesar de sujeito ser a posição mais recorrente de tópico em PB (Pontes, 1987), o sintagma com função informacional de tópico também pode ocupar a posição de objeto, como apresentado no contexto a seguir:

- (44) A: E a Maria? Quem tá namorando ela?
B: *O JOÃO_F* tá namorando *ela_T*.

Na sentença acima, o sintagma com função de tópico é o referente da “Maria”, já que a pergunta busca informações acerca dela e na resposta em B a propriedade “O João tá namorando x” é atribuída à Maria.

Nessa seção, primeiramente, apresentaremos o conceito de tópico não contrastivo e apontaremos que este pode estar relacionado à noção de *aboutness*, dado por Reinhart (1982). Após, faremos uma discussão sobre o tópico contrastivo dado por Büring (1999, 2003).

1.5.1 Tópico não contrastivo

Nesta seção, apresentaremos um tipo de tópico que não veicula contrastividade. Observe o contexto a seguir, apresentado anteriormente no início desta seção.

- (45) A: E o João? Quem ele tá namorando?
B: *O João_T* tá namorando a Maria.

No diálogo acima, não é claro que ao falar sobre o João, o falante o contrasta com outros indivíduos disponíveis no contexto. O sintagma ‘o João’, que apresenta função de tópico sentencial na sentença 45) B, está relacionado ao tema em discussão apresentado pela pergunta.

Na literatura, muitas vezes não fica clara a distinção entre um constituinte que apresente a função de tópico na sentença e o tema de discussão destacado no discurso. Alguns autores buscaram identificar as diferenças entre um e outro. Reinhart (1982) defende que tópico sentencial está relacionado a um constituinte da sentença. Tópico discursivo, por sua vez, é mais abstrato e identificado pelo contexto de fala. Observe a seguir o exemplo adaptado de Reinhart, em p. 5, para o PB.

- (46) O João é um pesquisador cuidadoso e um semanticista respeitado, mas sua originalidade tem deixado a desejar.

Segundo a autora, o tópico da sentença em (46) é ‘O João’, já que a sentença é sobre ele. Já o tópico do discurso diz respeito à capacidade acadêmica de João. Segundo Reinhart (1982), tanto tópico sentencial como tópico discursivo estão relacionados à noção pragmática de *aboutness*, termo utilizado por autores como Kuno (1972), Dik (1978) Strawson (1964). Apesar dos dois tipos de tópico apresentarem essa noção, a autora explora mais o tópico sentencial. *Aboutness* indica o elemento sobre o que se fala na sentença. Estabelece uma relação entre um argumento, que é o elemento sobre o que se fala, e uma propriedade relativa ao contexto. Os exemplos a seguir também foram adaptados de Reinhart (1982, p. 60) para o PB.

- (47) *Sobre Felix*, ele convidou Rosa para dançar com ele.
(48) *Sobre Rosa*, Felix convidou ela pra dançar com ele.

A sentença (47) é sobre Felix, ou seja, estabelece uma relação entre o argumento ‘Felix’ e a propriedade “x convidou Rosa para dançar com ele”. A sentença (48), por sua vez diz respeito à Rosa. Estabelece uma relação entre o argumento ‘Rosa’ e a propriedade “Felix convidou x para dançar com ele”. Nesta pesquisa defendemos que tópico não contrastivo está relacionado à noção de *aboutness*, em que se indica o elemento sobre o que se fala na

sentença e ainda se estabelece uma relação entre esse elemento com uma propriedade dada pelo contexto.

Essa característica de primeiramente selecionar um argumento e depois trazer informações sobre este é bastante próxima da noção de juízo categórico discutida na literatura por autores como Kuroda (2003) e Ladusaw (1994).

Segundo os autores, as sentenças podem apresentar dois tipos de julgamentos: o julgamento categórico e o julgamento tético. O julgamento tético representa apenas uma descrição de uma situação abstrata ou concreta, enquanto o julgamento categórico representa uma predicação. Esse último é reconhecido por consistir de dois atos separados: um ato de reconhecimento do sujeito e outro ato de afirmação ou negação da propriedade relacionada ao sujeito. Nesse caso, o sujeito é conhecido do falante. A mente do ouvinte é direcionada primeiramente ao indivíduo, para depois apresentar a propriedade relacionada a ele. Compare os contextos abaixo, em japonês, dados pelo por Ladusaw (1994, p. 222):

(49) Neko ga asoko de nemutte iru.
O/um gato dormindo está.

(50) Neko wa asoko de nemutte iru.
O gato dormindo está.

Em japonês, o marcador *wa* identifica o tópico da sentença. Segundo Ladusaw, tal marcador também indica que a sentença apresenta juízo categórico. Na sentença (49), em que o determinante *neko* é acompanhado por *ga*, marcador de sujeito em japonês, a sentença apenas descreve um evento, do gato estar dormindo em algum lugar. Em (50), na qual o marcador *wa* identifica o tópico da sentença, há uma sentença de juízo categórico, em que a atenção do ouvinte é direcionada primeiramente ao gato e depois para a propriedade atribuída a ele. Neste trabalho, assumimos que sentenças com deslocamento de tópico não contrastivo apresentam juízo categórico em PB. Observe o contexto a seguir:

(51) A: E o João? Como ele está?
B: *O João*_{TI}, *ele*_I tá namorando A MARIA.

Na sentença em (51)B, o sintagma ‘o João’, que é o sujeito da sentença, tem a função de tópico e direciona o ouvinte para as informações sobre ele. A estrutura acima, em que o sujeito é retomado por um pronome resumptivo é explorada por Britto (1998) no português brasileiro. A autora defende que tais estruturas representam sentenças de juízo categórico em PB, no qual há um ato de reconhecimento do sujeito e outro de predicação desse sujeito, na qual a propriedade “x tá namorando a Maria” é atribuída a João.

Ainda, uma noção que pode ser associada ao tópico não contrastivo é a noção de *link* dada por Vallduví (1990). Segundo o autor, a estrutura da informação apresenta uma articulação tripartite para as sentenças. Uma sentença, então, apresenta a divisão: foco / *ground*, esta já consolidada pela literatura, onde foco representa o constituinte que carrega a informação nova na sentença e *ground* a informação já presente no contexto. Entretanto, a contribuição de Vallduví é de que *ground* também apresenta uma divisão, em que, os elementos de informação dada podem ser classificados como *links* ou *tails*. Segue a proposta de divisão dada por Vallduví (1990).

$$(52) \quad S = \{focus, ground\}$$

$$Ground = \{link, tail\}$$

O *ground* é o complemento do foco. O *link* é responsável por direcionar o ouvinte. É análogo ao tópico. Tem a função de vincular ao objeto do pensamento. Está relacionado à mudança de tópico. *Tail*, por sua vez, é o complemento do *link* dentro do *ground*. É a parte não focada e parte não vinculada da sentença.

- (53) A: And what about the president? How does he feel about chocolate?⁷
 B: *The president* HATES chocolate. (Vallduví & Engdahl, 1996: 10)

Na sentença em (53)B, o verbo ‘hates’ recebe a marcação de foco, enquanto ‘the president’ e ‘chocolate’ fazem parte do *ground*, sendo que ‘the president’ é o *link* e ‘chocolate’, *tail*.

Neste trabalho, defendemos que tópico não contrastivo pode ser considerado como *aboutness* (Reinhart, 1982), que indica o direcionamento do falante para determinado elemento e a atribuição de uma propriedade a esse elemento. O conceito também abrange a noção de juízo categórico de Kuroda (2003) e Ladusaw (1994), no qual há dois atos: um de reconhecimento do sujeito e outro de afirmação ou negação da propriedade relacionada ao sujeito. Também é próximo à proposta de *link* de Vallduví (1990) e Vallduví & Engdahl (1996).

1.5.2 Tópico contrastivo

Büring (1999) apresenta alguns tipos de tópico que envolvem contrastividade. Dois deles, destacamos a seguir. Um que o autor denomina de tópico parcial e outro de tópico

⁷ Tradução: A: E sobre o presidente? O que ele acha de chocolate? / B: O presidente ODEIA chocolate.

contrastivo. Seguem abaixo, um exemplo de tópico parcial e outro de tópico contrastivo, respectivamente.

- (54) A: Que livro os alunos compraram?
 B: *O João_{TC}* comprou *O DE LINGUÍSTICA_F*
- (55) A: Que livro o João comprou?
 B: Bom, *o Pedro_{TC}* comprou *O DE LINGUÍSTICA_F*.

Em (54), o falante B não responde totalmente à pergunta feita por A, mas apenas à informação que corresponde ao “João”, um elemento do conjunto de alunos. Neste caso, deixa em aberto informações sobre os demais alunos. Já no contexto em (55), em vez de trazer informações sobre “o João”, informação requisitada pela pergunta em A, ele introduz um novo indivíduo no contexto, “Pedro”, e traz informações sobre esse indivíduo. Com isso, faz uso de uma estratégia do discurso de dar informações sobre um elemento, deixando em aberto as informações correspondentes ao conjunto de indivíduos inserido pela pergunta.

O autor também identificou que, em inglês, para a resposta ser apropriada nos contextos acima, foram necessários dois acentos prosódicos distintos: o acento de foco, que tem como característica um pico de acento descendente; também um acento típico de tópico, que tem seu pico com curva ascendente. Sem estes, as construções seriam inadequadas.

Assim como Büring, consideramos nesta pesquisa que ambos contextos apresentam sintagmas com função de tópico contrastivo, primeiro porque possuem marcação prosódica semelhante e segundo porque veiculam contrastividade. Ao responder (54)B, o falante contrasta “o João” com os demais indivíduos do conjunto inserido pela pergunta. E em (55)B, o falante contrasta explicitamente “O João” com o indivíduo “Pedro”, dado pela pergunta.

Büring, ainda, afirma que o *valor de foco* não é suficiente para representar sentenças que apresentem tópico contrastivo. Observemos, a seguir, os valores de foco para (54)B e (55)B respectivamente, considerando os seguintes elementos no domínio: João e Pedro para o conjunto de alunos; livro de linguística e livro de literatura para o conjunto de livros.

- (56) $\llbracket (54)B \rrbracket^f = \{\text{Os alunos compraram o livro de linguística, Os alunos compraram o livro de literatura}\}$
- (57) $\llbracket (55)B \rrbracket^f = \{\text{O João comprou o livro de linguística; O João comprou o livro de literatura}\}$

Note que em (56) não há uma proposição do tipo “O João comprou o livro de linguística”, resposta dada em (54)B. As proposições possíveis são apenas de respostas completas, sem apresentar uma proposição de resposta parcial, como ocorre no exemplo

acima. O valor de foco de (55)B, apresentado em (57) também não apresenta a proposição obtida como resposta “O Pedro comprou o livro de linguística”, mas somente respostas relacionadas ao indivíduo “João”.

Para ser possível identificar o valor semântico de sentenças como as apresentadas acima, Büring definiu o *valor de tópico*, que representa um conjunto dos conjuntos de proposições possíveis para determinado contexto, ou simplesmente um conjunto de perguntas. Para cada elemento disponível, há um conjunto de proposições. A união desses conjuntos consiste no valor de tópico da sentença. Para (54)B, por exemplo, suponhamos que o conjunto de alunos seja formado pelos indivíduos: João e Pedro. Para cada indivíduo há um conjunto de proposições. Para João: {O João comprou o livro de linguística, O João comprou o livro de literatura}. Para Pedro: {O Pedro comprou o livro de linguística, O Pedro comprou o livro de literatura}. O valor de tópico de (54)B, portanto é a junção destes conjuntos, como segue:

- (58) $\llbracket (54)B \rrbracket^t = \{ \{ \text{O João comprou o livro de linguística, O João comprou o livro de literatura} \}, \{ \text{O Pedro comprou o livro de linguística, O Pedro comprou o livro de literatura} \} \}$

Como cada conjunto representa o valor ordinário de uma questão, a denotação do valor de tópico de (54)B pode ser representada por um conjunto de questões.

- (59) $\llbracket (54)B \rrbracket^t = \{ \text{Que livro o João comprou?}, \text{Que livro o Pedro comprou?}, \text{Que livro o João e o Pedro compraram?} \}$

Com isso, Büring modifica a definição de congruência, que era relacionada ao valor de foco. Retomando, congruência foi considerada por autores como Roberts (1996) como a relação entre a semântica da pergunta e o valor de foco da resposta. Se o valor de foco corresponde ao valor ordinário da pergunta, a resposta é considerada congruente. Büring, entretanto afirma que congruência está relacionada ao valor de tópico e não de foco. Para ser congruente, o valor ordinário da pergunta deve pertencer ao valor de tópico da resposta. Com a formalização do valor de tópico, o autor define a condição do par questão/resposta:

- (60) O valor ordinário de uma questão deve pertencer a um elemento do valor de tópico da resposta ($\llbracket Q \rrbracket^0 \in \llbracket A \rrbracket^t$).

Desta forma, a resposta em (54)B é congruente com a pergunta em A, pois essa pertence ao valor de tópico de (54)B, a partir da “Que livro o João e o Pedro compraram?”, uma vez que a soma dos indivíduos Pedro e João corresponde ao conjunto de alunos neste contexto.

- (61) $(\llbracket \text{Que livro os alunos compraram?} \rrbracket^0 \in \llbracket \text{Que livro o João comprou?}, \text{Que livro o Pedro comprou?}, \text{Que livro o João e o Pedro compraram?} \rrbracket^t)$

Notemos que o valor ordinário de (54)A pertence no valor de tópico de (54)B. O valor semântico da questão “Que livro os alunos (João e Pedro) compraram?”, que faz parte do valor de tópico, é um conjunto de alternativas que contém “O João comprou o livro de linguística”. A resposta é adequada e satisfaz a condição do par questão/resposta.

Outro tipo de tópico, também com marcação de tópico contrastivo, que Büring denomina de tópico puramente implicacional, é apresentado a seguir.

- (62) A: A sua esposa foi pra festa?
B: A *minha*_{TC} esposa *NÃO*_F ~~foi pra festa~~.

A sentença (62), a não ser pelo acento de tópico, responde exatamente ao requerido pela questão em A, pois o valor de foco de (62)B é o seguinte:

- (63) $\llbracket (62)B \rrbracket^f = \{A \text{ minha esposa foi pra festa}; A \text{ minha esposa não foi pra festa}\}^8$

Como pudemos observar, a resposta dada em (62)B pertence ao seu valor de foco. No entanto, o acento no constituinte de tópico em B indica que o falante deseja trazer ao contexto questões alternativas. Responde ao que A pergunta, mas deixa no ar questões como: A esposa de Pedro foi pra festa?; A esposa de Marcos foi pra festa?; A esposa de Paulo foi pra festa?. Estas questões podem determinar a continuidade da conversação. Tais questões fazem parte do valor de tópico de (62)B, como podemos observar a seguir.

- (64) $\llbracket (62)B \rrbracket^f = \{A \text{ minha esposa foi pra festa?}; A \text{ esposa do Pedro foi pra festa?}; A \text{ esposa do Marcos foi pra festa?}\}$

Uma diferença essencial de sentenças como (62) para as anteriores é que, enquanto para identificar a implicatura de sentenças com tópico parcial ou contrastivo era necessário olhar para o contexto anterior, implicaturas de sentenças puramente implicacionais determinam o rumo da conversação após a pronúncia da sentença.

Ainda, em relação à investigação de tópico contrastivo, Menuzzi e Roisenberg (2010), investigaram sentenças do PB que apresentam tópico contrastivo, com o objetivo de investigar o impacto da articulação informacional da sentença na estruturação do discurso. Chegaram à conclusão de que a teoria de Büring (1999, 2003) é a que melhor explica tal articulação.

⁸ Como a pergunta em (62)B apresenta um exemplo de pergunta polar, em que há duas possibilidades de resposta: sim ou não, o valor de foco é constituído por uma proposição positiva e outra negativa. Ainda, nestes casos, no PB, o acento prosódico que indica o elemento de foco recai sobre o elemento negativo, se a resposta for negativa, ou no verbo da sentença, se a resposta for positiva.

Nesta tese assumimos que tópico não contrastivo está relacionado à noção de *aboutness* e tópico contrastivo, por sua vez, apresenta uma marcação prosódica peculiar e evoca um conjunto de perguntas relevantes.

1.6 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo teve como objetivo principal apresentar as propostas de tópico e foco adotadas nesta tese. Primeiramente, assumimos que elementos da estrutura informacional como tópico ou foco são determinados por fenômenos sintáticos, semânticos e pragmáticos e estes se inter-relacionam (Erteschik-Shir, 2007).

Semanticamente, foco evoca um conjunto de alternativas relevantes no contexto (Rooth, 1995). Será foco não contrastivo aquele elemento marcado por uma entonação descendente, que evoca um conjunto de alternativas no discurso e não apresenta nem relação de correção nem de oposição entre as alternativas. Destas alternativas, o falante opta por uma, sem negar alguma das demais. Foco contrastivo, por sua vez, também evoca um conjunto de alternativas, entretanto, pelo menos uma das alternativas deve ser assertada e outra negada. Ainda, para ser foco contrastivo, pelo menos duas alternativas do conjunto devem apresentar uma relação de oposição ou de correção. Para ser exaustivo, o contexto deve indicar que todas as alternativas, exceto a assertada, são negadas.

No que diz respeito ao tópico, assumimos que tópico contrastivo apresenta uma marcação prosódica peculiar, de entonação ascendente, cuja função é evocar um conjunto de questões relevantes e apontar para uma estratégia no discurso de responder contrastivamente ou parcialmente a uma pergunta (Büning 1999, 2003). Ainda, tópico não contrastivo é aquele que não envolve contraste e sua principal função é direcionar a atenção sobre o que se fala no contexto. Está relacionado à noção de *aboutness* dada por Reinhart, 1982, e ao juízo categórico, de Ladusaw, 1994 e Kuroda, 2003.

Os conceitos aqui apresentados servirão de ponto de partida para as análises semântico-pragmáticas apresentadas nos capítulos que seguem. Mais precisamente, serão retomados nos capítulos 3 e 4, que discutem o deslocamento de foco não contrastivo e contrastivo respectivamente e nos capítulos 5 e 6, que abordam o deslocamento de tópico não contrastivo e contrastivo.

CAPÍTULO 2: ALGUNS ESTUDOS SOBRE DESLOCAMENTO DE TÓPICO E FOCO

2.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar algumas pesquisas que buscaram explicar o fenômeno do deslocamento de elementos da estrutura informacional, tópico e foco, para a periferia esquerda da sentença. Na primeira parte do capítulo serão apresentados alguns estudos em inglês e, na segunda, estudos em nossa língua, objeto central desta tese. Os trabalhos aqui levantados são de diferentes perspectivas teóricas, desde pesquisas realizadas no âmbito da sintaxe, até no campo da sociolinguística e funcionalismo.

Os elementos de tópico e foco no português brasileiro já foram amplamente investigados. Deslocamento desses elementos, da mesma forma, já foi debatido nestas linhas de investigação.

Nossa pesquisa, entretanto, busca aprofundar na investigação de características semânticas e pragmáticas do fenômeno do deslocamento. Desta maneira, esta tese busca analisar o fenômeno de deslocamento de tópico e foco a partir de teorias na interface da semântica e pragmática formal.

No português brasileiro, há diversos estudos em relação ao deslocamento de constituintes para a periferia esquerda da sentença. Esses estudos foram feitos a partir de vários campos de investigação e de diversas perspectivas teóricas. Destacamos os estudos feitos no campo sintático, tanto a partir de teorias funcionais (Pontes, 1987; Ilari, 1992), como gerativistas (Kato, 1998). Também, há investigações no campo da sociolinguística (Orsini, 2011). Apesar de existirem pesquisas que investiguem formalmente as propriedades semânticas e pragmáticas desse fenômeno, nossa proposta é trazer mais uma contribuição formal para o fenômeno do deslocamento, considerando o contexto de uso.

Este capítulo é reservado para fazer um levantamento geral de trabalhos já existentes, comparando os dados desses autores com propostas adotadas nesta tese, bem como problematizar algumas questões que serão objeto de investigação nesta tese a partir dos capítulos seguintes.

O capítulo está organizado da seguinte maneira: em 2.2, será feita uma discussão sobre o conceito de deslocamento adotado, a partir de propostas apresentadas para o inglês. Mais adiante, em 2.3, serão apresentados alguns trabalhos que investigaram os elementos de

tópico e foco no português brasileiro, bem como o fenômeno de deslocamento. Por fim, na seção 2.4, será apresentado um resumo do capítulo com as principais questões levantadas.

2.2 DESLOCAMENTO PARA A PERIFERIA ESQUERDA DA SENTENÇA

Deslocamento é considerado nesta pesquisa como um fenômeno sintático em que um sintagma é deslocado para a periferia esquerda da sentença. Ele pode ocorrer de duas maneiras: pode haver uma lacuna no local de origem do sintagma deslocado ou; o local de origem pode ser preenchido com um pronome. É importante destacar que a literatura em geral faz distinção entre estes dois tipos de deslocamento, (Prince, 1998; Ward & Prince, 1991; Pontes, 1987, entre outros), denominando o primeiro de topicalização e o segundo de deslocamento à esquerda. Nesta tese, optamos por chamar os dois casos genericamente por deslocamento, sendo que o primeiro ocorre sem o preenchimento de pronome e o segundo com preenchimento de pronome.

2.2.1 Deslocamento à esquerda x topicalização: Prince (1998)

Na literatura, há uma distinção entre deslocamento à esquerda e topicalização. Enquanto na estrutura do deslocamento, há um pronome no local de origem do sintagma deslocado, na topicalização o local de origem apresenta uma lacuna.

Ross (1967) e Prince (1998) afirmam que deslocamento à esquerda em inglês é uma forma sintática na qual um NP aparece na posição inicial de uma oração, correferencial com um pronome pessoal que ocorre no local de origem do NP deslocado. Sentenças com deslocamento à esquerda apresentam a seguinte estrutura sintática, segundo Prince (1998), p. 2.

- (1) CP [NP_i [X_i] IP [...NP_i-pro [X_i]...]]⁹

No deslocamento à esquerda, o sintagma aparece acima de IP, em CP, enquanto um pronome correferencial está sob IP, no local de origem do sintagma deslocamento. Um exemplo dessa estrutura, dado por Ross (1967), é apresentado a seguir.

- (2) My father₁he₁'s Armenian, and my mother₂, she₂'s Greek. (Ross 1967, p.129)
 (3) My wife₁, somebody stole her₁ handbag last night. (Ross 1967, p.137)

⁹ Estrutura apresentada em Prince (1998), p. 2.

Segundo Prince (1998), há autores que defendem que deslocamento à esquerda no inglês introduz um novo tópico (Gundel 1974, 1985, Rodman 1974, Geluykens 1992, entre outros), enquanto outros defendem que deslocamento à esquerda marca um tópico já presente no contexto (Halliday 1967, Reinhart 1982, entre outros). A autora, ainda, salienta que alguns autores defendem que deslocamento pode ser utilizado para marcar contraste, como Chafe 1976 e Geluykens 1992.

Para Prince, entretanto, nenhuma noção em geral pode explicar todos os dados de deslocamento à esquerda em inglês. A autora defende que esse fenômeno apresenta três funções especiais: (i) simplificar o processamento do discurso, (ii) estabelecer uma inferência de *poset*, (iii) permitir violação de ilha.

Em relação à primeira função, simplificar o processamento do discurso, Prince afirma que a estratégia de deslocamento à esquerda transfere o NP de uma posição desfavorável, em relação à evocação de novas entidades no discurso, para uma posição favorável ao processamento. E, para a autora, a posição inicial da sentença é favorável ao processamento. Ainda, essa estratégia indica que a entidade invocada pelo NP inicial é a mais relevante para este momento do discurso.

- (4) My grandmother₁, I remember when she₁ used to work, we'd get milk and a pound of butter. I mean this was pay. I'm thinking about what my poor parents worked for, gettin' nothing.' (Prince 1998)¹⁰

Deslocamento à esquerda no exemplo acima, segundo a autora, serve para simplificar o processamento de novas entidades do discurso, removendo o NP de uma posição sintática desfavorável para uma posição que frequentemente evoca novas entidades do discurso. Ainda, esse tipo de deslocamento marca um referente no discurso e traz informações sobre ele.

Outra função definida pela autora é que deslocamento à esquerda estabelece uma relação de *poset*. *Posets*, segundo Ward & Prince (1991), são conjuntos parcialmente ordenados. Um exemplo de *poset* pode ser observado, a seguir.

- (5) b. 'Contrary to popular wisdom that says most white wines (except sweet dessert wines) and Champagnes do not age well, white Burgundies and premium California chardonnays gain intensity and richness after a few years of bottle age. And Champagnes₁, well, they₁ acquire a rich, toasty aroma and nutty flavor that I (and

¹⁰ Tradução: Minha avó, eu lembro quando ela₁ trabalhava, tínhamos leite e um pouco de manteiga. Isso foi pago. Eu fico pensando como meus pais pobres trabalham para nada.

the English) prefer to the crisp, acidic fruit of a young.' (Phila. Inq., 4/19/92, p. 1-2.)¹¹

Há um conjunto de bebidas saliente no contexto. O deslocamento de 'Champagnes' indica uma relação de *poset* entre o elemento "champagne" e o conjunto de bebidas. Um elemento em um *poset* pode ser associado com uma entidade, atributo, atividade, tempo ou lugar.

Para Prince, contraste não é uma noção necessária em contextos de deslocamento à esquerda. A autora, entre outros exemplos, aponta que o contexto anterior não apresenta contraste.

Segundo Prince não está claro que haja contraste entre "champagnes" e outro elemento saliente. Entretanto, em contextos similares a esse, consideraremos que haja contraste entre o elemento destacado e os demais elementos do *poset*. Um exemplo de contexto de contraste dado pela autora é o seguinte:

- (6) She had an idea for a project. She's going to use three groups of mice_{1,2,3}. *One*₁, she'll feed them₁ mouse chow, just the regular stuff they make for mice. *Another*₂ she'll feed them₂ veggies. And the *third*₃ she'll feed t₃ junk food.'

No contexto acima, os dois primeiros sintagmas deslocados são retomados por pronome, enquanto o último não. Tanto os sintagmas retomados por pronome como o sem retomada estabelecem uma relação de contraste com o conjunto de ratos disponíveis no discurso.

A última função do deslocamento à esquerda apontada por Prince é permitir uma violação de ilha, como a sentença abaixo apresentada pela autora.

- (7) *There are always guests*₁ who I am curious about what they₁ are going to say.'

A sentença acima contém uma oração relativa com pronome resumptivo em vez de lacuna. Se houvesse uma lacuna no lugar do pronome, a sentença seria agramatical.

- (8) *'There are always guests₁ who I am curious about what t₁ are going to say.'

Em relação à topicalização, segundo Prince (1998), um NP aparece na posição inicial da sentença, correferencial com um vestígio ou lacuna que ocorre em alguma posição da sentença.

¹¹ Tradução: Contrário à sabedoria popular, que diz que a maioria dos vinhos brancos (exceto os vinhos de sobremesa) e champagnes não envelhecem bem, vinho branco da Borgonha e Chardonnay premium da Califórnia ganham intensidade e riqueza depois de alguns anos de idade na garrafa. **E Champagnes**₁, bem, elas₁ adquirem uma riqueza, aroma tostado e sabor de noz que eu (e o inglês) prefiro à fruta fresca, ácida e jovem.

- (9) CP[NP [X₁] [IP...[t₁]...]] - *Estrutura apresentada em Prince (1998), p. 11.*

Na topicalização, o sintagma aparece acima de IP, em CP, deixando um vestígio em sua posição inicial, sob IP. Segue, abaixo, o mesmo exemplo dado em (6), que além do deslocamento à esquerda, também apresenta topicalização.

- (10) 'She had an idea for a project. She is going to use three groups of mice... And the *third*₁ she'll feed t₁ junk food.' (SH, 11/7/81)

No exemplo acima, ao terceiro grupo de ratos, que é descrito no final da última sentença, lhe é atribuída a propriedade de “ela alimentar x com *junk food*”. Para marcar o grupo que recebe tal propriedade, o enunciador faz uso da topicalização.

Topicalização, ainda, segundo a autora, possui funções similares ao deslocamento à esquerda. Uma delas é estabelecer uma relação entre o elemento deslocado e a propriedade expressada na parte final da sentença. Essa função é idêntica à função do deslocamento à esquerda. Outra é abrir uma propriedade na qual o elemento deslocado representa o argumento para tal propriedade. Para o exemplo acima, propriedade e argumento são representados como segue:

- (11) Propriedade: She'll feed x junk food.
Argumento: third (group of mice)¹²

No exemplo acima, a propriedade “Selo feed x junk food” é satisfeita com o elemento deslocado “third (group of mice)”. Prince aponta que não há muitas diferenças entre topicalização e deslocamento à esquerda em inglês e que ainda, no exemplo acima, em (6), o falante poderia ter optado por utilizar topicalização nos demais grupos de ratos.

Para comparar com nossa língua, apresentamos alguns exemplos do PB de topicalização, em (12) e deslocamento à esquerda, (13). Tais estruturas serão exploradas mais adiante nos capítulos que seguem e nosso objetivo é identificar se apresentam diferenças de uso entre si.

- (12) A: Onde você comprou esse livro?
B: *Esse livro*_{TI}, eu comprei t₁ na FNAC.
- (13) A: Onde você comprou esse livro?
B: *Esse livro*_{OTI}, eu comprei ele₁ na FNAC.

Como já apontado anteriormente, optamos por considerar o termo geral de deslocamento, tanto para topicalização quanto para deslocamento à esquerda, destacando que o último é preenchido por um pronome, enquanto o primeiro deixa uma lacuna em seu local

¹² Exemplo dado por Prince (1998), p. 12.

de origem. Tomamos emprestado de Prince a proposta de que deslocamento, seja com preenchimento de pronome no local de origem, seja por lacuna, tem a função de estabelecer uma relação entre o elemento deslocado e a propriedade dada na parte final da sentença, seja a partir de uma relação de conjunto, seja por indicar o indivíduo mais saliente do discurso. Ainda, que a estratégia de deslocamento serve para indicar o elemento mais relevante no discurso.

2.2.2 Deslocamento e a proposta cartográfica: Rizzi (1997)

Uma teoria sintática que pode explicar o fenômeno de deslocamento é a chamada proposta cartográfica defendida por autores como Rizzi (1997), Cinque (2002), Belletti (2004), entre outros.

A proposta cartográfica, dada por Rizzi (1997), divide o CP em diversas categorias funcionais: ForceP, TopP, FocP, FinP, tornando a periferia esquerda da sentença mais complexa. A categoria ForceP está reservada para identificar o tipo de sentença, se é uma interrogativa, uma declarativa, uma exclamativa, etc. Também é responsável por se relacionar com a estrutura superior: uma sentença matriz, para as sentenças encaixadas e o discurso anterior, para as sentenças matrizes. FinP identifica se a sentença é infinitiva ou finita e relaciona CP à projeção funcional anterior, IP. As outras duas categorias, TopP e FocP, que nos interessam nesta pesquisa, recebem elementos com características discursivas, a primeira para constituintes com traço de tópico e a última para foco. O sistema proposto por Rizzi, como o exemplo abaixo, segue o modelo da teoria x-barra, em que cada categoria projeta seu especificador e núcleo.

É importante ressaltar a existência de duas projeções TopP na estrutura de Rizzi, apresentada em (14). A justificativa para as duas projeções é que há línguas que podem apresentar mais de um constituinte de tópico. Constituintes de foco, no entanto, segundo o autor, não poderão ocorrer mais de uma vez em cada sentença e por isso há apenas uma projeção para elementos desse tipo.

Abaixo, apresentamos alguns exemplos do italiano dados por Rizzi, que demonstram essas duas possibilidades de estrutura:

- (15) *Il tuo libro*, lo ho letto.¹³
Seu livro, eu li.
- (16) IL TUO LIBRO ho letto (, non il suo).¹⁴
Seu livro eu li (, não o dele).

Na sentença (15), o constituinte que aparece mais à esquerda da sentença, segundo o autor, tem a função discursiva de tópico, ou seja, representa a informação dada (a presença de uma vírgula logo após este constituinte indica que este se refere ao elemento já presente no discurso). Tal constituinte toma o restante da sentença como seu complemento. Na sentença (16), entretanto, o constituinte mais à esquerda tem a função discursiva de foco (identificada pelas letras maiúsculas) e toma o restante da sentença, que é a informação conhecida no discurso, como seu complemento.

Rizzi (1997) apresenta pelo menos cinco diferenças entre deslocamento de tópico e deslocamento de foco em italiano. A primeira delas é que enquanto sentenças com

¹³ Exemplo (3) de Rizzi (1997), p. 286.

¹⁴ Exemplo (4) de Rizzi (1997), p. 286.

deslocamento de tópico podem apresentar um clítico resumptivo em sua estrutura, e esse é obrigatório nos casos de deslocamento de objeto, foco não permite retomada por clítico. Compare os exemplos abaixo dados pelo autor.

- (17) a. *Il tuo libro*_I, lo_I ho comprato
 b. **Il tuo libro*_I, ho comprato t_I.
- (18) a. *IL TUO LIBRO_I, lo_I ho comprato (non il suo).
 b. IL TUO LIBRO_I, ho comprato t_I (non il suo).

Nos exemplos acima, em (17), o sintagma deslocado ‘Il tuo libro’ tem função de tópico da sentença. Neste caso, retomar o sintagma deslocado com um clítico é gramatical, enquanto a sentença com uma lacuna no local de origem do sintagma deslocado é agramatical. Em (18), que apresenta um sintagma na função de foco deslocado, a sentença só é gramatical se não houver retomada com pronome.

Em comparação ao PB, podemos observar que na nossa língua, assim como no italiano, o constituinte com função de foco não pode ser retomado por um pronome, enquanto o constituinte com função de tópico, diferentemente do italiano pode ser retomado por pronome e também pode deixar um vestígio em seu local de origem.

- (19) *O seu livro*_I, eu comprei ele_I ontem.
 (20) *O seu livro*_I, eu comprei t_I ontem.
 (21) O SEU LIVRO_I, eu comprei t_I, não o do João.
 (22) *O SEU LIVRO_I, eu comprei ele_I, não o do João.

Nos exemplos acima, o sintagma com função de tópico pode ser retomado por pronome, mas também pode apresentar uma estrutura com lacuna, o que difere do italiano. O sintagma com função de foco, por sua vez não pode ser retomado por pronome, sendo somente gramatical a resposta com lacuna. Ainda, outra questão que diverge entre elementos deslocados com função de tópico ou foco é o deslocamento de sintagmas quantificados. Esses podem assumir a função de foco e serem deslocados para a periferia da esquerda, desde que não sejam retomados por clítico. No entanto, a sentença é agramatical se o sintagma quantificado deslocado apresentar a função de tópico.

- (23) a. **Nessuno*_I, lo_I ho visto.
 b. **Tutto*_I, lo_I ho fatto.
- (24) a. NESSUNO_I, ho visto t_I
 b. TUTTO_I, ho fatto t_I.

No PB, assim como no italiano, o sintagma quantificado não pode ser retomado por um pronome, nem tão pouco ter a função de tópico. Ainda, similarmente ao italiano, pode assumir a função discursiva de foco.

- (25) a. **Ninguém*₁, eu tenho visto ele₁.
b. **Tudo*₁, eu fiz ele₁.
- (26) a. NINGUÉM₁, eu tenho visto t₁.
b. TUDO₁, eu fiz t₁.

Outra característica que difere tópico de foco no italiano e também no PB, é que tópico pode ocorrer diversas vezes na sentença e esses podem ser deslocados. Foco, entretanto, só há um local estrutural para constituintes de foco.

- (27) *Il libro, a Gianni, domani*, gielo daro senz'altro
- (28) *A GIANNI IL LIBRO daro (non a Piero, l' articolo)
- (29) *O livro*₁, *pro João*₂, *amanhã*₃, eu vou dar t₁ t₂ t₃ .
- (30) *PRO JOÃO O LIVRO eu vou dar t₁ t₂, (não pro Pedro, o artigo)

Uma última diferença entre tópico e foco é que tópico deve ocorrer em posição precedente a sintagmas interrogativos, enquanto foco não pode ocorrer concomitantemente com sintagma interrogativo, nem em posição superior, nem em posição inferior, tanto no italiano quanto no PB.

- (31) *A Gianni*, che cosa gli hai detto?
- (32) *Che cosa, *a Gianni*, gli hai detto?
- (33) *A GIANNI, che cosa gli hai detto (, non a Piero)?
- (34) *Che cosa A GIANNI, gli hai detto (, non a Piero)?
- (35) *Pro João*, o que ele deu?
- (36) *O que, *pro João*, ele deu?
- (37) *PRO JOÃO, o que ele deu?, (não pro Pedro)?
- (38) *O que PRO JOÃO, ele deu (não pro Pedro)?

Nesta seção, apresentamos a proposta cartográfica de Rizzi (1997), que busca explicar sintaticamente as estruturas de deslocamento em italiano. Pudemos observar que algumas características do italiano se mantêm no PB, como foco não ser retomado por pronome e não co-ocorrer com sintagmas interrogativos. Há diferenças, entretanto, entre as duas línguas, como o sintagma deslocado na função de tópico que pode tanto ser retomado por um pronome, quanto deixar um vestígio em seu local de origem. Em italiano, a única opção possível é com retomada de pronome.

2.3 DESLOCAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No português brasileiro, há diversos estudos em relação ao deslocamento de constituintes para a periferia esquerda da sentença. Esses foram feitos a partir de vários campos de investigação e de diversas perspectivas teóricas. Destacamos as pesquisas feitas no campo sintático, tanto a partir de teorias funcionais (Pontes, 1987; Ilari, 1992), como

gerativistas (Mioto, 2003; Kato, 1998). Também há investigações no campo da sociolinguística (Orsini, 2011). Esta seção é reservada para fazer um levantamento geral dos trabalhos já existentes, bem como problematizar algumas questões que serão objeto de investigação nesta tese a partir dos capítulos seguintes.

2.3.1 Tópico Marcado: Pontes (1987)

Um dos trabalhos seminais sobre tópico no português brasileiro é o de Pontes (1987). A autora destaca que no português coloquial, o tópico exerce um papel de extrema importância. Ela investiga construções de tópico marcado que apresentam uma estrutura sintática na qual o constituinte com essa função encontra-se na posição inicial da sentença.

Segundo Pontes, qualquer sintagma nominal pode se deslocar para a posição de tópico e esse fenômeno pode ocorrer em orações de todos os tipos, inclusive encaixadas. Ainda, o elemento que assume a função de tópico na sentença pode estar em qualquer posição sintática: sujeito, objeto, adjunto, complemento, etc.

A autora levanta algumas possibilidades de tópico marcado no PB. Abaixo, apresentamos alguns exemplos dados pela autora em diversas posições sintáticas.

- (39) *Os livros*₁, eles₁ estão em cima da mesa.
- (40) *A Maria*₁, essa₁ não quer nada com o serviço.
- (41) *Quanto a mim*₁, estou me₁ lixando.
- (42) *Dessa cerveja*₁, eu não bebo t₁.¹⁵

Enquanto os sintagmas deslocados com função de tópico nas sentenças (39), (40) possuem a função de direcionar o ouvinte para o tema da conversa e não apresentam contraste, nas sentenças (41) e (42) o sintagma na função de tópico, segundo a autora, possui uma noção de contraste.

Pontes afirma que em PB, nas construções de tópico, diferentemente do inglês e semelhante ao chinês (Li e Thompson, 1976), a preposição pode ser suprimida e qualquer sintagma nominal pode ser tópico, seja sujeito, objeto, adjunto adnominal, complemento.

- (43) *Meu cabelo*₁, desta vez eu não gostei t₁ nem um pouco.
- (44) *Este negócio de tópico*₁, eu tô examinando t₁ desde o semestre passado.¹⁶

¹⁵ Exemplos dados por Pontes (1987).

¹⁶ Exemplos dados por Pontes (1987).

Os contextos acima indicam que o tópico deslocado tem a função indicar o assunto em discussão, sem necessariamente haver contraste. Outros exemplos dados pela autora para tópico deslocado sem contraste são os seguintes:

- (45) A: E a Rosa?
B: *A Rosa*₁ eu falei com ela₁ ontem.
- (46) A: Tô procurando a Vanda.
B: *A Vanda*₁ eu acho que t₁ tá dando aula.
- (47) A: Lá vem o atrasado do Maciel.
B: *O Maciel*₁ você acha que ele₁ é atrasado?

Nos exemplos acima, ao retomar o elemento já expressado anteriormente pela sentença, há uma indicação de que tal elemento seja o tópico da sentença, entretanto, a noção de contraste não é presente em tais respostas. Sentenças com deslocamento de tópico que não necessariamente apresentam contraste serão exploradas mais adiante, no capítulo 5.

Pontes apresenta, a partir dos dados levantados por ela, algumas características entre um e outro que diferenciam deslocamento com preenchimento de pronome de deslocamento sem. Segundo a autora, em sentenças com deslocamento com pronome, a função contrastiva é pouco frequente.

- (48) *Esse buraco*₁, menina, taparam ele₁ outro dia.

Na sentença acima, o sintagma ‘esse buraco’ não é contrastado com nenhum elemento disponível no discurso. O falante, ao deslocá-lo, direciona a atenção do ouvinte para esse sintagma, indicando que seja o tópico da sentença. Pontes destaca que sentenças de deslocamento com retomada de pronome que apresentam a noção de contraste são pouco frequentes em PB. Entretanto, apesar de serem poucos frequentes, a autora apresenta, como o exemplo acima, alguns poucos casos que essa noção está presente. Nos capítulos que seguem, investigaremos diversos contextos nos quais o sintagma deslocado é retomado por um pronome e, ainda assim, a noção de contraste é presente.

Em relação à função de contraste, nos casos de deslocamento sem pronome, essa noção tende a ocorrer, como pudemos ver em alguns exemplos citados acima. Entretanto, exemplos como (43) e (44) não parecem apresentar contraste.

O trabalho de Pontes (1987) é de extrema relevância para a pesquisa linguística no português brasileiro, dado que foi um dos primeiros a destacar e levantar particularidades do tópico em nossa língua. Os dados coletados por ela já serviram de ponto de partida para muitas pesquisas do PB. Para a presente pesquisa não é diferente. Os dados aqui destacados

servirão de base para análise e discussão semântico-pragmática do fenômeno de deslocamento que será realizada mais adiante, nos capítulos que seguem.

2.3.2 A articulação tópico e foco no PB: Ilari (1992)

Outra pesquisa de destaque em relação à articulação tópico e foco é a de Ilari (1992). Este trabalho é interessante por apresentar um panorama geral dos principais pesquisadores que investigaram esses fenômenos (Halliday, 1967; Jackendoff, 1972; entre outros). O autor assume que é possível identificar a articulação tema/remática a partir do teste pergunta/resposta.¹⁷

- (49) A: Cadê o livro?
B: *O livro*_T ESTÁ NA MESA_F.

Na resposta acima, em (49), o sintagma ‘o livro’ representa o tema, já que já está presente no discurso a partir da pergunta, enquanto a propriedade de “x estar na mesa” atribuída ao ‘livro’ é o rema, pois foi inserida no discurso a partir da pergunta.

O autor ressalta, ainda, que há dois recursos básicos para identificar tal articulação em PB: ordem de palavras e entoação. Ilari apresenta três distinções entonacionais que podem ocorrer em sentenças do PB: (i) unidade entonacional simples, (ii) unidade informativa complexa, (iii) unidade informativa colocada em contraste. Segue abaixo, os exemplos dados em Ilari, 1992, p. 47:

- (50) *Unidade entonacional simples:*
Com quem está o livro?
O livro está COM O PEDRO_F.
- (51) *Unidade informativa complexa (uma pausa):*
Com quem está o livro?
O livro[] está COM O PEDRO_F.
- (52) *Unidade informativa colocada em contraste:*
Com quem está o livro?
O livro está COM O PEDRO_F. (não o Paulo).

Para a proposta desta tese, as respostas em (50) e (51) indicam que o falante fez uso do foco não contrastivo, cuja a função é desencadear um conjunto de alternativas, das quais uma é afirmada e não há negação das demais, seja por correção ou por oposição. Por outro lado, (52) apresenta contraste e, portanto, indica que o falante esteja fazendo uso de uma estratégia de resposta, na qual responde afirmativamente sobre um indivíduo do conjunto e há

¹⁷ O autor utiliza-se dos termos tema e rema. Nesta pesquisa, fazemos a distinção tópico e foco, entretanto, não entraremos na discussão das diferenças e similaridades em cada um dos conceitos.

uma relação de correção ou oposição com a alternativa assertada. No contexto acima, há uma relação de oposição, já que a propriedade “o livro está com x” é atribuída a “Pedro” e não ao “Paulo”.

Ainda em relação à entonação, Ilari apresenta algumas características fonológicas da articulação informacional no português brasileiro. Segundo o autor, com base em Halliday (1967a) e Cagliari (1980), as características entoacionais de tema e rema são próximas da língua inglesa. Enquanto constituintes que representam tema ou tópico contrastivo apresentam pico de entonação ascendente, constituintes de rema ou foco possuem curvatura descendente. Menuzzi & Roisenberg (2010) retomam tal afirmação do autor e concordam com ele, apresentando as seguintes estruturas entoacionais para o PB. (Menuzzi & Roisenberg, 2010, p. 04)

(53) A: Quem encontrou a Maria?

B: a) O PAULO (encontrou a MARIA).

b) # *O Paulo* (encontrou a MARIA).

(54) A: Quem o Paulo encontrou?

B: a) # O PAULO encontrou a MARIA.

b) *O Paulo* encontrou a MARIA.

Nos exemplos acima dados por Menuzzi e Roisenberg, inspirados em Ilari, é possível identificar que enquanto o padrão entoacional de curvatura descendente é adequado para constituintes de foco, (53), o padrão entoacional ascendente é adequado para constituintes de tópico, (54).

Na presente tese, assumimos com Cagliari (1980), Ilari (1992) e Menuzzi e Roisenberg (2010) que o português brasileiro apresenta características prosódicas similares ao inglês no que diz respeito aos elementos de tópico contrastivo e foco da sentença, em que o primeiro apresenta curvatura ascendente e o último descendente.

Ainda sobre entonação, Ilari destaca o que chama de *orações enfáticas*. Segundo o autor, a ênfase que o falante dá a um constituinte vai identificá-lo se esse é tópico ou foco na sentença. Ainda, o autor afirma que tais marcações enfáticas identificam as diferentes formas de marcar contraste e o uso de estratégias conversacionais distintas. Compare as seguintes sentenças dadas pelo autor (Ilari, 1992, p. 153)

- (55) O Pedro morou 30 anos na terra do fogo.
- (56) O Pedro morou 30 NA TERRA DO FOGO.
- (57) O PEDRO morou 30 anos na terra do fogo

Na primeira sentença (55), não há ênfase em nenhum dos constituintes, portanto não há estratégia conversacional, nem marcação de contraste. A sentença (56), por outro lado, é empregada em um contexto no qual, há uma oposição da informação, em que o falante afirma tal sentença para corrigir a informação de que “O Pedro morou Groenlândia”. Ainda, (57), é empregada em um contexto que o falante contrapõe a informação de que Pedro morou 30 anos na terra do fogo, em oposição a “José”.

Por fim, no que diz respeito à topicalização e deslocamento, Ilari afirma que há pelo menos três padrões de deslocamento, um com retomada de pronome, (58), deslocamento com pronome preposicionado, (59), e deslocamento sem retomada de pronome, (60).

- (58) A: O que é que você vai deixar aos filhos?
B: Ao Pedro, vou deixar-lhe os títulos bancários, à Maria vou deixar-lhes as terras.
- (59) A: O que é que você vai deixar aos filhos?
B: O Pedro, vou deixar para ele os títulos bancários, a Maria vou deixar para ela as terras.
- (60) A: O que é que você vai deixar aos filhos?
B: Ao Pedro, vou deixar os títulos bancários, à Maria vou deixar as terras.

Para o autor as diferenças entre as três sentenças são apenas de conotação: social, de registro, e não discursiva. Entretanto, mais adiante, veremos que sentenças como acima, além de conotação social, apresentam distinções discursivas e características semântico-pragmáticas distintas. Ainda, seguindo Lambrecht (1981), o autor afirma que “a função dos tópicos é o estabelecimento de algum tipo de acordo comunicativo entre os participantes da interação verbal. Elevando um referente à condição de tópico, o falante deseja expressar algo como a noção seguinte: você quer saber alguma coisa sobre x, vamos falar sobre x, x é ...”. Ou seja, Ilari assume que a função do tópico é identificar o elemento sobre o qual se traz informações no discurso. Nesta tese, similarmente, assumimos que tópico em PB possui a função de *aboutness* (Reinhart, 1982), que indica o elemento sobre o que se fala na sentença.

2.3.3 Deslocamento de foco no PB: Miotto (2003)

Miotto (2003) destacou o fenômeno da focalização no português brasileiro. Para ele, foco é um conceito discursivo que se aplica ao constituinte que veicula a informação nova na sentença.

O foco pode ocorrer *in situ* ou deslocado. Foco *in situ* pode ser interpretado como foco de informação, contrastivo, exaustivo. Foco deslocado, que nos interessa nesta pesquisa, apresenta apenas interpretação contrastiva ou exaustiva, segundo o autor. Abaixo exemplos de foco *in situ* dados pelo autor (Miotto, 2003, p.170) na interpretação de foco de informação, (61), ou contrastivo, (62).

- (61) A: O que o João comprou?
B: O João comprou UM CARRO_F.

- (62) O João comprou UM CARRO_F, não um avião.

O autor afirma que sentenças como (61)B pode implicar exaustividade dependendo do contexto em que é utilizada. Se foco *in situ* pode veicular os três tipos de interpretação, foco deslocado, segundo o autor, apresenta apenas interpretação contrastiva ou exaustiva, como ilustrado nos exemplos dados em Miotto (2003, p. 172).

- (63) AQUELE CARRO_F o João comprou. (e não este)

Entretanto, como veremos mais adiante, nos capítulos que seguem, é possível haver foco deslocado sem que este apresente contraste. Em relação à estrutura sintática propriamente dita, Miotto, segue Rizzi (1997), para a divisão de projeções de CP, periferia esquerda da sentença e Belletti (2004), para a estrutura de projeções *v*P, denominada periferia baixa. O autor defende que em PB existem duas áreas onde a categoria FocP é projetada: uma na periferia esquerda da sentença, outra na periferia esquerda do *v*P. Para os casos de foco que veiculam informação contrastiva ou exaustiva, o constituinte com esta função é projetado para Spec de FocP na periferia esquerda da sentença. Segue abaixo a proposta de estrutura sintática dada por Miotto para constituintes de foco que veiculam tais informações.

- (64) S: UM CARRO_F (que) o João comprou (e não um avião).
E: [_{FocP} Um carro₁ (que) [_{IP} o João comprou t₁]].

Por outro lado, para a interpretação de foco de informação, o constituinte com função de foco é projetado para a posição de Spec de FocP da periferia esquerda do *v*P periferia baixa, (cf. Belletti, 2004) conforme mostra o exemplo dado pelo autor.

- (65) S: O João comprou UM CARRO_F.
E: [_{IP} O João comprou [_{FocP} um carro [_{vP} ...]]].

Nesta seção apresentamos a proposta sintática para constituintes do foco dada por Miotto (2003). Levantamos algumas questões em relação aos constituintes de foco deslocado,

se necessariamente veiculam contrastividade ou exaustividade e exploraremos mais adiante tais afirmações nos capítulos que seguem, mais precisamente nos capítulos 3 e 4.¹⁸

2.3.4 Perspectiva gerativa do tópico deslocado: Kato (1989, 1998)

A proposta de Kato (1989) é fazer uma análise do tópico marcado no português brasileiro, a partir de uma perspectiva gerativista, da teoria de princípios e parâmetros. A autora faz uma discussão se o sujeito e o tópico estão no mesmo nível sintático ou ocupam categorias distintas. Kato (1998) expõe algumas distinções nos níveis sintático, semântico e pragmático, que apresentamos nesta tese, a fim de identificar se as características de tópico se mantêm. Semanticamente, a autora afirma que tópico, e não sujeito, é sempre referencial. Para justificar, Kato apresenta as sentenças abaixo (Kato, 1998, p. 67). Em (66), o sintagma deslocado é definido e por isso a sentença é gramatical. A sentença (67), entretanto, é agramatical porque segundo a autora, a posição de tópico é exclusivamente para sintagmas referenciais e definidos.

(66) Os meninos₁, eles₁ preferem assistir o jogo.

(67) *Poucos meninos₁, eles₁ preferem assistir o jogo.

No entanto, nesta tese, defendemos que alguns tipos de sintagmas indefinidos podem assumir a função de tópico na sentença, diferentemente da autora que afirma que tópicos são necessariamente definidos, como podemos observar no exemplo abaixo:

(68) Alguns meninos₁, eles₁ preferem assistir o jogo.

Mais adiante, nos capítulos que seguem, faremos um levantamento e análise de contextos em que sintagmas indefinidos, em determinados contextos, podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença e ter a função de tópico.

Quanto às características sintáticas do tópico em PB, Kato declara que sintagmas tópicos não possuem diretamente papel argumental. O argumento associado ao tópico pode ser um pronome (69), um clítico (70), um epíteto (71), DP repetido (72) ou categoria vazia (73), como mostra os dados da autora (Kato, 1998, p. 68).

(69) *O Collor*₁, ninguém mais quer ver ele₁ de novo.

¹⁸ Há também, para o PB, o trabalho de Quarezemin (2009), que assume a proposta de Miotto para análise sintática de focos contrastivos e informativos. Quarezemin constatou, a partir de experimentos em forma de questionário, que os elementos focalizados em PB podem ser destacados na sentença pela estrutura sintática aberta (PF) ou pela combinação da prosódica com uma posição sintática específica de foco em LF. Além disso, a autora também observou que as estratégias para focalizar o constituinte na posição de objeto diferem das estratégias de focalizar o constituinte na posição de sujeito.

- (70) *O Collor*₁, ninguém mais quer vê-lo₁ de novo.
 (71) *O Collor*₁, ninguém mais quer ver o safado₁ de novo.
 (72) *O Collor*₁, ninguém mais quer ver o Collor₁ de novo
 (73) *O Collor*₁, ninguém mais quer ver t₁ de novo.

Nas sentenças acima, se não houver contexto que favoreça o contraste, ou seja, estabeleça uma relação de contraste por oposição ou correção com o indivíduo “Collor”, o sintagma deslocado representa um tópico não contrastivo, cuja função é direcionar a atenção do ouvinte para o referente deste sintagma, para depois lhe atribuir uma propriedade.

Em relação às características pragmáticas, Kato afirma que tópico marcado não pode fazer parte do foco. Para isso, a autora apresenta um contexto de foco amplo, em que toda a sentença representa informação nova (Kato, 1998, p. 68).

- (74) A: O que aconteceu?
 B: -*O BOLO_{F1}, A XUXU COMEU t₁.

A autora defende que se a sentença toda receber marcação de foco, não pode haver deslocamento. Nos capítulos posteriores, porém, mostraremos que sintagmas com função de foco podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença. É importante destacar que essa estrutura só é possível em contextos de foco estreito, em que o sintagma com função de foco seja um argumento e não toda a sentença.

Da proposta de Kato (1989; 1998), destacamos as características semânticas e pragmáticas de tópico dadas pela autora. Com relação à semântica do tópico, a autora defende que ele deve ser necessariamente definido. Levantamos, entretanto, que alguns sintagmas quantificados, como indefinidos por exemplo, podem assumir a função de tópico na sentença e serem deslocados para a periferia esquerda desta. Estes tipos de sintagmas serão investigados nos capítulos que seguem. Com relação à pragmática do tópico, concordamos com a autora quando afirma que o tópico não pode fazer parte do foco. Entretanto, defendemos que pode haver em PB deslocamento de foco para a periferia esquerda da sentença.

2.3.5 Proposta sociolinguística para deslocamento em PB: Orsini (2011)

Por fim, outra pesquisa que destacamos é a de Orsini (2011). Essa investigação se dá no campo da sociolinguística. A partir de experimentos com falantes do PB e de coleta de dados, a autora, assim como Pontes (1987), identifica que qualquer constituinte pode ocupar a posição de tópico na periferia esquerda da sentença, sendo que a maior ocorrência é de sintagma nominal. Observe, abaixo os exemplos coletados por Orsini, p 88.

- (75) *Sintagma nominal*
*As bolsas*₁ nós costumávamos dar t₁ (NURC-RJ)
- (76) *Pronome*
*Ele*₁ ela ajuda ele₁ também. (NURC-RJ))
- (77) *Sintagma oracional*
*Jogar*₁, minha irmã jogava₁ voleibol. (NURC-RJ)
- (78) *Sintagma preposicional*
*Do Nordeste*₁, eu num conheço Natal₁ como eu gostaria. (PEUL-RJ)
- (79) *Numeral*
*Trinta e alguma coisa*₁ já são velhos₁ pro futebol. (PEUL-RJ).

A pesquisa ainda revela que há preferência por deslocamento de tópicos definidos. A maioria das ocorrências foi de deslocamento de sujeito com preenchimento de pronome, 55% dos dados coletados (Orsini, 2011, p. 90).

- (80) O Nelson da Capitinga₁ ele₁ interpretava vários personagens. (NURC-RJ)

Apesar da grande maioria de casos de deslocamento encontrados por Orsini sejam de sintagmas definidos, a autora apresenta algumas sentenças cujo sintagma deslocado seja um nome nu.

- (81) *Sorvete*₁ não há quem não goste t₁ (NURC-RJ)
- (82) *Noite de verão*₁ a gente ficava todo mundo do lado de fora t₁. (NURC-RJ)
- (83) *Cigarro*₁ ela não suporta t₁. (PEUL-RJ)
- (84) *Uniforme*₁ você troca t₁. (NURC-RJ)

Sentenças, como as apresentadas de (81) a (84) serão objeto de nossa pesquisa, mais adiante, nos capítulos seguintes. Serão investigadas as propriedades semânticas de sentenças como essas e as restrições pragmáticas em contextos nos quais ocorrem sentenças com nome nu.

Orsini, a partir dos dados levantados, conclui que estruturas de deslocamento, tanto com pronome preenchido quanto sem, são muito produtivas no português brasileiro. Ocorrem em sua maioria com sintagmas definidos e estes sintagmas podem ter qualquer função sintática. Nossa tarefa, então, é identificar os fatores semânticos e pragmáticos que estão em torno de tal fenômeno.

2.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo teve como objetivo principal apresentar algumas teorias para o fenômeno do deslocamento para a periferia esquerda da sentença e fazer uma comparação

com pesquisas já realizadas no português brasileiro sobre deslocamento de elementos da estrutura informacional como tópico e foco.

Consideramos deslocamento um fenômeno sintático no qual um sintagma é deslocado para a periferia esquerda da sentença, e sua posição e origem pode ou ser preenchida por um pronome ou apresentar uma lacuna.

Em relação ao fenômeno do deslocamento, assumimos com Prince (1997) que tal fenômeno, com preenchimento de pronome no local de origem, ou por lacuna, estabelece uma relação entre o elemento deslocado e a propriedade expressada na parte final da sentença, sendo que o elemento deslocado é o argumento que satisfaz a propriedade inserida no discurso. Também, assumimos com a autora que o sintagma deslocado representa o elemento mais relevante para o discurso no momento do enunciado.

No que diz respeito à proposta cartográfica, dada por Rizzi (1997), que divide o CP em diversas categorias funcionais, identificamos que algumas características do italiano se mantêm no PB, como foco não ser retomado por pronome e não pode co-ocorrer com sintagmas interrogativos. No entanto, há diferenças entre as duas línguas, como o sintagma deslocado na função de tópico que pode tanto ser retomado por um pronome, quanto deixar um vestígio em seu local de origem.

Sobre o português brasileiro, pudemos observar que qualquer sintagma nominal pode assumir a função de tópico (Pontes, 1987; Orsini, 2011), inclusive um sintagma indefinido. Tópico e foco possuem uma proeminência entonacional peculiar que pode apresentar algumas variações, sem pausa, com pausa, em contexto de contraste (Ilari, 1992).

Em relação ao foco, Miotto (2003) defende que é o constituinte que representa a informação nova. Se é um foco contrastivo ou exaustivo, ocorre na periferia esquerda de CP. Se for simplesmente um foco de informação, ele ocorre na periferia baixa, de vP. Nesta pesquisa, diferentemente de Miotto, defendemos que sintagmas com função de foco podem ser deslocados para a periferia da esquerda sem apresentar a noção de contraste.

Assim como Pontes (1987), defendemos que há distinções semânticas e pragmáticas entre sentenças de deslocamento com preenchimento de pronome e sem preenchimento. Entretanto, defendemos que nem todos os contextos de deslocamento sem pronome apresentam contraste. Também, diferentemente da autora, defendemos que deslocamento sem pronome pode ocorrer também em casos em que o tópico já tenha essa função no discurso e não apenas em casos de mudança de tópico.

Com Kato (1989; 1998), assumimos que o tópico não pode fazer parte do foco, porém defendemos que sintagmas com função de foco podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença.

Sobre a pesquisa sociolinguística de Orsini (2011), destacamos que estruturas de deslocamento tanto com pronome preenchido quanto sem são muito produtivas no português brasileiro. Apesar de ocorrerem, em sua maioria, com sintagmas definidos, também foram encontrados dados com nomes nus, como demonstrado anteriormente nos exemplos de (81) a (84). Os dados e questões levantados neste capítulo subsidiarão as discussões e análises apresentadas nos capítulos posteriores.

CAPÍTULO 3: DESLOCAMENTO DE FOCO NÃO CONTRASTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

3.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo analisar contextos de deslocamento do português brasileiro, cujo sintagma deslocado para a periferia esquerda da sentença tenha a função discursiva de foco não contrastivo. Mais precisamente, buscaremos responder as seguintes perguntas: (i) é possível haver deslocamento de sintagmas com função de foco não contrastivo para a periferia esquerda da sentença?; (ii) a posição do sintagma com função de foco não contrastivo influencia na aceitabilidade da sentença?; (iii) exaustividade é uma inferência obrigatória em sentenças com deslocamento de foco não contrastivo? (iv) é possível haver sintagmas indefinidos com função discursiva de foco não contrastivo e esses podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença?

Assim como apresentado anteriormente, no capítulo 1, assumimos que foco não contrastivo evoca um conjunto de alternativas, asserta pelo menos uma alternativa e não nega nenhuma das demais. Ainda, o sintagma com função de foco não contrastivo não apresenta nenhuma relação de oposição ou correção com elementos disponíveis no contexto. Observe o exemplo a seguir, já apresentado no capítulo 1 e repetido aqui por conveniência.

- (1) A: Quem tava falando do João?
B: A MARIA_F ~~tava falando dele~~.
- (2) A: Quem tava falando do João?
B: A MARIA_{F1}, ela₁ tava falando dele.
- (3) $[[(2)B]]^f = \{ \text{A Maria tava falando do João, A Ana tava falando do João, O Pedro A Maria tava falando do João} \}$

Ao responder que “A Maria tava falando do João”, o falante evoca um conjunto de alternativas (Rooth, 1995), como o apresentado em (3). Destas, o falante asserta a alternativa sobre “o João” e deixa em aberto as demais, sem negar explicitamente nenhuma delas. Também não há relação nem de oposição nem de correção entre as alternativas. Esse valor de foco vale tanto para a resposta com sentença canônica, (1), como a resposta com deslocamento, (2). A diferença da resposta com deslocamento para a canônica é que existe uma maior dificuldade de cancelamento da exaustividade na sentença com deslocamento, o qual exploraremos nas seções a seguir. Contextos como esse, em que não há relação de oposição nem de correção entre o elemento deslocado e demais elementos no contexto, serão considerados contextos de foco não contrastivo, tal como observado no capítulo 1.

A proposta deste capítulo é investigar se há sentenças que apresentem deslocamento em PB, nos quais o sintagma deslocado tenha a função discursiva de foco e não apresente a noção de contraste. No diálogo acima, em (2)B, ao responder sobre o perguntado, o falante em B desloca o sintagma ‘A Maria’ para a periferia esquerda da sentença. Buscaremos responder quais as características semânticas e pragmáticas que estão em jogo neste contexto.

Para investigar este tipo de sentenças, o capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 3.2, analisaremos sentenças com deslocamento de foco não contrastivo definido nas diferentes posições sintáticas. Mais adiante, em 3.3, faremos uma discussão de deslocamento de foco não contrastivo indefinido. Por fim, em 3.4, apresentaremos um breve resumo do capítulo.

3.2 DESLOCAMENTO DE SINTAGMA DEFINIDO COM FUNÇÃO DE FOCO NÃO CONTRASTIVO

Nesta seção, analisaremos as características semânticas e pragmáticas de contextos que apresentem uma sentença com deslocamento, cujo sintagma deslocado seja definido e tenha a função de foco não contrastivo. Mais precisamente, observaremos se a posição original do sintagma deslocado influencia na aceitabilidade da sentença. Ressaltamos, entretanto, que a estrutura de foco não contrastivo deslocado não é a mais comum em PB, conforme os exemplos apresentados nesta tese e em trabalhos anteriores como Pontes (1987) e Orsini (2011). Na maioria dos casos, o deslocamento de foco apresenta contraste, que será investigado no próximo capítulo (capítulo 4). No entanto, mesmo que poucos, há casos de deslocamento de foco não contrastivo ou informacional e são esses que investigaremos neste capítulo.

3.2.1 Na posição de sujeito

Iniciaremos com contextos que apresentem deslocamento de foco na posição inicial de sujeito. Observe os diálogos abaixo, o primeiro sem deslocamento e o segundo com deslocamento retomado por pronome.

- (4) A: Quem convidou a Maria?
B: O JOÃO_F convidou a Maria.
- (5) A: Quem convidou a Maria?
B: O JOÃO_{F1}, ele₁ convidou a Maria.

Na resposta em (5), o sintagma deslocado tem a função de foco não contrastivo porque o indivíduo “o João” não estabelece nem relação de oposição nem de correção com nenhum outro indivíduo do discurso. Uma diferença entre a sentença canônica e a com deslocamento é que, na sentença com deslocamento, o falante opta por primeiramente inserir um indivíduo no discurso para depois lhe atribuir a propriedade de “x convidar a Maria”. Outra diferença entre as duas respostas é que apesar das duas apresentarem implicatura de exaustividade, em que “O João e ninguém mais convidou a Maria”, a sentença com deslocamento de foco retomado por pronome parece apresentar uma implicatura de exaustividade menos passível de cancelamento. Compare novamente os dois diálogos:

- (6) A: Quem convidou a Maria?
B: O JOÃO_F convidou a Maria. E o Paulo também convidou ela.
- (7) A: Quem convidou a Maria?
B: O JOÃO_{F1}, ele₁ convidou a Maria. E o Paulo também convidou ela.

Apesar da implicatura de exaustividade poder ser cancelada nos dois casos, a segunda sentença em (7)B parece ser menos natural para continuidade do discurso do que anterior, que apresenta uma sentença canônica no início. Desta maneira, sentenças com deslocamento apresentam inferência de exaustividade que não chega a ser pressuposição ou acarretamento, já que não podem ser canceladas no contexto, mas essa inferência é menos passível de cancelar do que em sentenças canônicas. Ainda, o valor de foco para (5)B - considerando que no domínio haja os indivíduos: João, Pedro e Paulo - é representado como segue.

- (8) $[[[(5)B]]^f = \{ \text{O João convidou a Maria, O Pedro convidou a Maria, O Paulo convidou a Maria} \}$

Dado o conjunto de proposições representado pelo valor de foco, o falante responde afirmativamente à proposição “O João convidou a Maria”. Além disso, há uma implicatura de que ele negue as demais proposições, ou seja, o João convidou a Maria e ninguém mais. Observemos se a sentença pode apresentar uma estrutura de deslocamento sem retomada de pronome.

- (9) A: Quem convidou a Maria?
B: O JOÃO_{F1}, []₁ convidou a Maria.

Apesar de ser menos natural do que a resposta com retomada de pronome, a sentença acima também é válida para responder (9)A. A mesma estratégia é utilizada de primeiramente inserir um indivíduo no contexto para posteriormente atribuir a propriedade dada pela

pergunta a esse. Neste caso também há implicatura de exaustividade e essa pode ser cancelada pelo contexto. O cancelamento é mais natural do que com retomada de pronome.

(10) A: Quem convidou a Maria?

B: O JOÃO, [] t_1 convidou a Maria. E o Paulo também convidou.

Nesta seção pudemos observar que, apesar de serem poucos os casos, é possível haver deslocamento de sintagma sujeito com função de foco não contrastivo para a periferia esquerda da sentença em PB. O deslocamento indica uma estratégia de primeiramente inserir um indivíduo no discurso para posteriormente lhe atribuir uma propriedade. Tal estratégia tem como objetivo colocar em evidência o indivíduo inserido no contexto. Exaustividade é presente nos contextos de deslocamento de foco não contrastivo e é menos passível de cancelamento do que sentenças canônicas.

3.2.2 Na posição de objeto

Observemos, se é possível deslocar o sintagma com função de foco não contrastivo na posição de objeto para a periferia esquerda da sentença.

(11) A: Quem o Pedro convidou?

B: Ele convidou A MARIA_F.

(12) A: Quem o Pedro convidou?

B: A MARIA_{F1} ele convidou t_1 .

No contexto acima, o falante poderia responder simplesmente com uma resposta canônica, como em (11), mas também tem a opção de responder com o sintagma deslocado. Entretanto, com deslocamento há contraste, porque com o deslocamento há uma indicação de que haja outros indivíduos no discurso, os quais o Pedro não tenha convidado. Ou seja, há uma relação implícita de oposição. Ainda, há implicatura de exaustividade, na qual a propriedade “Pedro convidou x” seja aplicada apenas ao indivíduo “A Maria”. No entanto, tal implicatura pode ser cancelada pelo contexto. Compare, os dois diálogos, um com sentença canônica e o outro com sentença com deslocamento.

(13) A: Quem o Pedro convidou?

B: Ele convidou A MARIA_F. E a Ana também.

(14) A: Quem o Pedro convidou?

B: A MARIA_{F1} ele convidou t_1 . E a Ana também.

Como podemos observar, apesar da exaustividade ser passível de cancelamento nos dois casos, no contexto com deslocamento, em (14), a exaustividade é menos passível de cancelamento do que (13).

Observe, a seguir, outro diálogo, na qual a resposta apresenta uma sentença com estrutura de deslocamento, a fim de verificarmos se há contextos de deslocamento de objeto com função de foco não contrastivo.

- (15) A: O que a Maria comprou na FNAC?
B: ESSE LIVRO_{F1}, a Maria comprou t₁ na FNAC.

Na sentença acima, o sintagma com função de foco, ao ser deslocado para a periferia esquerda da sentença, indica que o falante responde afirmativamente a uma das alternativas do valor de foco. Entretanto, para o exemplo acima, também fica implícito que “esse livro” esteja sendo contrastado com outros elementos disponíveis no discurso, em uma relação de oposição. O valor de foco para (15)B pode ser representado como segue:

- (16) $[[[(15)B]]^f = \{A \text{ Maria comprou esse livro, A Maria comprou aquele livro, A Maria comprou o outro livro}\}$

Com retomada de pronome, a sentença é agramatical, como podemos ver no diálogo, abaixo, em que resposta apresenta uma estrutura na qual o sintagma ‘esse livro’ que tem a função de foco, é retomado por um pronome.

- (17) A: O que você comprou na FNAC?
B: #ESSE LIVRO_{F1}, eu comprei ele₁ na FNAC.

Nesta seção pudemos observar que toda em sentença com deslocamento de foco na posição de fica implícita uma relação de contraste por oposição. Então, diferentemente da posição de sujeito, sintagmas com sua posição original de objeto deslocados para a periferia esquerda da sentença não apresentam função de foco não contrastivo. Exaustividade é presente nas sentenças com deslocamento de objeto, porém pode ser cancelada pelo contexto, o que indica que seja uma implicatura de exaustividade.

3.2.3 Em outras posições sintáticas

Outra estrutura a ser investigada é aquela que apresenta PP deslocado. Observe o contexto abaixo, no qual a resposta apresenta o sintagma com função de foco, em sua posição original de PP deslocado para a periferia esquerda da sentença. Primeiramente, observe a resposta com a sentença canônica, para depois compará-la com a deslocada.

- (18) A: De quem o João tava falando?
B: Ele tava falando DA MARIA_F.
- (19) A: De quem o João tava falando?
B: DA MARIA_{F1}, ele tava falando t₁.

A sentença deslocada envolve contraste, já que fica implícito que o indivíduo ‘A Maria’ esteja sendo contrastada com algum outro indivíduo do discurso e esse contraste se dá a partir de uma relação de oposição. Em um contexto no qual o falante insere outro indivíduo na pergunta, a conversa poderia continuar como segue.

- (20) A: De quem o João tava falando? Era da Paula?
B: DA MARIA_{F1}, ele tava falando t₁, não da Paula.

Ainda, a resposta (19)B apresenta uma implicatura de exaustividade que pode ser cancelada no contexto, porém, em um nível menor do que o cancelamento da exaustividade da resposta canônica, como podemos observar a seguir.

- (21) A: De quem o João tava falando ontem?
B: Ele tava falando DA MARIA_F. E da Ana também.

- (22) A: De quem o João tava falando ontem?
B: DA MARIA_{F1}, ele tava falando t₁. E da Ana também.

Considerando que no domínio haja os seguintes indivíduos: Ana, Maria e Paula, o valor de foco para (19)B é:

- (23) $[[[(19)B]]^f = \{ \text{O João tava falando da Maria, O João tava falando da Ana, O João tava falando da Paula} \}$

Ao responder B, o falante responde afirmativamente a proposição “O João tava falando da Maria” e, pela implicatura de exaustividade, nega as demais.

Se ao invés de deslocamento de PP, tivermos uma estrutura, na qual o sintagma deslocado seja um DP, com preposição, a resposta é aceitável, e mais que isso, o sintagma no início da sentença apresenta a função de foco não contrastivo.

- (24) A: De quem o João tava falando ontem?
B: A MARIA_{F1}, ele tava falando dela₁.

No contexto acima, o sintagma deslocado na resposta em B apresenta a função de foco não contrastivo, que evoca um conjunto de alternativas, afirma uma delas e deixa as demais sem informação. Não apresenta relação de oposição nem de correção entre as alternativas. A função do deslocamento é primeiramente inserir o indivíduo “a Maria” no discurso para depois atribuir a ela a propriedade dada pela pergunta “o João tava falando de x”.

Se a estrutura em vez de um pronome apresentar uma lacuna, por outro lado, a resposta é bastante estranha, como podemos observar no diálogo que segue:

- (25) A: De quem o João tava falando ontem?

B: ?A MARIA_{F1}, ele tava falando t₁.

A sentença acima não parece ser a mais natural. Entretanto, mesmo que ela seja considerada gramatical, o deslocamento do sintagma na posição de objeto implica em contraste, já que fica implícito que há uma relação de oposição entre o indivíduo “A Maria” e outros indivíduos disponíveis no discurso.

Se em vez de nome próprio, tivermos uma descrição definida deslocada, o comportamento é semelhante. A resposta com a preposição deslocada juntamente com o DP, (26), indica contraste em uma relação de oposição com outros elementos disponíveis no discurso. A resposta com o DP deslocado sem a preposição com retomada do pronome, (27), indica que o sintagma deslocado tem a função de foco não contrastivo. Por fim, DP deslocado sem a preposição e com vestígio no local de origem do sintagma deslocado, apesar de não ser o mais natural, é aceitável (28).

(26) A: Do que você precisa?

B: DO LIVRO DE SEMÂNTICA_{F1}, eu preciso t₁.

(27) A: Do que você precisa?

B: O LIVRO DE SEMÂNTICA_{F1}, eu preciso dele₁.

(28) A: Do que você precisa?

B: ?O LIVRO DE SEMÂNTICA_{F1}, eu preciso t₁.

Nesta seção, pudemos observar que PP deslocado implica em contraste. Se em vez de PP, o sintagma deslocado não apresentar a preposição de origem, com retomada de pronome, o sintagma tem a função de foco não contrastivo. Há implicatura de exaustividade tanto nas sentenças com deslocamento de PP quanto nas sentenças com deslocamento de DP sem preposição. Apresentamos, a seguir um resumo das conclusões obtidas na seção 3.2.

DESLOCAMENTO DE FOCO NÃO CONTRASTIVO EM PB			
SINTAGMA	SEM PRONOME	COM PRONOME	INFERÊNCIA DE EXAUSTIVIDADE
DP sujeito	OK	OK	Implicatura
DP objeto	Implica em contraste	OK	Implicatura
PP objeto	Implica em contraste	Agramatical	Implicatura
DP sem preposição	?	OK	Implicatura

3.3 DESLOCAMENTO DE SINTAGMA INDEFINIDO COM FUNÇÃO DE FOCO NÃO CONTRASTIVO

Outra questão a ser investigada na tese é se definitude influencia na interpretação de sentenças com deslocamento em PB. Mais especificamente, investigaremos se indefinidos deslocados para a periferia esquerda da sentença podem ser focos não contrastivos, que selecionam um conjunto de alternativas, sem negar alguma dessas alternativas, nem estabelecer relação de oposição ou correção entre elas. Ainda, observaremos se há diferenças entre deslocamento de definido em indefinido.

3.3.1 A posição do foco não contrastivo indefinido

Esta seção tem por objetivo investigar se a posição de origem do sintagma indefinido deslocado influencia na aceitabilidade da sentença. Primeiramente, investigaremos uma sentença na qual o sintagma deslocado seja um indefinido na posição de sujeito. Imagine um contexto no qual dois amigos estão conversando sobre viagens e lugares interessantes de se conhecer. Um deles tem interesse de fazer uma viagem a Paris e então faz a pergunta “Quem foi para Paris?”. O falante em B pode tanto dar uma resposta canônica, como em (29)B, quanto com deslocamento, como em (30)B.

- (29) A: Quem foi pra Paris?
B: UMA MENINA QUE ESTUDOU COMIGO_F foi pra Paris.
- (30) A: Quem foi pra Paris?
B: UMA MENINA QUE ESTUDOU COMIGO_{F1}, ela₁ foi pra Paris.

As duas respostas são adequadas. A resposta com deslocamento, em especial, indica que o falante insere um referente no contexto e consequentemente atribui a propriedade disponibilizada pela pergunta “x foi pra Paris”. O sintagma deslocado acima tem a função de foco não contrastivo porque, ao afirmar uma das alternativas, não necessariamente outra alternativa é negada. Além disso, não há relação nem de oposição nem de correção entre o indivíduo destacado e outros indivíduos. A resposta é exaustiva, entretanto a inferência de exaustividade pode ser cancelada no contexto.

- (31) A: Quem foi pra Paris?
B: UMA MENINA QUE ESTUDOU COMIGO_{F1}, ela₁ foi pra Paris. E um outro amigo meu também foi.

No contexto acima, a implicatura de exaustividade, em que a propriedade “x foi pra Paris” é aplicada apenas ao referente do sintagma deslocado ‘uma menina que estudou

comigo’, é cancelada, já que a segunda sentença afirma que tal propriedade também é aplicada a outro indivíduo inserido no discurso.

A conversa pode continuar em torno do novo indivíduo inserido no discurso, como podemos observar no contexto abaixo, em que o discurso é direcionado para trazer informações sobre o indivíduo introduzido pelo foco deslocado.

(32) A: Quem foi pra Paris?

B: UMA MENINA QUE ESTUDOU COMIGO₁, ela₁ foi pra Paris. Ela foi fazer doutorado na universidade de lá.

Ainda, essa estrutura pode ser retomada por um pronome, como podemos observar no diálogo a seguir, em que a posição original do sintagma indefinido deslocado é retomada por um pronome resumptivo.

(33) A: Quem foi pra Paris?

B: UMA MENINA QUE ESTUDOU COMIGO_{F1}, []₁ foi pra Paris.

A sentença acima, em B é adequada, assim como a estrutura de deslocamento com retomada de pronome. Também há uma implicatura de exaustividade que pode ser cancelada pelo contexto.

(34) A: Quem foi pra Paris?

B: UMA MENINA QUE ESTUDOU COMIGO_{F1}, []₁ foi pra Paris. E um outro amigo meu também foi.

Além dessa, outra sentença, investigada por Negrão (1992) e Nasser (2007), que consiste em uma estrutura existencial, seguida de relativa, também pode apresentar foco não contrastivo deslocado. O contexto pode ser considerado o mesmo narrado anteriormente.

(35) A: Quem foi pra Paris?

B: TEM UMA MENINA QUE ESTUDOU COMIGO₁ que t₁ foi pra Paris

A estrutura acima, segundo Negrão (1992), tem a função de introduzir um referente na conversação, em nosso exemplo “uma menina”, para depois trazer informações sobre ela. A informação é que a propriedade de “x ter ido pra Paris”, disponibilizada pela pergunta, é atribuída à menina introduzida pela sentença existencial. Nasser (2007) complementa a proposta afirmando que existe uma máxima pragmática cognitivamente motivada que faz com que o falante primeiramente introduza um referente no discurso para depois trazer informações sobre ele.

A função da estrutura acima é bastante próxima da função de *aboutness* dada por Reinhart (1982), que assumimos nesta tese ser a função de tópico não contrastivo. Como

vimos anteriormente, no capítulo 1, a função de *aboutness* é primeiramente direcionar a atenção do ouvinte para determinado elemento para posteriormente atribuir-lhe uma propriedade. A diferença da função dada pelas autoras para a sentença em (35)B é que, enquanto tópico não contrastivo direciona a atenção do ouvinte para um elemento já disponível no discurso, a estrutura existencial, segundo Nasser e Negrão, introduz um novo elemento no discurso. Por essa função, que é idêntica à função de foco não contrastivo nos exemplos anteriores, consideramos que sentenças como (35)B possuem foco não contrastivo e não tópico não contrastivo.

Além disso, consideramos que as demais estruturas com deslocamento de foco não contrastivo aqui apresentadas, tanto com sintagma definido, quanto com sintagma indefinido, também apresentam essa estratégia, de primeiramente inserir um indivíduo no discurso para em seguida atribuir uma propriedade a ele. Ainda em relação à estrutura existencial na posição original de sujeito, com retomada de pronome a estrutura também é possível, como podemos observar no contexto que segue.

- (36) A: Quem foi pra Paris?
B: TEM UMA MENINA QUE ESTUDOU COMIGO₁ que ela₁ foi pra Paris.

Como podemos observar, a estrutura da relativa também pode ser retomada pronome. A resposta em B parece ser um pouco estranha, entretanto, se a pergunta não for de constituinte, a resposta é mais natural.

- (37) A: Você conhece alguém que foi pra Paris?
B: TEM UMA MENINA QUE ESTUDOU COMIGO₁ que ela₁ foi pra Paris.

Na posição de objeto também é possível deslocar o sintagma indefinido para a periferia esquerda da sentença. Compare, a seguir, os dois contextos, o primeiro, em (38), sem deslocamento e o segundo, em (39), com deslocamento.

- (38) A: Quem o João convidou pra festa?
B: Ele convidou UMA MENINA DO TERCEIRO ANO.
(39) A: Quem o João convidou pra festa?
B: UMA MENINA DO TERCEIRO ANO₁, ele convidou t₁.

O deslocamento de indefinido na posição de objeto, assim como deslocamento de definido nessa posição, apresenta a noção de contraste implícita, o que não ocorre no diálogo em que a resposta é uma sentença canônica. Isto porque, ao deslocar, fica implícito que há um indivíduo disponível no discurso ao qual não é atribuída a propriedade “O João convidou x pra festa”. Esse contraste pode ser explicitado como segue:

(40) A: Quem o João convidou pra festa?

B: UMA MENINA DO TERCEIRO ANO₁, ele convidou t₁. Não o cara do quarto ano.

Se a estrutura de deslocamento for com retomada de pronome, entretanto, a sentença não é adequada. Observemos o diálogo que segue.

(41) A: Quem o João convidou pra festa?

B: #UMA MENINA DO TERCEIRO ANO₁, ele convidou ela₁.

Na resposta acima, assim como deslocamento de objeto definido com retomada de pronome, a sentença não é adequada. Se a estrutura de resposta for a existencial seguida de relativa, por sua vez, a sentença é adequada e não há contraste. Sendo assim, o sintagma deslocado tem a função discursiva de foco não contrastivo.

(42) A: Quem o João convidou pra festa?

B: TEM UMA MENINA DO TERCEIRO ANO₁, que ele convidou t₁.

Entretanto, a resposta da estrutura composta por relativa com pergunta de constituinte não parece ser natural. Se a pergunta não for de constituinte, a resposta é mais adequada.

(43) A: Você sabe se o João convidou os alunos dos outros anos pra festa?

B: TEM UMA MENINA DO TERCEIRO ANO₁, que ele convidou t₁.

Na resposta acima, o falante, ao deslocar o sintagma indefinido para o início da sentença, introduz um referente no discurso, “uma menina x do terceiro ano”, para depois lhe atribuir a propriedade de “O João convidar x”.

Na posição de objeto, a estrutura existencial com retomada de pronome também é adequada, como podemos ver no diálogo abaixo.

(44) A: Você sabe se o João convidou os alunos dos outros anos pra festa?

B: TEM UMA MENINA DO TERCEIRO ANO₁, que ele convidou ela₁.

Nesta seção pudemos comparar as particularidades de deslocamento de indefinido, considerando sua posição sintática original. Pudemos observar que, se o sintagma deslocado tinha como posição de origem a de sujeito, a função do deslocamento é direcionar a atenção do ouvinte para esse novo referente, sem necessariamente implicar em contraste. Por outro lado, se a posição original do sintagma indefinido deslocado for a de objeto, o deslocamento apresenta a noção de contraste. Sentença com deslocamento de sujeito indefinido aceita retomada de pronome, enquanto deslocamento de objeto indefinido não. Se a sentença apresentar a estrutura de existencial mais relativa, tanto deslocamento de sujeito quanto de

objeto apresentam função de foco não contrastivo, já que primeiramente introduz um referente no discurso para depois lhe atribuir uma propriedade. Essa estrutura é possível tanto com retomada de pronome quanto sem. Sentenças que apresentam estrutura existencial com relativa são as que melhores expressam tópico não contrastivo em PB.

Abaixo, apresentamos uma tabela com o resumo das conclusões obtidas nesta seção.

DESLOCAMENTO DE FOCO NÃO CONTRASTIVO INDEFINIDO EM PB		
SINTAGMA	SEM PRONOME	COM PRONOME
DP sujeito	OK	OK
DP objeto	Implica em contraste	*
Estrutura existencial com relativa – sujeito	OK	OK
Estrutura existencial com relativa – objeto	OK	OK

Comparando os resultados dessa tabela com a tabela de deslocamento de foco não contrastivo definido não identificamos diferenças entre um e outro. Dessa maneira, podemos afirmar que, em relação à posição original do sintagma deslocado, sintagmas indefinidos e definidos apresentam características semelhantes.

3.3.2 Leitura específica x leitura não específica de foco não contrastivo

Até agora levantamos contextos apenas de sintagmas indefinidos específicos e pudemos observar que esse tipo de indefinido pode ser deslocado para a periferia esquerda da sentença. Entretanto, indefinidos também podem apresentar leitura não específica. A leitura específica ocorre quando há um indivíduo particular, seja esse conhecido ou não do falante. Já na leitura não específica, não há um indivíduo particular disponível no mundo.

(45) A Maria quer se casar com um médico.

A sentença acima pode apresentar tanto a leitura específica quanto a não específica. Se existe um indivíduo particular que seja médico, com quem a Maria quer se casar, por exemplo, com o João, a leitura é específica (46). Por outro lado, se a Maria quer se casar com um indivíduo que tenha a propriedade de ser médico, mas não há um indivíduo particular no mundo com quem Maria queira se casar, a leitura é não específica (47).

(46) A Maria quer se casar com um médico, o João.

(47) A Maria quer se casar com um médico, seja ele quem for.

Para os propósitos dessa tese, entenda-se que especificidade está relacionada à noção de escopo. Então, se o sintagma indefinido tem escopo sobre outro quantificador ou operador, a leitura é específica. Se estiver abaixo do escopo de outro operador, a leitura é não específica.

Para a sentença em (45), a leitura específica é representada em (48) e a não específica em (49).

- (48) $\exists x: x \text{ é médico} \ \& \ \forall w' \in W: w' \text{ é compatível com os desejos da Maria} \rightarrow \text{Maria quer casar com } x \text{ em } w'$ ¹⁹
- (49) $\forall w' \in W: w' \text{ é compatível com os desejos da Maria} \rightarrow \exists x: x \text{ é médico} \ \& \ \text{Maria quer casar com } x \text{ em } w'$

A forma lógica apresentada em (48), indica que existe um indivíduo que tem a propriedade de ser médico, tal que para todos os mundos possíveis compatíveis com os desejos de Maria, ela quer se casar com esse médico. Em (49), por sua vez, a forma lógica pode ser parafraseada por: para todos os mundos possíveis, compatíveis com os desejos de Maria, há um indivíduo qualquer, com quem ela queira se casar. Ou seja, na leitura específica, há um indivíduo médico com quem a Maria quer se casar e na leitura não específica, a Maria quer se casar com um indivíduo qualquer, desde que ele tenha a propriedade de ser médico. Observemos um contexto no qual o indefinido acima seja deslocado para a periferia esquerda da sentença.

- (50) A: Com quem a Maria quer casar?
B: COM UM MÉDICO_{F1} a Maria quer casar t_1 .
- (51) A: Com quem a Maria quer casar?
B: COM UM MÉDICO_{F1} a Maria quer casar t_1 . O João.
- (52) A: Com quem a Maria quer casar?
B: COM UM MÉDICO_{F1} a Maria quer casar t_1 . Seja ele quem for

Nos exemplos acima, em (51), que apresenta uma leitura específica, o falante introduz um referente no discurso e lhe atribui a propriedade inserida na pergunta “a Maria quer casar com x”. Já em (52), com leitura não específica, o falante introduz um conjunto de indivíduos no discurso, o conjunto de médicos e afirma que pelo menos um desses indivíduos possui a propriedade de “A Maria quer casar com x”.

No contexto de leitura específica (51)B, como já mencionado, há uma implicatura de exaustividade, já que a interpretação é de que a propriedade de “a Maria quer casar com x” é aplicada exclusivamente ao indivíduo que seja médico. Entretanto, por ser uma implicatura, a exaustividade pode ser cancelada, como podemos observar a seguir.

- (53) A: Com quem a Maria quer casar?

¹⁹ Para esta representação foi utilizada a proposta de semântica intensional que trabalha com conjuntos de mundos possíveis para descrever sentenças com verbos de atitude proposicional.

B: COM UM MÉDICO_{F1} a Maria quer casar t_1 . E com UM EMPRESÁRIO_F também.

É claro que o enunciado acima pode ter uma interpretação de que a pessoa com quem a Maria quer se casar acumule as propriedades de ser médico e ser empresário. Entretanto, saindo dos padrões convencionais de nossa sociedade, também pode haver uma leitura de que a propriedade de “a Maria se casar com x” pode ser aplicada tanto a um indivíduo que tem a propriedade de “ser médico” quanto a um indivíduo que tem a propriedade de “ser empresário” e esses serem indivíduos distintos. Tal possibilidade indica que exaustividade no contexto acima pode ser cancelada.

Observemos outros contextos que favoreçam a leitura não-específica, a fim de verificar se é possível haver deslocamento com foco não contrastivo. Imagine um contexto no qual o João, estudante de linguística, para alcançar a nota necessária na disciplina tenha de ler algum artigo do Chomsky e fazer uma resenha desse artigo. Pedro pergunta qual artigo do Chomsky o João tem que ler. Marcos, então, responde com a seguinte sentença:

- (54) O João tem que ler UM ARTIGO DO CHOMSKY_F, seja ele qual for.
- (55) UM ARTIGO DO CHOMSKY_{F1}, o João tem que ler t_1 , seja ele qual for.

Tanto a sentença sem deslocamento, quanto a sentença com são adequadas para o contexto dado. Entretanto, se o falante tiver o interesse de primeiramente inserir um elemento no contexto “um artigo do Chomsky”, a sentença com deslocamento é mais adequada. Pela continuidade do discurso, podemos afirmar que se trata de um sintagma indefinido não específico. Ainda, o deslocamento não apresenta contraste, o que nos faz afirmar que estamos diante de um caso de foco não contrastivo. Sentenças como a resposta em (55), com deslocamento de sintagma indefinido, como já vimos anteriormente, não podem ser retomados por pronome.

- (56) #UM ARTIGO DO CHOMSKY_{F1}, o João tem que ler ele₁, seja ele qual for.

A mesma sentença, ainda, pode apresentar um contexto que prevaleça a interpretação específica. Imaginemos o seguinte contexto: O João precisa estudar para a prova de linguística que ocorrerá na semana que vem. O Paulo, seu amigo, quer se informar sobre as leituras que o João precisa fazer. Pergunta, então, para Maria, uma das colegas de faculdade do João, que leituras o João precisa fazer para estudar para a prova. Maria, então profere a sentença como segue.

- (57) O João tem que ler UM ARTIGO DO CHOMSKY_F, aquele que foi discutido na última aula.

- (58) UM ARTIGO DO CHOMSKY_{F1}, o João tem que ler t₁, aquele que foi discutido na última aula.

Para o contexto acima descrito, tanto a sentença sem deslocamento, quanto sem são adequadas. Entretanto, a sentença com deslocamento é mais natural apenas em um contexto em que haja uma implicatura de exaustividade, na qual, o falante tenha de ler “um artigo do Chomsky” e nada mais. Neste caso, além da exaustividade, o contraste está presente, já que “um artigo do Chomsky” é contrastado com todos os demais elementos do conjunto disponível. Neste contexto, então, a leitura específica está favorecendo o contraste.

Na leitura específica, assim como a sentença que apresenta leitura não específica, o sintagma indefinido deslocado na sentença não pode ser retomado por pronome.

- (59) #UM ARTIGO DO CHOMSKY_{F1}, o João tem que ler ele₁, aquele que foi discutido na última aula.

Nesta seção, pudemos observar que sintagmas indefinidos deslocados podem apresentar tanto a leitura específica quanto a não específica. Nos casos de leitura específica, o falante introduz um referente no discurso para depois lhe atribuir uma propriedade. Essa leitura ocorre mais nos casos de foco contrastivo. Em leitura não específica, o falante introduz um conjunto de indivíduos no discurso e aponta que pelo menos um desses indivíduos tem a propriedade atribuída por ele. Neste caso, a função do elemento deslocado é de foco não contrastivo.

3.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo teve como objetivo investigar o deslocamento de sintagmas com função de foco não contrastivo, sendo esses sintagmas definidos ou indefinidos. Pudemos observar que, mesmo sendo poucos casos, é possível haver sentença com deslocamento de foco não contrastivo para a periferia esquerda da sentença, cuja função é introduzir um indivíduo, para depois lhe atribuir uma propriedade. Tal função tem o objetivo de evidenciar o elemento deslocado.

No que diz respeito à posição original do sintagma, pudemos identificar que sintagmas definidos na posição de sujeito deslocados podem ter a função de foco não contrastivo tanto em sentenças com retomada de pronome quanto sem. Na posição de objeto ou PP deslocado o sintagma deslocado não apresenta função de foco não contrastivo, pois há contraste implícito. Uma sentença que apresenta foco não contrastivo é aquela em que a

estrutura possui um DP deslocado sem a preposição de sua posição original, com retomada de pronome.

Com relação ao deslocamento de sintagma indefinido, sujeito deslocado retomado por pronome tem a função de foco não contrastivo em alguns contextos. Se o sintagma deslocado ter sua posição de origem como a de objeto, entretanto, o deslocamento sem retomada de pronome apresenta contraste, se houver uma lacuna no local de origem do sintagma deslocado. Se houver retomada de pronome, entretanto, o sintagma indefinido deslocado pode apresentar a função discursiva de foco não contrastivo. Uma estrutura que apresenta a função de foco não contrastivo é a existencial mais relativa, tanto com deslocamento de sujeito quanto de objeto.

Comparando deslocamento de definido com deslocamento de indefinido, não foram identificadas diferenças substanciais, no que diz respeito a posição original do sintagma deslocado.

Pudemos também identificar que os sintagmas indefinidos deslocados podem ter tanto leitura específica quanto não específica. Na leitura específica, o falante introduz um referente no discurso para depois lhe atribuir uma propriedade. Por outro lado, na leitura não específica, o falante introduz um conjunto de indivíduos no discurso e aponta que pelo menos um desses indivíduos tem a propriedade atribuída por ele.

CAPÍTULO 4: DESLOCAMENTO DE FOCO CONTRASTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

4.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo investigar sentenças com deslocamento nas quais o sintagma deslocado tenha a função de foco contrastivo. Mais precisamente, buscaremos responder às seguintes perguntas: (i) é possível haver deslocamento de sintagmas com função de foco contrastivo para a periferia esquerda da sentença?; (ii) a posição do sintagma com função de foco contrastivo influencia na aceitabilidade da sentença?; (iii) exaustividade é uma inferência obrigatória em sentenças com deslocamento de foco contrastivo?. (iv) é possível haver sintagmas indefinidos ou nominais nus com função discursiva de foco contrastivo e esse podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença?

Foco contrastivo nesta pesquisa, conforme apresentado no capítulo 1, apresenta um conjunto de alternativas, no qual deve haver pelo menos uma das alternativas negadas no contexto, implícita ou explicitamente. Esse contraste pode ocorrer a partir de oposição entre as alternativas ou correção de uma asserção dada no contexto. Um exemplo de foco contrastivo, cuja relação de contraste é dada a partir de correção (Repp, 2014), é dado a seguir:

- (1) A: A Maria chegou.
B: A ANA_{FC} chegou, (não a Maria)
- (2) $[[(29)B]]^f = \{ \text{A Maria chegou, A Ana chegou, A Marta chegou} \}$

Em (29), o falante B, ao ouvir a declaração de A sobre “a Maria”, afirma que “a Ana chegou”, corrigindo a informação assertada anteriormente. Desta maneira, afirma que a propriedade “x chegou” é aplicada à “Ana” e não à “Maria”. Com isso, o falante estabelece uma relação de contraste por correção, já que, segundo Repp, 2014, em uma relação de correção, a verdade de uma proposição implica na falsidade da proposição dada. No exemplo acima, ao afirmar que a propriedade “x chegou” se aplica à Ana, o falante declara que a proposição dada anteriormente é falsa.

Uma outra possibilidade de contexto no qual ocorra foco contrastivo, como vimos no capítulo 1, é quando o conjunto de alternativas é delimitado explicitamente discurso. Ao escolher uma das alternativas, o falante nega implicitamente as demais alternativas.

- (3) A: Qual aluna chegou, a Maria ou a Ana?
B: A ANA_{FC} chegou.

- (4) $[(31)B]^f = \{A \text{ Maria chegou, } A \text{ Ana chegou}\}$

Em (31)B, ao afirmar sobre a Ana o falante deixa implícito que a Maria não tenha chegado. Com isso, estabelece uma relação de oposição entre os dois indivíduos disponíveis. Uma relação de oposição implica em dois indivíduos fazerem contribuições opostas à pergunta em discussão. Desta maneira, por haver essa relação de oposição entre os indivíduos, o sintagma marcado tem a função discursiva de foco contrastivo. No exemplo acima, a pergunta em discussão é dada explicitamente “Quais alunas chegaram, a Maria ou a Ana?” e a alternativa em relação à “Ana” é avaliada como verdadeira, enquanto a alternativa em relação à “Maria” é avaliada como falsa.

Outro exemplo de foco contrastivo dado no capítulo 1 é a negação explícita de uma das alternativas dadas pelo contexto, conforme apresenta o diálogo a seguir:

- (5) A: Qual aluna chegou, a Maria ou a Ana?
B: A ANA_{FC} chegou. A Maria não chegou ainda.

O falante em (33)B não apenas responde que a Ana chegou, mas também justifica que a Maria não chegou. Desta maneira, sendo a pergunta “Qual aluna chegou, a Maria ou a Ana?”, há uma afirmação em relação à “Ana” e uma negação em relação à “Maria”, sem necessariamente a verdade de uma proposição implicar na falsidade da outra.

Um dos contextos investigados neste capítulo é o dado a seguir, em que há uma sentença, cujo sintagma com marcação de foco contrastivo é deslocado para a periferia esquerda da sentença.

- (6) A: Qual dos amigos, João convidou?
B: A MARIA_{FC1} ele convidou t₁.

No diálogo acima, o sintagma deslocado apresenta marcação de foco e estabelece uma relação de oposição com outros indivíduos do discurso, já que o elemento “Maria” é contrastado com os outros elementos do conjunto de amigos disponível, em que a propriedade é aplicada à “Maria”, mas não é aplicada aos demais indivíduos.

O objetivo deste capítulo é investigar as restrições e particularidades de sentenças como (6)B, que apresentam deslocamento de foco contrastivo para a periferia esquerda da sentença. Observaremos se a posição inicial do sintagma deslocado interfere ou não na aceitabilidade da sentença. Ainda se sintagmas indefinidos e nomes nus podem ser deslocados para a periferia esquerda e quais são as restrições sintáticas e pragmáticas que ocorrem.

Para tanto, o capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 4.2, investigaremos contextos que apresentem sentenças com um sintagma definido deslocado nas

diferentes posições sintáticas. Mais adiante, na seção 4.3, serão observadas sentenças cujo sintagma deslocado seja um sintagma indefinido com função de foco contrastivo. Serão investigados, ainda, contextos de leitura específica e não específica de indefinido deslocado com função discursiva de foco contrastivo. Na seção 4.4, serão investigadas sentenças cujo sintagma deslocado seja um nominal nu em diversos contextos. Por fim, em 4.5, será apresentado um breve resumo com as principais conclusões do capítulo.

4.2 DESLOCAMENTO DE SINTAGMA DEFINIDO COM FUNÇÃO DE FOCO CONTRASTIVO

Esta seção é reservada para investigar as sentenças com deslocamento no português brasileiro, nas quais o sintagma deslocado seja definido e tenha a função discursiva de foco contrastivo. Mais precisamente, investigaremos as retrições semânticas e pragmáticas do sintagma deslocado, considerando a posição sintática que ocupa. Observaremos se a posição original do sintagma deslocado influencia na aceitabilidade da sentença.

4.2.1 Na posição de sujeito

Iniciaremos com um contexto em que o conjunto é delimitado explicitamente. Observe o diálogo abaixo.

- (7) A: Quais dos seus amigos foram pra festa, o João ou a Maria?
B: O JOÃO_{FC} foi ~~pra festa~~.

A sentença sem deslocamento somente é natural se o falante não a pronunciar completamente, omitindo o complemento do verbo. Entretanto, se a intenção do falante for primeiramente direcionar a atenção do ouvinte para novo referente, para depois lhe atribuir uma propriedade, a resposta com deslocamento, como a abaixo é a mais adequada.

- (8) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?
B: O JOÃO_{FC1}, ele₁ foi pra festa.

No contexto acima, o falante B direciona a atenção do ouvinte para o indivíduo inserido no contexto, “o João”, para depois atribuir propriedade de “x ir pra festa” ao indivíduo. Além disso, tal resposta indica contraste, já que com o deslocamento, o falante reforça que essa propriedade é aplicada ao João, mas não à Maria, indivíduo inserido explicitamente no discurso. A relação de contraste dada neste contexto é de oposição, já que a propriedade “x ir pra festa” é aplicada ao “João” em oposição à “Maria”. Como João e Maria são os indivíduos disponíveis no discurso, o valor de foco para a sentença em (8)B é o abaixo:

- (9) $[[(8)B]]^f = \{ \text{O João foi pra festa, A Maria foi pra festa} \}$

O valor de foco indica que ao responder (8)B, o falante responde afirmativamente para a proposição “o João foi pra festa” e nega a proposição “A Maria foi pra festa”. A resposta dada apresenta uma inferência de exaustividade. Observemos se tal inferência é uma implicatura, que pode ser cancelada no contexto, ou um acarretamento ou pressuposição, que não podem ser cancelados.

- (10) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?
B: ?O JOÃO_{FC1}, ele₁ foi pra festa. A Maria também foi.
- (11) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?
B: ?O JOÃO_{FC1} foi ~~pra festa~~. A Maria também foi.

Comparando as duas respostas acima, nenhuma das duas parece natural, nem a sem deslocamento, nem a com deslocamento. Isto porque seria mais cooperativo o falante responder que os dois amigos foram pra festa em uma proposição, em vez de dar primeiramente a informação de um indivíduo para depois inserir a informação do outro. Entretanto, a resposta com deslocamento é menos natural ainda. O deslocamento do foco reforça a relação de contraste entre um indivíduo e outro, quando tais indivíduos são dados explicitamente no contexto. Se ambos possuem a mesma propriedade, não é natural que se desloque um dos indivíduos para a periferia esquerda da sentença.

Como a propriedade “x ir pra festa” é exclusiva do elemento deslocado, há uma indicação de que exaustividade nesses casos, em que os elementos são dados explicitamente, não são meramente uma implicatura, que pode ser cancelada pelo contexto, e sim um acarretamento.

Observemos, a seguir, se em um contexto no qual as alternativas são dadas explicitamente, se é possível uma estrutura na qual haja deslocamento com lacuna e pausa. Ainda se tal estrutura apresenta a noção de contraste.

- (12) A: Qual dos seus amigos, o João ou a Maria, foi pra festa?
B: #O JOÃO_{FC1}, []₁ foi pra festa.

Com pausa, sem retomada de pronome, o deslocamento de sujeito na resposta acima é inadequada. Nos exemplos acima, o contraste era dado implicitamente. Observemos, a seguir, contextos em que pelo menos uma alternativa seja negada explicitamente no discurso.

- (13) A: Quais dos seus amigos, o João ou a Maria, foram pra festa?
B: O JOÃO_{FC1}, ele₁ foi. A Maria não foi.

A resposta em (13)B, além de ser adequada, reforça a presença de contraste, que é explicitado pela segunda sentença. Ao deslocar o sintagma na posição de sujeito e retomá-lo por um pronome, o falante direciona a atenção do ouvinte para o novo referente no discurso, “o João”, e depois lhe atribui a propriedade “x ir pra festa” a esse indivíduo. Posteriormente, o falante nega explicitamente que tal propriedade seja atribuída à Maria. A relação de contraste estabelecida em uma sentença e outra é a relação de oposição, que apresenta contribuições opostas à questão em discussão.

Até o presente momento, analisamos sentenças com deslocamento em que o contexto no qual a sentença está inserida apresenta explicitamente os elementos a serem contrastados. Observemos, a seguir, um contexto no qual os elementos a estabelecerem relação de contraste não sejam dados explicitamente no discurso.

- (14) A: Qual aluna foi pra festa?
 B: A ALUNA DO TERCEIRO ANO_{FC1} foi pra festa.
- (15) A: Qual aluna foi pra festa?
 B: A ALUNA DO TERCEIRO ANO_{FC1}, ela₁ foi pra festa.

Nos exemplos acima, a diferença da resposta com deslocamento para a canônica é que enquanto a com deslocamento indica contraste por oposição, a sentença com deslocamento não apresenta relação de contraste. O contraste é dado na sentença sem deslocamento porque, ao ser deslocado, o referente do sintagma ocupa uma posição de relevância e esse referente é contrastado com os demais elementos do conjunto dado. O falante faz uso da estratégia de primeiramente inserir o indivíduo “a aluna do terceiro ano”, para posteriormente lhe atribuir a propriedade de “x ir pra festa”. Há uma relação de contraste por oposição, já que ao atribuir a propriedade “x ir pra festa” à “aluna do terceiro ano”, fica implícito que as proposições relacionadas aos demais indivíduos fazem contribuições opostas à questão em discussão. Ainda, há uma implicatura de exaustividade nas duas sentenças, entretanto, na sentença sem deslocamento ela é mais facilmente cancelada.

- (16) A: Qual aluna foi pra festa?
 B: A ALUNA DO TERCEIRO ANO_{FC1} foi pra festa. E a do primeiro ano também.
- (17) A: Qual aluna pra festa?
 B: A ALUNA DO TERCEIRO ANO_{FC1}, ela₁ foi pra festa. E a do primeiro ano também.

Nos dois diálogos é possível cancelar a implicatura de exaustividade, na qual a propriedade “x ir pra festa” a atribuída exclusivamente ao indivíduo “aluna do terceiro ano”. Entretanto, o cancelamento desta implicatura é mais natural no contexto que apresenta a

sentença sem deslocamento, em (16)B. Para o contexto com deslocamento, em (17), a continuidade do discurso indicando o cancelamento da implicatura, apesar de ser possível, é menos natural que o anterior, o que indica que a inferência de exaustividade pode apresentar maiores ou menores possibilidades de cancelamento. O valor de foco para (15) é o seguinte:

- (18) $[[[(15)B]]]^f = \{A \text{ aluna do terceiro foi pra festa, } A \text{ aluna do primeiro ano foi pra festa, } A \text{ aluna do segundo ano foi pra festa}\}$

Ao responder (15)B, o falante responde afirmativamente à alternativa “A aluna do terceiro foi pra festa” e nega pelo menos uma das outras alternativas, em uma relação de contraste por oposição.

Em seguida, observemos se em um contexto de pergunta geral, é possível haver deslocamento de sintagma na posição de sujeito em que esse tenha a função discursiva de foco contrastivo.

- (19) A: O que aconteceu?
B: O JOÃO_{FI}, ele₁ está doente.

Com pergunta geral, como a acima, a sentença com deslocamento de um DP sujeito com função discursiva de foco é possível, porém não apresenta contraste, já que não há relação de contraste por oposição ou correção entre as alternativas desencadeadas pelo foco da sentença.

Por fim, observemos um contexto no qual a relação de contraste se estabeleça a partir de uma relação de correção, na qual a verdade de uma proposição implica falsidade de outra proposição inserida no contexto.

- (20) A: O João foi pra festa.
B: O PAULO_{FC} foi pra festa. (Não o João)
- (21) A: O João foi pra festa.
B: O PAULO_{FC1}, ele₁ foi pra festa. (Não o João)

Observando as duas respostas, a primeira sem deslocamento e a última com, podemos afirmar que as duas são adequadas e o sintagma deslocado tem a função discursiva de foco contrastivo, já que o elemento deslocado “O Paulo” estabelece uma relação de contraste por correção com o elemento já inserido no contexto “O João”. A marcação de foco no sintagma deslocado evoca um conjunto de alternativas, das quais a alternativa sobre o João é considerada falsa e a alternativa sobre o Paulo verdadeira. A diferença entre a sentença com deslocamento e a sem é que nesta última há uma estratégia por parte do falante de primeiramente inserir um indivíduo para depois atribuir a propriedade “x ir pra festa” a ele.

Ainda, as duas respostas apresentam inferência de exaustividade, porém essa não pode ser cancelada pelo contexto, como podemos observar abaixo, nos diálogos que seguem.

- (22) A: O João foi pra festa.
B: #O PAULO_F foi pra festa. E o João também.
- (23) A: O João foi pra festa.
B: #O PAULO_{FC1}, ele₁ foi pra festa. E o João também.

Nos exemplos acima, tanto na sentença sem deslocamento, quanto na sentença com, a exaustividade não pode ser cancelada, o que indica que essa seja um acarretamento ou uma pressuposição.

Nesta seção pudemos observar que é possível haver deslocamento de sujeito com retomada de pronome no português brasileiro em contextos nos quais esse tenha a função discursiva de foco contrastivo. Ao optar pelo deslocamento, o falante faz uso de uma estratégia de primeiramente inserir um elemento no discurso, para posteriormente lhe atribuir uma propriedade. Todos os casos apresentam exaustividade, entretanto nos contextos em que os elementos contrastados são dados explicitamente ou em relação de contraste por correção, a inferência de exaustividade não pode ser cancelada, o que indica que não seja uma implicatura, ao menos implicatura conversacional. Por outro lado, se os elementos a estabelecerem relação de contraste não forem dados explicitamente, a exaustividade pode ser cancelada, entretanto, com menos naturalidade do que o contexto com uma sentença sem deslocamento.

4.2.2 Na posição de objeto

Analisaremos, nesta seção, se sintagmas na posição de objeto podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença e assumirem a função discursiva de foco contrastivo. Observe o diálogo, a seguir.

- (24) A: Quem o João convidou pra festa?
B: Ele convidou A MARIA_F.
- (25) A: Quem o João convidou pra festa?
B: A MARIA_{FC1} ele convidou t₁.

Comparando os dois diálogos acima, podemos observar que, enquanto na sentença sem deslocamento, o contraste não é presente, na sentença com deslocamento, fica implícito que o elemento deslocado, “A Maria” é contrastado com outros elementos do discurso, mas que não são dados explicitamente. Essa relação de contraste é uma relação de oposição entre o

elemento “A Maria”, com os demais elementos do conjunto, já que dois indivíduos podem fazer contribuições opostas à pergunta em discussão.

Na sentença com deslocamento, em (25), o falante, ao deslocar o sintagma na posição de objeto, utiliza-se da estratégia de primeiramente introduzir um indivíduo no contexto para posteriormente lhe atribuir a propriedade, dada pela pergunta, a de “o João convidar x”. O valor de foco para tal sentença é o seguinte:

- (26) $[[[(24)B]]^f = \{O \text{ João convidou o Pedro, O João convidou a Maria, O João convidou a Ana}\}$

Tanto na resposta com deslocamento como na resposta sem, há inferência de exaustividade, porém tal inferência pode ser cancelada. Entretanto, no caso da sentença sem deslocamento, o cancelamento é mais aceitável.

- (27) A: Quem o João convidou?
B: Ele convidou A MARIA_F. E A ANA_{F2} e O PEDRO_{F3} também.
- (28) A: Quem o João convidou?
B: A MARIA_{FC1} ele convidou t₁. E A ANA_{F2} e O PEDRO_{F3} também.

Nas respostas acima, a exaustividade é cancelada, tanto na que apresenta uma sentença canônica, em (27)B, quanto na que apresenta uma sentença com deslocamento, em (28)B. A diferença entre uma e outra é que parece haver um nível graduável de cancelamento da exaustividade, em que no contexto que apresenta uma sentença com deslocamento, esse cancelamento seja menos aceitável. A partir do momento em que o falante, além de responder afirmativamente sobre “a Maria”, também afirma que “a Ana” possui a propriedade de “ter sido convidada pelo João”, ele explicita que tal propriedade não é exclusiva da “Maria”.

O contraste também pode ser dado explicitamente, como podemos observar mais adiante, no diálogo que segue.

- (29) A: Quem o João convidou?
B: A MARIA_{FC1} ele convidou t₁. O PEDRO_{FC2}, não.

Nesta resposta, o falante nega explicitamente que a propriedade de “O João convidar x” seja aplicada a um dos indivíduos disponíveis no discurso. Se considerarmos que (29) tenha o mesmo valor de foco apresentado acima, em (26), a alternativa de que “O João convidou o Pedro” é explicitamente negada. Na resposta, o falante faz uso da estratégia de primeiramente inserir um indivíduo no contexto, para posteriormente lhe atribuir uma propriedade. Propriedade essa que é negada para o indivíduo que é inserido em seguida; “o Pedro”.

Outro contexto de foco contrastivo no qual pode haver uma sentença com deslocamento é o de correção. Compare as duas sentenças a seguir.

- (30) A: O Pedro convidou o João.
B: Ele convidou A MARIA_{FC}.
- (31) A: O João convidou o Pedro.
B: A MARIA_{FC1}, ele convidou t₁.

Comparando os dois diálogos acima, o primeiro em que a asserção de correção não apresenta deslocamento e o segundo em que há deslocamento, podemos observar que, apesar das duas serem aceitas, a sentença com deslocamento parece ser a mais natural. Isso porque, ao se utilizar da estrutura com deslocamento, o falante introduz primeiramente um novo indivíduo no discurso para evidenciar o indivíduo a ser contrastado com “Pedro”, o elemento já disponível. Com isso, ele indica que a propriedade “o João convidar x” não é aplicada a “Pedro”, mas à “Maria”, o indivíduo apresentado pelo falante B. A verdade da sentença proferida por B implica na falsidade da sentença proferida por A.

Tanto nos contextos anteriores, quanto no contexto acima, em (31), ocorre contraste. Além disso, há também exaustividade, já que ao afirmar que o João tenha convidado a Maria, o falante necessariamente nega que o João tenha convidado o Pedro. Desta forma, podemos concluir que deslocamento de foco contrastivo requer exaustividade. Porém diferentemente do contexto de oposição, no contexto de correção, a inferência de exaustividade não pode ser cancelada.

- (32) A: O João convidou o Pedro.
B: #Ele convidou A MARIA_{FC}. E o Pedro também.
- (33) A: O João convidou o Pedro.
B: #A MARIA_{FC1}, ele convidou t₁. E o Pedro também.

Como podemos observar nos diálogos acima, tanto na sentença com deslocamento quanto na sentença sem, o cancelamento da exaustividade em uma relação de contraste por correção não é aceitável. Isso porque a afirmação de B implica na falsidade da proposição inserida por A.

Ainda, se houver um conjunto explícito de opções dado pela pergunta, a resposta com foco contrastivo deslocado também é possível.

- (34) A: Quem o João convidou, o Pedro ou a Maria?
B: ~~Ele convidou~~ A MARIA_{FC}.
- (35) A: Quem o João convidou, o Pedro ou a Maria?

B: A MARIA_{FC1}, ele convidou t₁.

Conforme apresentado acima, as duas possibilidades de resposta são adequadas, tanto a de ordem (34), quanto a resposta com deslocamento de foco (35). Entretanto, em relação à resposta com deslocamento, além da estratégia de primeiramente introduzir um indivíduo no discurso para posteriormente lhe atribuir uma propriedade, a exaustividade não pode ser cancelada, diferentemente do contexto sem.

(36) A: Quem o João convidou, o Pedro ou a Maria?

B: ~~Ele convidou~~ A MARIA_{FC}. E O PEDRO TAMBÉM_F.

(37) A: Quem o João convidou, o Pedro ou a Maria?

B: #A MARIA_{FC1}, ele convidou t₁. E O PEDRO TAMBÉM_F.

No contexto acima, em (37), a exaustividade não pode ser cancelada, diferentemente de (36), que aceita no contexto outros indivíduos com a mesma propriedade do indivíduo focalizado. O que indica que em contextos de deslocamento de foco, se os indivíduos forem explicitamente mencionados, exaustividade não pode ser cancelada. O valor de foco para o enunciado em (35)B é dado como segue.

(38) $[[(35)B]]^f = \{ \text{O João convidou o Pedro, O João convidou a Maria} \}$

Por último, observemos se em português brasileiro é possível haver deslocamento de foco na posição de objeto com preenchimento de pronome.

(39) A: Quem o Pedro convidou?

B: ~~Ele convidou~~ A MARIA_F.

(40) A: Quem o Pedro convidou?

B: *A MARIA_{FC1} ele convidou ela₁.

(41) A: Quem o Pedro convidou o João ou a Maria?

B: *A MARIA_{FC1}, ele convidou ela₁.

(42) A: O Pedro convidou o João.

B: *A MARIA_{FC1}, ele convidou ela₁. NÃO O JOÃO_{F2}.

Em todos os casos acima, o deslocamento de foco com preenchimento de pronome é agramatical, diferentemente do deslocamento de foco na posição de sujeito, no qual a única estrutura possível é a de deslocamento com retomada de pronome.

Para o deslocamento de sintagmas com função de foco contrastivo na posição original de objeto, a resposta com deslocamento apresenta uma estratégia do falante de primeiro direcionar a atenção do ouvinte para um novo referente no discurso, para depois atribuir uma propriedade a ele. Exaustividade é presente no contexto, mas que pode ser cancelada no discurso nos casos em que o conjunto não for dado explicitamente. Por outro

lado, se os elementos do conjunto forem dados explicitamente ou se a relação de contraste estabelecida for de correção, a exaustividade não pode ser cancelada. Por fim, deslocamento de objeto com função de foco contrastivo com retomada de pronome é agramatical.

4.2.3 Em outras posições sintáticas

Nesta seção, investigaremos os contextos que apresentem sentenças com deslocamento de PP. Primeiramente, observaremos se uma resposta com deslocamento é adequada para uma pergunta sim / não. Compare, a seguir, os dois exemplos. O primeiro com uma resposta sem deslocamento e o segundo com uma resposta com deslocamento de PP.

- (43) A: Você gosta desse livro?
B: #Eu gosto DESSE LIVRO_F.
- (44) A: Você gosta desse livro?
B: #DESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto t₁.

Tanto a resposta com deslocamento, em (44)B, quanto a sem, em (43)B não são naturais. Sentença com deslocamento de PP que apresente uma entonação típica de foco não é adequada para responder a uma pergunta sim / não. Nem mesmo a resposta canônica, dada em (43), é apropriada com entonação de foco. Seria adequada somente se o sintagma “desse livro” fosse omitido. Mais adiante, no capítulo 6, veremos que sentenças como essa em um contexto de pergunta sim / não, se apresentarem uma entonação de tópico contrastivo, são apropriadas.

Se, por outro lado, a pergunta for de constituinte, a resposta com deslocamento de PP é possível.

- (45) A: De que livro você gosta?
B: Eu gosto DESSE LIVRO_F.
- (46) A: De que livro você gosta?
B: DESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto t₁.

As duas respostas são adequadas para o contexto. Entretanto, se o falante quiser enfatizar a relação de contraste entre o elemento deslocado e os demais elementos do discurso, a resposta em (46)B é mais apropriada. Com essa resposta, o falante responde afirmativamente a uma alternativa do valor de foco e negativamente a pelo menos uma das demais alternativas. O valor de foco para tal sentença é o seguinte, considerando os seguintes elementos no domínio: esse livro, aquele livro.

- (47) $[[[46)B]]^f = \{\text{Eu gosto desse livro, Eu não gosto daquele livro}\}$

A resposta com deslocamento de PP necessariamente apresenta contraste. Nela, o falante afirma a primeira alternativa: “eu gosto desse livro” e nega a outra alternativa : “eu gosto daquele livro”, estabelecendo uma relação de contraste por oposição. Além do contraste, há também exaustividade. Entretanto, tal exaustividade, apesar de ser presente nesse contexto é uma implicatura, que pode ser cancelada pelo contexto, como podemos observar no diálogo a seguir

- (48) A: De que livro você gosta?
B: DESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto t₁. E daquele também.

Apesar de não ser a resposta mais natural, a resposta acima é possível. Nela a implicatura de exaustividade é cancelada, já que o falante afirma que a propriedade de “A gostar de x” é aplicada a pelo menos dois elementos: “esse livro” e “aquele livro”.

Se o sintagma deslocado for retomado por um pronome resumptivo, a resposta não é gramatical, como podemos observar no exemplo que segue:

- (49) A: De que livro você gosta?
B: *DESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto dele₁.

Uma outra construção que investigamos no capítulo anterior, em contextos de foco não contrastivo, é aquela que apresenta um elemento deslocado com omissão da preposição.

- (50) A: De que livro você gosta?
B: *Eu gosto ESSE LIVRO.
(51) A: De que livro você gosta?
B: ESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto t₁.

Como podemos observar, a resposta sem deslocamento sem a presença da preposição é agramatical, enquanto o deslocamento sem preposição é aceito e indica contraste. Há uma implicatura de que propriedade “eu gostar de x” é aplicada ao elemento “esse livro”, mas não aos demais elementos disponíveis no contexto, que indica exaustividade.

Da mesma maneira que o exemplo de deslocamento de PP, o deslocamento sem preposição com retomada de pronome é agramatical.

- (52) A: De que livro você gosta?
B: #ESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto dele₁.

Se o conjunto for delimitado pelo contexto, também é possível haver o deslocamento e o contraste é presente, tanto com deslocamento de PP, quanto com deslocamento do sintagma sem preposição, conforme podemos observar nos exemplos que seguem.

- (53) A: De que livro você gosta, desse ou daquele?
B: DESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto t₁.

- (54) A: De que livro você gosta, desse ou daquele?
B: ESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto t_1 .

Para os exemplos acima, o valor de foco é delimitado em duas proposições, sendo que uma é afirmada e a outra é negada. O valor de foco para (53)B e (54)B dado a seguir.

- (55) $[(53)B / (54)B]^f = \{\text{Eu gosto desse livro, Eu gosto daquele livro}\}$

No contexto também há exaustividade, visto que do conjunto delimitado, a propriedade de “eu gostar de x” é exclusiva para “esse livro”. Assim como para deslocamento de sujeito e de objeto, se o conjunto de elementos for delimitado pelo contexto a exaustividade é mais difícil de ser cancelada.

- (56) A: De que livro você gosta, desse ou daquele?
B: ?DESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto t_1 . E daquele eu gosto também.
(57) A: De que livro você gosta, desse ou daquele?
B: #ESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto t_1 . E aquele eu gosto também.

Em (56)B, apesar de não ser natural, pode-se afirmar que a propriedade de “eu gostar de x” é não exclusiva para “esse livro”. Já em (57)B, a continuidade do discurso em que a proposição “eu gosto daquele livro” é afirmada é inadequada, o que nos leva a afirmar que a exaustividade não pode ser canceladas neste último caso.

O contraste, ainda, pode ser dado explicitamente na resposta, tanto com PP, (58)B, quanto com sintagma sem preposição, (59)B. Entretanto, a estrutura com retomada de pronome é inadequada para PP, (60)B, mas aceitável para DP sem preposição, (61)B, como podemos observar nos exemplos a seguir:

- (58) A: De que livro você gosta?
B: DESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto t_1 . Daquele não.
(59) A: De que livro você gosta?
B: ESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto t_1 . Aquele não.
(60) A: De que livro você gosta?
B: *DESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto de_{t_1} . Daquele não.
(61) A: De que livro você gosta?
B: *ESSE LIVRO_{FC1}, eu gosto de_{t_1} . Aquele não.

Por fim, observemos PPs deslocados para a periferia esquerda da sentença em contextos que apresentam relação de contraste por correção entre o elemento deslocado e outro indivíduo inserido no contexto.

- (62) A: O João gosta do livro de sintaxe.
B: Ele gosta DO LIVRO DE SEMÂNTICA_F.
(63) A: O João gosta do livro de sintaxe.

B: DO LIVRO DE SEMÂNTICA_{FC1}, ele gosta t₁.

Observando os dois diálogos, podemos afirmar que, apesar das duas asserções serem adequadas, a resposta com deslocamento é a mais natural. Isto porque ao deslocar o sintagma, o falante destaca o referente deste sintagma para indicar que esse está em uma relação de contraste por correção com o elemento inserido anteriormente, “o livro de sintaxe”. Com isso, afirma que a propriedade “O João gosta de x” é aplicada ao “livro de semântica” e não ao “livro de sintaxe”. Ainda, assim como nos outros contextos de correção apresentados até então, a inferência de exaustividade não pode ser cancelada.

(64) A: O João gosta do livro de sintaxe.

B: #Ele gosta DO LIVRO DE SEMÂNTICA_F. E do de sintaxe também.

(65) A: O João gosta do livro de sintaxe.

B: #DO LIVRO DE SEMÂNTICA_{FC1}, ele gosta t₁.E do de sintaxe também.

Nesta seção, pudemos constatar que em contextos pergunta de constituinte, sentenças com deslocamento de PP ou de DP sem preposição são adequados. Tal estrutura indica uma estratégia por parte do falante de primeiramente direcionar a atenção do ouvinte para um novo referente no discurso para depois lhe atribuir uma propriedade. Há inferência de exaustividade que pode ser cancelada, exceto em contextos que apresentem explicitamente os membros do conjunto ou quando o elemento deslocado estabelece uma relação de correção com outro elemento disponível no discurso. Deslocamento de PP com retomada de pronome também é agramatical.

A seguir, apresentamos uma tabela resumo com as conclusões desta seção:

DESLOCAMENTO DE FOCO CONTRASTIVO EM PB			
SINTAGMA	SEM PRONOME	COM PRONOME	INFERÊNCIA DE EXAUSTIVIDADE
DP sujeito	Inadequado	OK	Implicatura - para contextos em que o conjunto não é dado explicitamente Pressuposição ou acarretamento – para contextos em que o conjunto é delimitado explicitamente; para contextos em que haja uma relação de contraste de correção.
DP objeto	OK	*	
PP objeto	OK	*	
DP sem preposição	OK	*	

4.3 DESLOCAMENTO DE SINTAGMA INDEFINIDO COM FUNÇÃO DE FOCO CONTRASTIVO

Nesta seção, investigaremos se sintagmas indefinidos deslocados podem receber marcação de foco contrastivo. Primeiramente, observaremos se a posição original do sintagma deslocado: sujeito, objeto ou PP influencia na aceitabilidade e naturalidade da sentença. Logo após, investigaremos se os sintagmas indefinidos deslocados com função de foco contrastivo podem apresentar tanto leitura específica como não específica. Por fim, investigaremos o deslocamento de sintagmas nominais nus.

4.3.1 A posição do foco contrastivo indefinido

Iniciaremos analisando contextos que apresentem sentenças cujo sintagma na posição de objeto é deslocado. Observemos o contexto abaixo, com foco indefinido deslocado para a periferia esquerda da sentença.

- (66) A: O que o João leu?
B: Ele leu UM ARTIGO_F.
- (67) A: O que o João leu?
B: UM ARTIGO_{FCI}, ele leu t₁.

Comparando as duas respostas acima, podemos observar que a diferença da sentença sem deslocamento para a deslocada é que com deslocamento há uma estratégia de primeiramente introduzir um elemento no contexto, “um artigo”, para posteriormente atribuir a propriedade, dada pela pergunta, de “O João ler x” a esse elemento. A estratégia para indefinidos é similar à estratégia para deslocamento de definidos, de primeiramente inserir um elemento no contexto para depois lhe atribuir uma propriedade.

Ainda, o sintagma indefinido ‘um artigo’ recebe a marcação de foco contrastivo em (66)B. Essa resposta é adequada em um contexto no qual o falante quer destacar que o João leu apenas o artigo e nada mais. Com isso, além do falante contrastar o artigo com outros objetos de leitura disponíveis no contexto, ele indica que o João não tenha lido nenhum dos demais. Essa resposta desencadeia uma interpretação de que o João não tenha lido mais nada além de “um artigo” no contexto saliente, o que indica exaustividade. O valor de foco para a sentença (66)B é apresentado abaixo, considerando os seguintes elementos no domínio: um artigo, um livro, uma revista, uma resenha.

- (68) $[[[(66)B]]^f = \{O \text{ João leu um artigo, } O \text{ João leu um livro, } O \text{ João leu uma revista, } O \text{ João leu uma resenha}\}$

Ao responder com o foco deslocado, além do falante contrastar a alternativa “O João leu um artigo”, com as demais, ele responde negativamente para todas as outras. Observemos se exaustividade neste contexto trata-se de uma implicatura.

- (69) A: O que o João leu?
B: UM ARTIGO_{FC1}, ele leu t_1 . E UM LIVRO_F também.

O diálogo acima demonstra que a exaustividade pode ser cancelada. Essa possibilidade de cancelamento aponta para uma implicatura de exaustividade, entretanto, da mesma forma que vimos anteriormente, a sentença com deslocamento é menos passível de cancelamento da exaustividade do que a sentença sem deslocamento. Observe o diálogo abaixo, parece ser mais natural.

- (70) A: O que o João leu?
B: Ele leu UM ARTIGO_F. E UM LIVRO_F também.

O diálogo em (69)B apresenta uma pergunta de constituinte. Observemos se em um contexto de correção é possível também que o sintagma indefinido com marcação de foco contrastivo seja deslocado.

- (71) A: A Maria leu um livro do Chomsky.
B: ?Ela leu UM ARTIGO_F.
(72) A: A Maria leu um livro do Chomsky.
B: UM ARTIGO_{FC1}, ela leu t_1 .

A sentença B, tanto com deslocamento quanto sem deslocamento, indica que ao afirmar que a propriedade “A Maria leu x” é aplicada a “um artigo”, o falante está negando que tal propriedade seja aplicada a “um livro”, inserido no contexto pela afirmação de A. Entretanto, a sentença canônica não é a mais adequada para um contexto de correção e sim a com deslocamento. Na asserção com deslocamento, o contraste fica mais evidente, já que responder afirmativamente para a proposição “A Maria leu um artigo” implica na falsidade da proposição “A Maria leu um livro”.

A afirmação ainda apresenta uma inferência de exaustividade, já que a propriedade de “Maria ler x” é aplicada apenas ao elemento “um artigo”. Essa inferência, entretanto, não pode ser cancelada.

- (73) A: A Maria leu um livro do Chomsky.
B: #Ela leu UM ARTIGO_F. E UM LIVRO_F também.
(74) A: A Maria leu um livro do Chomsky.
B: #UM ARTIGO_{FC1}, ela leu t_1 . E UM LIVRO_F também.

Tanto a asserção sem deslocamento quanto a com deslocamento não permitem o cancelamento da inferência de exaustividade, o que evidencia que tal inferência não seja uma implicatura em contextos de deslocamento de correção.

Os exemplos acima apresentados são todos de deslocamento com lacuna no local de origem do sintagma deslocado. Vejamos se é possível haver deslocamento de indefinido com marcação de foco contrastivo em uma estrutura de retomada de pronome resumptivo.

- (75) A: O que o João leu?
B: *UM ARTIGO_{FC1}, o João leu ele₁.
- (76) A: O João leu um artigo?
B: *UM LIVRO_{FC1}, ele leu ele₁.
- (77) A: O que a Maria leu?
B: *UM ARTIGO DO CHOMSKY_{FC1}, ela leu ele₁, UM LIVRO, ela comprou ele₁.
- (78) A: A Maria leu um artigo?
B: *UM LIVRO_{FC1}, ela leu ele₁.

Como podemos observar nos exemplos acima, sintagmas indefinidos com marcação de foco contrastivo não podem ser retomados por um pronome resumptivo, assim como em sentenças com deslocamento de definidos.

As sentenças com deslocamento de indefinido apresentadas até então são todas com deslocamento de sintagmas indefinido na posição original de objeto. Observemos a seguir, se o sintagma indefinido na posição de sujeito pode ser deslocado para a periferia esquerda da sentença.

- (79) A: Quem veio pra festa?
B: UM ALUNO_{FC} veio.
- (80) A: Quem veio pra festa?
B: *UM ALUNO_{FC1}, ele₁ veio.
- (81) A: Quem veio pra festa?
B: *UM ALUNO_{FC1}, [] t₁ veio.

Nos diálogos acima, a única resposta adequada é a apresentada em (79)B, com sentença canônica. As demais, com deslocamento retomado por pronome, (80)B, ou lacuna (81)B são agramaticais. Tais exemplos nos levam a afirmar que sintagmas indefinidos na posição de sujeito, com função de foco contrastivo não podem ser deslocados para a periferia da esquerda no português brasileiro.

Nesta seção, pudemos identificar que os sintagmas indefinidos deslocados têm comportamento similar aos sintagmas definidos deslocados. A estratégia do deslocamento de um sintagma indefinido com função de foco contrastivo é a de primeiramente inserir um

elemento no contexto para posteriormente lhe atribuir uma propriedade, da mesma maneira que deslocamento de definido. Sintagmas indefinidos deslocados também não podem ser retomados por pronome quando apresentam a função de foco contrastivo. A diferença para os definidos é que enquanto estes aceitam a estrutura de sujeito retomado por pronome, indefinidos não aceitam. Outra característica similar entre um e outro é que, assim como os definidos, deslocamento de sintagma indefinido com função de foco contrastivo apresenta uma inferência de exaustividade, que não pode ser cancelada em contextos de contraste por correção, mas pode ser cancelada em contextos de contraste por oposição, ainda que com menos aceitabilidade do que nos contextos que apresentam sentenças canônicas.

4.3.2 Leitura específica e não específica de foco contrastivo indefinido

Nesta seção, observaremos se sintagmas indefinidos deslocados com função de foco contrastivo podem apresentar leitura não específica. Imagine que dois colegas do João estão conversando sobre seu desempenho escolar e começam a comentar sobre o que ele precisa ler para a prova. Um deles pergunta quais artigos do Chomsky o João precisa ler. O outro, então responde com a sentença abaixo.

(82) UM ARTIGO_{FC1}, o João tem que ler t_1 , seja ele qual for.

A sentença acima, com o contexto dado anteriormente, pode ter uma leitura não específica, entretanto, o contraste não é presente, já que o elemento deslocado não é contrastado com algum elemento disponível no discurso.

Na sentença em (82), o falante utiliza-se da estratégia de primeiramente inserir um “um artigo do Chomsky” no contexto, para depois lhe atribuir a propriedade “o João tem que ler x”

Outras sentenças com deslocamento de indefinido, cujo contexto force a leitura não específica também apresentam foco não contrastivo. Os exemplos abaixo, não apresentam necessariamente contrastividade.

(83) UM ALUNO_{FC1}, o João vai convidar, seja ele₁ qual for.

(84) UM ALUNO_{FC1}, ele vem, seja ele₁ quem for.

Observando esses exemplos podemos afirmar que enquanto deslocamento de sintagma indefinido com função de foco não contrastivo pode apresentar tanto a leitura específica quanto a leitura não específica, deslocamento de foco contrastivo, por sua vez apresenta apenas leitura específica de indefinido.

4.4 DESLOCAMENTO DE NOMES NUS COM FUNÇÃO DE FOCO CONTRASTIVO

Uma estrutura recorrente no português brasileiro é a de deslocamento de nome nu. Pontes (1987) e Orsini (2011) trazem vários exemplos em seus dados. Nosso objetivo nesta seção é identificar as características semânticas e pragmáticas de tal estrutura.

A literatura sobre nomes nus é bastante vasta e complexa, visto que apresenta diversas linhas de raciocínio e propostas muitas vezes distintas, em especial no português brasileiro. Autores como Müller (2002), Pires de Oliveira & Souza (2013), entre outros, já exploraram amplamente tal fenômeno no PB. Como nomes nus não é o assunto central nessa tese, nos limitamos a assumir que nomes nus denotam *kind*, como defende Carlson (1983).

Imagine que duas pessoas estão conversando sobre os gostos e preferências dos povos, e um dos diz que o povo italiano é o que mais gosta de futebol. O outro, para corrigir a informação, profere a sentença abaixo.

(85) BRASILEIRO_F é o povo que mais gosta de futebol.

Na sentença acima, o nominal nu recebe a marcação de foco contrastivo, já que a espécie “brasileiro” é contrastada com a espécie “italiano” a partir de uma relação de contraste por correção, já que a afirmação da proposição “Brasileiro é o povo que mais gosta de futebol” implica na falsidade da proposição “Italiano é o povo que mais gosta de futebol”. O deslocamento do nominal nu na posição de sujeito, por outro lado não é adequado

(86) #BRASILEIRO_{FCI}, ele_I é o povo que mais gosta de futebol.

Sentença com nominal nu deslocado em sua posição original de sujeito com retomada de pronome não é adequada. Observemos se a estrutura de deslocamento de sujeito com lacuna é possível com o sintagma deslocado sendo um nominal nu.

(87) #BRASILEIRO_{FCI}, [] t_I é o povo que mais gosta de futebol.

A sentença acima é inadequada. Esse exemplo indica que nominal nu em posição original de sujeito não pode ser deslocado para a periferia esquerda da sentença se esse possuir a função discursiva de foco contrastivo. Observemos se na posição de objeto nome nu pode ser deslocado.

(88) ?O João comprou LIVRO_F.

(89) ?LIVRO_{FCI}, o João comprou t_I.

Comparando as sentenças acima, ambas são um pouco estranhas. Entretanto, se houver um contexto que deixe claro o contraste entre a espécie “livro”, a sentença em (89) é

adequada. Imaginemos que a sentença com deslocamento é proferida após o João fazer algumas compras para o início das aulas. O falante A quer saber quais itens da lista de materiais o João comprou e profere a seguinte sentença. Se um outro falante, o falante B, responder como (89), há uma implicatura de que o João comprou livros, contrastando com outros elementos que podem ser comprados no shopping, como: roupa, sapato, brinquedo, por exemplo. Ao responder com o deslocamento, o falante apresenta a espécie livros no discurso, para depois lhe atribuir a propriedade de “o João comprar x”. Ainda, indica que as demais espécies disponíveis no discurso não possuem essa propriedade.

Outra possibilidade é o deslocamento de PP nominal nu, como podemos observar a seguir. Entretanto a sentença com deslocamento só é bem empregada em um contexto em que haja contraste do elemento deslocado com os demais. Por exemplo, se (91) for uma resposta para uma pergunta do tipo “Que comida o João gosta mais?”, ela é melhor empregada do que a sentença sem deslocamento, em (90).

(90) O João gosta mais DE FEIJÃO_F.

(91) DE FEIJÃO_{FC1}, o João gosta mais t₁.

Ao responder (91), primeiramente insere a espécie feijão no discurso, para posteriormente lhe atribuir a propriedade “o João gosta mais de x”. Com isso, indica que outros tipos de alimentos não possuem essa propriedade, o que implica em uma relação de contraste por oposição. Ainda, é possível haver a estrutura do DP deslocado sem preposição. Considerando o mesmo contexto dado acima, no qual as pessoas estão conversando sobre a preferência de comida do João, a sentença pode ser proferida da seguinte maneira:

(92) FEIJÃO_{FC1}, o João gosta t₁.

Da mesma maneira, se o elemento deslocado tem marcação de foco contrastivo, a sentença só é bem empregada em um contexto no qual o tipo “feijão” é contrastado com outros tipos de alimentos dados no discurso.

Assim como sentenças com deslocamento de definido e indefinido, deslocamento de nome nu apresenta uma inferência de exaustividade. Os contextos que vimos até agora são de contraste por oposição. Observemos se nestes, a exaustividade pode ser cancelada.

(93) A: O que o João comprou ontem no shopping?

B: LIVRO_{FC1}, o João comprou t₁. E roupa também.

(94) A: De que tipo de comida o João gosta?

B: FEIJÃO_{FC1}, o João gosta t₁. E arroz também.

Similarmente aos demais sintagmas investigados, sentenças com deslocamento de nominal nu apresentam uma inferência de exaustividade quando estão inseridas em um contexto que apresenta relação de contraste por oposição.

Observemos a seguir, um contexto que apresenta a relação de contraste por correção com nominal nu deslocado para a periferia esquerda da sentença. Compare, um diálogo no qual a asserção de correção é dada a partir de uma sentença canônica com outro no qual a asserção é dada a partir de uma sentença com deslocamento.

(95) A: O João comprou roupa no shopping.

B: O João comprou LIVRO_F.

(96) A: O João comprou roupa no shopping.

B: LIVRO_{FC1}, o João comprou t₁.

Comparando as duas asserções acima, podemos afirmar que, apesar das duas serem possíveis, a sentença com deslocamento é mais natural, visto que ao deslocar o sintagma nominal nu, o falante destaca o elemento deslocado para contrastá-lo com o elemento já inserido no contexto, “roupa”, em uma relação de contraste por correção. Assim, como nos outros contextos de contraste por correção, a inferência de exaustividade não pode ser cancelada.

(97) A: O João comprou roupa no shopping.

B: #LIVRO_{FC1}, o João comprou t₁. E roupa também.

Nesta seção pudemos observar que nomes nus podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença, se o sintagma deslocado estiver na posição de objeto, PP, ou DP com preposição. Na posição de sujeito, a sentença é inadequada. O deslocamento indica a estratégia de selecionar uma espécie ou tipo de indivíduo no contexto e contrastá-lo com os outros tipos ou espécies, para depois atribuir uma propriedade aos elementos da espécie selecionada. Exaustividade é presente em contextos com deslocamento de sentenças com nominais nus, entretanto pode ser cancelada em contexto de relação de contraste por oposição e não em contraste por correção.

Comparando as sentenças com deslocamento de nominais nus com deslocamento de definido, podemos observar que se comportam de maneira similar, já que ambos aceitam deslocamento de PP ou DP objeto. Entretanto, apenas sintagmas nominais na posição de objeto podem ser deslocados. Sentenças com deslocamento de sintagmas nominais nus na posição original de sujeito são inadequadas, tanto com lacuna quanto com pausa.

4.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo teve como objetivo analisar o deslocamento de sintagmas tanto definidos quanto indefinidos que apresentem a função discursiva de foco contrastivo. Quanto ao deslocamento de sintagmas definidos, pudemos observar que tanto DP sujeito quanto DP objeto ou PP podem ser deslocados. Entretanto, deslocamento com retomada de pronome só é aceitável em sentenças com deslocamento de sujeito. As demais não aceitam retomada de pronome e só são gramaticais em estrutura de deslocamento com lacuna. O deslocamento para todos os casos apresenta uma estratégia do falante de direcionar a atenção do ouvinte para depois lhe atribuir uma propriedade.

Em relação ao deslocamento de sintagmas indefinidos, pode-se afirmar que eles têm comportamento similar aos sintagmas definidos deslocados. Possuem a mesma estratégia de primeiramente inserir um elemento no contexto para posteriormente lhe atribuir uma propriedade, da mesma maneira que deslocamento de definido. Não podem ser retomados por pronome quando apresentam a função de foco contrastivo.

Deslocamento de sintagma indefinido com função de foco contrastivo apresenta apenas a leitura específica de indefinido. Sentenças com leitura não específica ocorrem apenas com sintagmas que possuam a função de foco não contrastivo.

Com relação a nomes nus, esses podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença, se for um DP objeto, PP, ou DP com preposição. Na posição de sujeito, a sentença é inadequada. O deslocamento de nomes nus indica a estratégia de selecionar a espécie denotada pelo nominal nu e contrastá-la com as demais espécies disponíveis, para depois atribuir uma propriedade aos elementos dessa espécie.

Tanto deslocamento de sintagmas definidos quanto indefinidos ou nominais nus apresentam uma inferência de exaustividade, que pode ser cancelada em contextos de contraste ou conjunto implícito, mas que não pode ser cancelada em contextos que apresentem relação de contraste por correção ou conjunto explícito.

CAPÍTULO 5: DESLOCAMENTO DE TÓPICO NÃO CONTRASTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

5.1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo busca investigar as restrições semânticas e pragmáticas presentes em sentenças com deslocamento, cujo sintagma deslocado apresente a função informacional de tópico não contrastivo. Mais precisamente, procuraremos responder às seguintes perguntas: (i) a posição do sintagma deslocado influencia na interpretação e na aceitação da sentença?; (ii) definitude do sintagma deslocado é fator determinante em contextos de tópicos não contrastivos deslocados?; (iii) referentes de sintagmas com função de tópico não contrastivo necessariamente precisam ser mencionados previamente no contexto? (iv) elementos com função de tópico não contrastivo se mantêm na continuidade do discurso na mesma função?

Como apresentado no primeiro capítulo desta tese, consideramos deslocamento como um fenômeno sintático em que um sintagma é deslocado para a periferia esquerda da sentença. A sentença com deslocamento pode apresentar: uma lacuna no seu local de origem ou um pronome.

Em relação ao conceito de tópico não contrastivo, defendemos que está relacionado à noção de *aboutness* (Reinhart, 1982). Desta maneira, tópico não contrastivo indica o elemento sobre o que se fala na sentença. Ainda, estabelece uma relação entre o elemento deslocado e uma propriedade atribuída a esse elemento. Observe, a seguir, um diálogo que apresenta um sintagma deslocado com a função de tópico não contrastivo.

- (1) A: E o João? Como ele está?
 B: *O João*_{TI}, ele_I TÁ NAMORANDO A MARIA_F.

No contexto acima, não há presença de contraste, já que o elemento deslocado não estabelece nem relação de oposição nem de correção com outro elemento disponível no discurso. O falante B, ao deslocar o sintagma “O João”, indica o elemento sobre o qual a sentença traz informações e atribui ao João a propriedade “x está namorando a Maria”.

Ainda, defendemos que a sentença que apresenta tópico não contrastivo representa juízo categórico (Ladusaw, 1994; Kuroda, 2003) em PB, já que sentenças como (1)B apresentam dois atos separados: um ato de reconhecimento do indivíduo; um ato de afirmação ou negação do predicado aplicado ao indivíduo. A mente do ouvinte é direcionada primeiramente ao indivíduo para que depois seja atribuída uma propriedade a esse. Na

sentença acima, houve primeiramente um ato de reconhecimento do elemento, “o João”, para posteriormente ser afirmado que “o João tá namorando a Maria”.

A discussão de deslocamento de tópico não contrastivo se faz necessária, visto que o fenômeno do deslocamento investigado em diversas línguas esteja vinculado, na maioria das vezes, à contrastividade (Ward & Prince (1991), Prince (1998), entre outros). O que pretendemos mostrar neste capítulo é que em português brasileiro podem ocorrer sentenças com deslocamento sem que essas estejam vinculadas à contrastividade.

O capítulo está organizado da seguinte forma. Na seção 5.2, será investigado se a posição original do sintagma deslocado influencia na aceitabilidade da sentença. Em 5.3, investigaremos se definitude é fator preponderante para deslocamento de tópico não contrastivo. Mais adiante, em 5.4, analisaremos se é obrigatória ou não a menção prévia do elemento deslocado. Na seção 5.5, serão observados os contextos de deslocamento e sua continuidade no discurso. Por fim, em 5.6, será apresentado um breve resumo do capítulo.

5.2 DESLOCAMENTO DE SINTAGMA DEFINIDO COM FUNÇÃO DE TÓPICO NÃO CONTRASTIVO

Nesta seção, investigaremos se a posição do sintagma deslocado para a periferia esquerda influencia na interpretação e na aceitação da sentença, considerando contextos em que não há contraste. Observaremos contextos em que o sintagma deslocado tenha sua posição original de sujeito, objeto, ou ainda sentenças em que o elemento deslocado seja um PP. Outra questão a ser investigada é se há diferenças de uso entre uma estrutura de deslocamento com retomada de pronome e uma estrutura com lacuna no local de origem do sintagma deslocado.

5.2.1 Na posição de sujeito

Primeiramente, será analisado se há restrições de deslocamento em relação à posição sintática do DP. A primeira sentença a ser observada é aquela em que o DP na posição de sujeito é deslocado para periferia esquerda da sentença e deixa em seu local de origem um pronome. Estruturas como essa já foram exploradas no português brasileiro por Britto (1998), no que diz respeito às questões sintáticas. Desta maneira, nos reservamos a investigar as restrições pragmáticas e semânticas que apresentam tais construções. Observe o diálogo abaixo:

- (2) A: E o João pra onde ele foi?
B: O João foi pra Paris.
- (3) A: E o João pra onde ele foi?
B: *O João*_{TI}, *ele*_I FOI PRA PARIS_F.

Nos diálogos acima, a discussão é em torno do indivíduo “João”. Ao ser questionado sobre a situação atual de João, o falante B tem duas opções, ou faz uso de uma estrutura canônica, como em (2), ou faz uso da estrutura sintática de deslocamento do sujeito com retomada de pronome, como em (3). Segundo Britto, essa construção indica juízo categórico em PB. Desta maneira, o falante indica primeiramente o indivíduo, “o João” para depois atribuir uma propriedade a ele, a propriedade de “x ir pra Paris”. A diferença entre a primeira estrutura e a segunda, é que enquanto na primeira não há marcação de tópico, na segunda o falante indica que o tópico seja o indivíduo “o João” e lhe atribui uma propriedade em dois momentos sequenciais. O sintagma “O João” tem a função de tópico não contrastivo, pois não estabelece nenhum tipo de relação de contraste com outros elementos do discurso, nem de correção, nem de oposição.

Outra estrutura em que o tópico é marcado, indicando que o sintagma na posição original de sujeito foi deslocado para uma posição superior, a de tópico, é a representada a seguir, na qual uma entonação peculiar recai sobre o sujeito, seguida de uma pausa.

- (4) A: E o João pra onde ele foi?
B: *O João*_{TI}, [] *t*_I FOI PRA PARIS_F.

No contexto acima, da mesma maneira que o apresentado anteriormente em que há um pronome no local original do sujeito deslocado, há um caso de tópico não contrastivo. A entonação, seguida da pausa, indica que o falante primeiramente indica o indivíduo mais saliente no contexto, para depois lhe atribuir a propriedade de “x ir a Paris”.

Outro contexto, a ser analisado é o apresentado abaixo, em que o falante em B responde atribuindo uma propriedade mais específica a “João”. A sentença com deslocamento é mais adequada à pergunta em um contexto no qual o falante queira primeiramente reafirmar o tópico da sentença para depois lhe atribuir uma propriedade.

- (5) A: E o João? Como ele está?
B: O João tá namorando a Maria.
- (6) A: E o João? Como ele está?
B: *O João*_{TI}, *ele*_I TÁ NAMORANDO A MARIA_F.

As duas respostas acima, em (5) e em (6), são adequadas para responder a pergunta. A diferença é que o falante em (6)B faz uso da estratégia de retomar o tópico primeiramente,

para depois lhe atribuir uma propriedade. Nesse caso, o falante em B primeiramente indica o tópico, para posteriormente atribuir a esse tópico a propriedade de “x estar namorando a Maria”. O que não ocorre na resposta (5)B.

A construção (6), assim como (4), segundo Britto (1988), apresenta juízo categórico em PB. O falante indica primeiramente o indivíduo sobre o que se traz informações, “O João”. Depois apresenta a propriedade atribuída ao indivíduo: “x estar namorando a Maria”.

Se a pergunta for mais geral, do tipo, “O que aconteceu?”, tanto a resposta canônica quanto com deslocamento são adequadas. Para os diálogos abaixo, imaginemos um contexto no qual o falante em B está muito triste e A faz essa pergunta mais geral.

- (7) A: O que aconteceu?
B: O João tá meio doente.
- (8) A: O que aconteceu?
B: *O João*_{TI}, *ele*_I TÁ MEIO DOENTE_F.
- (9) A: O que aconteceu?
B: *O João*_{TI}, [_I] t_I TÁ MEIO DOENTE_F.

Nos contextos acima, a diferença entre a resposta canônica em (7)B, e as com deslocamento em (8)B e (9)B, é que essas últimas marcam tópico não contrastivo e indicam que o falante primeiramente direciona a atenção do ouvinte para o indivíduo em discussão, “o João”, para depois lhe atribuir a propriedade de “x estar doente”.

Entretanto, se a resposta para uma pergunta geral for um evento mais pontual, como abaixo, a resposta com deslocamento não é a mais adequada.

- (10) A: O que aconteceu?
B: O João ganhou um prêmio de literatura.
- (11) A: O que aconteceu?
B: ?*O João*_{TI}, *ele*_I GANHOU UM PRÊMIO DE LITERATURA_F.

A resposta com deslocamento, em (11)B, pode até ser utilizada, entretanto, a resposta mais natural parece ser aquela sem deslocamento, em (10)B. No entanto, se o falante quiser fazer uso da estratégia de primeiramente direcionar a atenção para um indivíduo disponível no discurso para depois atribuir a ele uma propriedade, com o objetivo de demonstrar o que para ele é mais relevante, (11)B é possível. Se em vez de retomada de pronome, houver uma pausa, a resposta também não é adequada.

- (12) A: O que aconteceu?
B: #*O João*_{TI}, [_I] t_I GANHOU UM PRÊMIO DE LITERATURA_F.

Perguntas mais gerais, como “O que aconteceu?”, aceitam a construção de deslocamento de tópico não contrastivo como resposta somente se o falante optar por direcionar a atenção do ouvinte para o indivíduo em questão e se a propriedade atribuída a ele apresentar certo impacto na conversa.

Nesta seção, pudemos observar que em PB sintagmas em sua posição original de sujeito podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença e apresentar a função discursiva de tópico não contrastivo, cuja estratégia é primeiramente direcionar a atenção do ouvinte para o elemento deslocado, para depois lhe atribuir uma propriedade. Essa estratégia indica que sentenças com tópico não contrastivo deslocado representam construções de juízo categórico em PB.

Quanto às restrições de uso dessa estrutura, se a sentença for uma resposta para uma pergunta mais específica, o deslocamento do sujeito pode ser retomado por pronome ou apresentar uma pausa. Se a pergunta for mais geral, as duas estruturas são possíveis, entretanto, a sentença com deslocamento é mais natural.

5.2.2 Na posição de objeto

Observemos, agora, o que ocorre se o sintagma deslocado estiver na posição de objeto. Primeiramente, apresentamos um contexto de resposta sem deslocamento, a fim de compará-lo com o contexto que apresenta uma sentença com deslocamento.

- (13) A: Onde você comprou esse livro?
B: Eu comprei esse livro na FNAC_F.
- (14) A: Onde você comprou esse livro?
B: *Esse livro*_{TI}, eu comprei *t*₁ na FNAC_F.

Comparando as duas sentenças, podemos observar que, apesar das duas possibilidades serem aceitas, a sentença com deslocamento de objeto é mais natural do que a sentença sem deslocamento em um contexto no qual o falante faz uso da estratégia de primeiramente direcionar a atenção do ouvinte para determinado indivíduo para posteriormente lhe atribuir uma propriedade. O elemento deslocado tem a função discursiva de tópico não contrastivo, já que não estabelece nenhum tipo de relação de contraste com outro elemento, nem de oposição nem de correção. O mesmo ocorre com o deslocamento com retomada de pronome.

- (15) A: Onde você comprou esse livro?
B: *Esse livro*_{TI}, eu comprei *ele*₁ na FNAC_F.

Com retomada de pronome, a resposta também é mais natural do que sem deslocamento e fica mais evidente que não haja contraste com outros elementos disponíveis no contexto. Da mesma maneira, o elemento deslocado não estabelece relação de contraste com outro elemento disponível no discurso. A estrutura indica que o falante primeiramente direciona a atenção do ouvinte para o tópico da sentença para, posteriormente, lhe atribuir a propriedade de “o falante b comprar x na FNAC”. Tanto (14)B quanto (15)B são representações de juízo categórico em PB.

Os contextos até agora discutidos não apresentam a noção de contraste. Esses exemplos confirmam nossa hipótese de que contraste não seja obrigatório em sentenças com deslocamento em PB. Entretanto, mesmo esses contextos podem apresentar contraste, se este for indicado explicitamente ou implicitamente.

- (16) A: Onde você comprou esse livro?
 B: *Esse livro*_{TC1}, eu comprei t₁ na FNAC. Agora, *o de semântica*_{TC2}, eu comprei t₂ na livraria perto de casa.

No diálogo acima, o falante B contrasta explicitamente o livro mais saliente no contexto com “o livro de semântica”. Dessa maneira, mesmo o contexto visto anteriormente, se for explicitado, o contraste pode ocorrer. Sentenças com deslocamento de tópico contrastivo serão exploradas mais adiante, no capítulo 6.

Observe, a seguir, outro exemplo de tópico não contrastivo. No primeiro diálogo, a resposta apresenta uma sentença canônica e no segundo a resposta tem uma estrutura na qual o sintagma na posição de objeto é deslocado.

- (17) A: Onde o João conheceu a Maria?
 B: O João conheceu a Maria na universidade.
- (18) A: Onde o João conheceu a Maria?
 B: *A Maria*_{TI}, o João conheceu ela₁ NA UNIVERSIDADE_F.

Mais uma vez a sentença com deslocamento parece ser a mais natural, apesar da resposta canônica também ser aceitável. Na resposta com deslocamento há uma estratégia por parte do falante de primeiramente afirmar o tópico da sentença para posteriormente lhe atribuir uma propriedade, a de “O João conhecer x na universidade”. Essa sentença indica juízo categórico em PB. O mesmo ocorre em um contexto de deslocamento sem retomada de pronome.

- (19) A: Onde o João conheceu a Maria?
 B: *A Maria*_{TI}, o João conheceu t₁ NA UNIVERSIDADE_F.

Sem retomada de pronome, também é possível ter um contexto sem contraste, em que a função do deslocamento é primeiramente direcionar a atenção do ouvinte para o elemento deslocado para depois lhe atribuir uma propriedade. Não há contraste, já que o elemento deslocado, “a Maria”, não estabelece nem relação de contraste por oposição nem de contraste por correção com algum elemento do contexto.

Entretanto, o contraste pode ocorrer se houver uma entonação específica que recaia sobre a Maria ou se houver mais indivíduos salientes que possam ser contrastados com Maria.

- (20) A: Onde o João conheceu a Maria?
 B: *A Maria*_{TCI}, o João conheceu *t*₁ NA UNIVERSIDADE_F. Já *a Ana*_{TC2}, ele conheceu NO TRABALHO_F *t*₂.

Nesse caso, o falante responde implicitamente a uma pergunta do tipo: “Onde o João conheceu essas pessoas?”. Atribui a propriedade de “O João conhecer x na universidade” à “Maria”, contrastando com os demais indivíduos. Tal contexto será explorado mais adiante, no capítulo 6.

Ainda, se houver uma pergunta mais geral, do tipo, “O que aconteceu?”, a estratégia de deslocar o sintagma na posição de objeto não parece ser a melhor opção. Compare os dois diálogos a seguir:

- (21) A: O que aconteceu?
 B: O João convidou a Maria para jantar.
- (22) A: O que aconteceu?
 B: *#A Maria*_{TI}, O JOÃO CONVIDOU *ela*₁ PRA JANTAR_F.

A sentença com deslocamento é minimamente estranha. Em um contexto geral, em que o sintagma deslocado não tenha sido mencionado, essa não é a mais adequada. O mesmo ocorre se a estrutura for sem retomada de pronome.

- (23) A: O que aconteceu?
 B: *#A Maria*_{TI}, O JOÃO CONVIDOU *t*₁ PRA JANTAR_F.

Entretanto, se a resposta for um acontecimento apresente algum tipo de impacto no contexto, a resposta com deslocamento a esquerda para uma pergunta mais geral parece ser bem empregada.

- (24) A: O que aconteceu?
 B: O João convidou a minha irmã mais nova pra jantar e deu um bolo nela.
- (25) A: O que aconteceu?
 B: *A minha irmã mais nova*_{TI}, O JOÃO CONVIDOU *ela*₁ PRA JANTAR E DEU UM BOLO *NELA*₁.

As duas opções de resposta são adequadas. Entretanto, se o falante optar por primeiramente inserir o tópico da sentença, indicando assim, o que é mais relevante para ele no discurso, para posteriormente lhe atribuir as propriedades “o João convidou x pra jantar” e “o João deu um bolo em x”, a sentença com deslocamento é a mais apropriada. Tal estrutura apresenta juízo categórico em PB e não há contraste, visto que o referente do sintagma deslocado “a minha irmã mais nova” não estabelece relação de contraste por oposição ou correção com outro elemento disponível no discurso. O mesmo pode ocorrer com uma sentença que apresente lacuna no local de origem do sintagma deslocado.

(26) A: O que aconteceu?

B: *A minha irmã mais nova*_{TI}, O JOÃO CONVIDOU *t*₁ PRA JANTAR E DEU UM BOLO *NELA*_{F1}.

Nesta seção, pudemos observar que DPs objeto podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença e apresentar a função discursiva de tópico não contrastivo, que consiste em primeiramente indicar o tópico da sentença, para posteriormente atribuir-lhe uma propriedade. A estrutura com deslocamento pode ser tanto com retomada de pronome quanto sem. Ainda, tanto contextos de perguntas mais gerais quanto contextos de perguntas específicas permitem estrutura de deslocamento.

5.2.3 Em outras posições sintáticas

Outra questão a ser investigada é se PP deslocado pode apresentar a função discursiva de tópico não contrastivo. Imagine um contexto no qual o João e a Maria estão passeando pela biblioteca, quando o João encontra um livro de que gosta muito. Ele pode tanto proferir um enunciado como (27), sem deslocamento, como com deslocamento, em (28).

(27) Eu gosto desse livro.

(28) *Desse livro*_{TI}, eu GOSTO_F *t*₁.

A sentença (28) apresenta uma leitura que implica a existência de outros elementos no contexto, diferentemente da sentença sem deslocamento, em (27). O deslocamento indica que o falante seleciona um dos elementos de um conjunto dado pelo contexto e atribui uma propriedade a esse elemento. Fica implícito que haja pelo menos mais um livro disponível no contexto e esse outro livro não possui a propriedade de “y gostar de x”. A sentença acima indica que PP deslocado apresenta tópico contrastivo, pois o referente do sintagma deslocado estabelece uma relação de contraste por oposição, e será investigada no capítulo seguinte.

Se no mesmo contexto dado acima, o falante fizer uso de um verbo transitivo, que não é regido por preposição, a sentença indica que o elemento deslocado possui a função

discursiva de tópico não contrastivo. Compare as sentenças a seguir com as anteriores, apresentadas em (27) e (28).

(29) Eu amo esse livro.

(30) *Esse livro*_{TI}, eu AMO_F t₁.

Como podemos observar, se o sintagma deslocado for um complemento de verbo transitivo, esse pode ter a função de tópico não contrastivo, na qual o falante primeiramente afirma o tópico da sentença, “esse livro” para (30), para depois lhe atribuir uma propriedade: “y amar x”, sem estabelecer nenhum tipo de relação de contraste.

Ainda, considerando o mesmo contexto dado anteriormente, se o falante optar pela resposta na qual o sintagma deslocado não apresente a preposição de sua posição original como a abaixo, a resposta também indica que o elemento deslocado tenha a função de tópico não contrastivo.

(31) Eu gosto muito desse livro.

(32) *Esse livro*_{TI}, EU GOSTO MUITO_F t₁.

Ao proferir a sentença (32), o falante seleciona o elemento “esse livro” e direciona a atenção do ouvinte para esse elemento, sem estabelecer relação de contraste com outros elementos disponíveis, seja de oposição ou de correção. Após, atribui a propriedade “y gostar de x” ao elemento deslocado. Se houver retomada de pronome, a estratégia se mantém.

(33) *Esse livro*_{TI}, EU GOSTO_F dele₁.

As estruturas apresentadas em (32) e (33) apresentam marcação de tópico não contrastivo, já que não há relação de contraste. O falante primeiramente direciona a atenção do ouvinte ao elemento “esse livro” para depois lhe atribuir a propriedade “o falante gosta muito de x”. Também são construções que representam juízo categórico em PB.

A seguir, observemos se houver uma pergunta mais geral, como “O que aconteceu?”, se é possível haver uma resposta cuja sentença apresente uma estrutura com PP deslocado. Imaginemos que João e Maria estão passeando na biblioteca, quando Maria para em uma das prateleiras e fica procurando um livro. Ao encontrá-lo, fica o folheando por um bom tempo. João, para entender o que está acontecendo, profere o que está em A. Compare os dois diálogos, o primeiro sem deslocamento e o segundo com.

(34) A: O que foi?

B: Eu preciso desse livro.

(35) A: O que foi?

B: #*Desse livro*_{TI}, eu PRECISO_F t₁.

Comparando as duas respostas, uma sem deslocamento e outra com, podemos observar que a sentença com deslocamento não é adequada se o sintagma deslocado receber uma marcação de tópico não contrastivo. A resposta seria adequada somente se tal sintagma recebesse a marcação de foco, de curvatura descendente, como vimos nos capítulos anteriores. Se a resposta apresentar uma estrutura com retomada de pronome, por sua vez, a sentença é agramatical, como podemos observar a seguir.

- (36) A: O que foi?
B: **Desse livro*_{TI}, eu PRECISO_F dele₁.

A sentença acima com marcação de tópico não contrastivo e retomada de pronome é agramatical. Observemos, a seguir, se a resposta para a pergunta mais geral apresentar um DP objeto deslocado, sem a preposição.

- (37) A: O que foi?
B: #*Esse livro*_{TI}, eu PRECISO_F t₁.
(38) A: O que foi?
B: #*Esse livro*_{TI}, eu PRECISO_F dele₁.

A resposta acima, em (37)B, só é bem empregada se o DP deslocado receber um acento típico de foco, o que indicaria que tal sintagma tem a função discursiva de foco. Com a entonação de tópico não contrastivo, indicada em pelas letras em *itálico*, a sentença não é adequada. (38)B, por sua vez, mesmo com acento de foco é inadequada.

- (39) A: O que foi?
B: #ESSE LIVRO_{F1}, eu preciso dele₁.

Nesta seção, pudemos observar que em PB é possível haver sentenças com tópico deslocado, sem que essas apresentem contraste. Deslocamento de sujeito com retomada de pronome ou que apresente uma pausa é adequado para contextos de tópico não contrastivo. Se a pergunta for mais geral, a sentença com deslocamento de sujeito é possível e adequada em um contexto no qual o falante queira primeiramente afirmar o tópico para depois lhe atribuir uma propriedade. Deslocamento de objeto pode apresentar tópico não contrastivo: se o sintagma deslocado for retomado por um pronome, fica mais evidente que não haja contraste; se o sintagma deslocado não for retomado por pronome, o contraste pode ocorrer, dependendo do contexto. PP deslocado indica contraste. Estrutura com DP deslocado sem preposição e pronome é um caso típico de tópico não contrastivo.

Apresentamos, a seguir, uma tabela como resumo das conclusões desta seção:

DESLOCAMENTO DE TÓPICO NÃO CONTRASTIVO EM PB		
SINTAGMA	SEM PRONOME	COM PRONOME
DP sujeito	OK	OK
DP objeto	OK	OK
PP objeto	Implica em contraste	*
DP sem preposição	OK	OK

5.3 DESLOCAMENTO DE SINTAGMA INDEFINIDO COM FUNÇÃO DE TÓPICO NÃO CONTRASTIVO

O objetivo desta seção é investigar a possibilidade de um sintagma indefinido com função discursiva de tópico não contrastivo, cuja função é direcionar a atenção do ouvinte para determinado elemento disponível no discurso, ser deslocado para a periferia esquerda da sentença. Levantaremos alguns contextos com sentenças que apresentem deslocamento de indefinido em diversas posições sintáticas, a fim de verificar se o elemento deslocado pode ter essa função.

Iniciaremos com uma sentença que apresenta o sintagma indefinido deslocado em sua posição original de sujeito. Imagine que dois amigos estão conversando sobre as preferências de estudo de seus colegas e um deles resolve trazer informações sobre um de seus amigos. O falante, então, tem a opção de se utilizar da sentença canônica, em (40), ou a com deslocamento, em (41).

(40) Um amigo meu gosta de linguística.

(41) *Um amigo meu*_{TI}, *ele*₁ gosta de linguística.

A diferença da segunda sentença, com deslocamento, comparando com a primeira, é que na segunda o falante faz uso da estratégia de primeiramente inserir um indivíduo no contexto, “um amigo meu”, para posteriormente lhe atribuir a propriedade “x gosta de linguística”. Considerando que a pergunta em discussão seja “Quem gosta de linguística?”, nas duas respostas, tanto na com deslocamento quanto na sem, o sintagma “um amigo meu” possui a função discursiva de foco. A estratégia de inserir um indivíduo e não apontar para um elemento já disponível faz parte da função de foco não contrastivo, como vimos no capítulo 3.

O mesmo ocorre se a estrutura for aquela apresentada no capítulo 3, de sintagma existencial mais relativa apresentada por Negrão (1992) e Nasser (2007).

(42) *Tem amigo meu*_{TI} que *t*₁ gosta de linguística.

(43) *Tem amigo meu*_{TI} que *ele*₁ gosta de linguística.

Tanto em (42) quanto em (43), o deslocamento apresenta a estratégia de primeiramente inserir um elemento no contexto para posteriormente atribuir a propriedade “x gosta de linguística” a esse elemento. Tal estratégia é de foco não contrastivo. Observemos, a seguir se a posição original do sintagma deslocado for de objeto, se ele pode assumir a função discursiva de tópico não contrastivo.

(44) A: O João leu um artigo do Chomsky?

B: #Ele leu um artigo.

(45) A: O João leu um artigo do Chomsky?

B: *Um artigo*_{TI}, ele leu *t*₁.

A sentença acima, com deslocamento, só seria bem empregada em um contexto no qual o sintagma deslocado recebesse um acento específico de tópico contrastivo (Büring 1999, 2003). Deste modo, o sintagma indefinido deslocado no contexto acima terá a função de tópico contrastivo, cuja estratégia é responder parcialmente ou contrastivamente uma pergunta mais ampla. Esse tipo de tópico será investigado mais adiante, no capítulo 6. Podemos observar que se estiver na posição de objeto, o sintagma indefinido deslocado tem a função de tópico contrastivo e não de tópico não contrastivo. Dependendo da pergunta ou contexto, o mesmo sintagma pode ter a função de foco contrastivo, como já vimos no capítulo 4.

(46) A: Que artigo o João leu?

B: UM ARTIGO DO CHOMSKY_{F1}, ele leu *t*₁.

Até agora, podemos ver que o sintagma indefinido deslocado pode assumir a função de foco contrastivo, de foco não contrastivo, ou até mesmo de tópico contrastivo. No entanto nenhum contexto investigado apresentou o sintagma indefinido deslocado com função de tópico não contrastivo. Observemos se um PP pode ter função de tópico não contrastivo.

(47) A: Você gostou de algum artigo do Chomsky?

B: Eu gostei muito de um artigo.

(48) A: Você gostou de algum artigo do Chomsky?

B: #*De um artigo*_{TI}, eu gostei *t*₁ muito.

O diálogo com PP deslocado é inadequado, só poderia ser aceito se tivesse o acento de tópico contrastivo, mas mesmo assim não seria a resposta mais natural. Se for uma estrutura DP sem a preposição deslocada, da mesma forma só será aceito se tiver a função discursiva de tópico contrastivo.

(49) A: Você gostou de algum artigo do Chomsky?

B: #*Um artigo*_{TI} eu gostei *t*₁ muito.

Se a estrutura for de existencial mais relativa, o sintagma deslocado tem a função discursiva de foco não contrastivo, na qual o falante primeiramente insere um elemento no contexto, “um artigo”, para posteriormente lhe atribuir uma propriedade, “y gostar muito de x”.

(50) A: Você gostou de algum artigo do Chomsky?

B: #*Tem um artigo*_{TI} que eu gostei *t*₁ muito.

Nesta seção, pudemos identificar que sintagmas indefinidos deslocados para a periferia esquerda da sentença em PB não podem assumir a função discursiva de tópico não contrastivo. Ora apresentam a função de foco contrastivo ou não contrastivo, ora apresentam a função de tópico contrastivo, mas nunca a de tópico não contrastivo, que consiste em apontar para um elemento já dado no discurso para posteriormente atribuir uma propriedade a esse.

5.4 A MENÇÃO PRÉVIA DO SINTAGMA DESLOCADO

Esta seção busca investigar se o elemento deslocado com função de tópico não contrastivo necessita ser mencionado previamente no discurso ou não. Erteschik-Shir (2007) afirma que menção prévia é uma das características de tópico, entretanto, nem todos os tópicos requerem menção prévia. Desta maneira, nossa proposta é investigar se menção prévia é requisito necessário em sentenças com deslocamento de tópico, já que sem deslocamento, essa noção não é obrigatória.

Consideramos menção prévia o elemento que já tenha sido mencionado explicitamente no discurso anterior. Observe o contexto abaixo, no qual o referente do elemento deslocado tinha sido previamente mencionado, porém não tinha a função de tópico anteriormente.

(51) O Jô Soares convidou o FHC para participar do seu programa. Ele vai entrevistar o ex-presidente na semana que vem.

(52) O Jô Soares convidou o FHC para participar do seu programa. *O ex-presidente*_{TI}, o Jô vai ENTREVISTAR *t*₁ NA SEMANA QUE VEM_F.

Comparando (51), em que não há deslocamento, com (52), em que há deslocamento na segunda sentença, podemos afirmar que a sentença sem deslocamento é mais natural para a continuidade do discurso. Entretanto, ao fazer uso do deslocamento, o falante indica que há uma mudança de tópico. Em (51), o tópico sentencial da primeira sentença e da segunda possuem o mesmo referente: “Jô Soares”. Já em (52), o falante, ao deslocar o “o ex-presidente” indica que há uma mudança de tópico, que passa a ser o sintagma deslocado.

Além disso, esse sintagma indica um indivíduo já mencionado no discurso anterior. Tal sintagma representa um tópico não contrastivo, visto que o deslocamento tem função direcionar o ouvinte primeiramente para o indivíduo sobre o que se fala a sentença, para posteriormente lhe atribuir uma propriedade. No caso acima, primeiramente o falante dirige a atenção do ouvinte para o indivíduo “o ex-presidente”, para posteriormente lhe atribuir a propriedade de “o Jô entrevistar x na semana que vem. O mesmo ocorre se na sentença, o sintagma deslocado seja retomado por um pronome, como exemplificado a seguir:

- (53) O Jô Soares convidou o FHC para participar do seu programa. *O ex-presidente*_{T1}, o Jô ENTREVISTOU *ele*_{E1} NA SEMANA PASSADA_F.

Da mesma maneira do deslocamento com lacuna, no deslocamento com preenchimento de pronome é possível em um contexto no qual o elemento deslocado já tenha sido mencionado no discurso anterior. Tanto a segunda sentença em (52) quanto a segunda sentença em (53) representam estruturas de juízo categórico em PB, em que primeiramente um indivíduo é destacado para posteriormente uma propriedade ser atribuída a esse indivíduo. Outro contexto, em que o elemento deslocado já tenha sido mencionado, pode ser observado a seguir:

- (54) O FHC deu uma entrevista ontem na rádio CBN. Ele comentou a situação econômica atual. O jornalista conseguiu essa entrevista com exclusividade.
- (55) O FHC deu uma entrevista ontem na rádio CBN. Ele comentou a situação econômica atual. *Essa entrevista*_{T1}, O JORNALISTA CONSEGUIU *t1* COM EXCLUSIVIDADE_F.

Neste caso, a estrutura com deslocamento, apresentada em (55) é mais natural do que a estrutura sem deslocamento, (54). Isto porque o elemento deslocado que possui a função de tópico na sentença é relacionado ao tópico discursivo, que pode ser representado pela pergunta norteadora do discurso.

Relembrando que tópico sentencial para Reinhart (1982) está sempre relacionado com um constituinte da sentença, enquanto tópico discursivo é mais abstrato e identificado pelo contexto de fala. O tópico discursivo representa a pergunta em discussão. Podemos considerar que a pergunta em discussão seja relacionada à entrevista de FHC, do tipo “Quais as informações sobre a entrevista que o FHC deu na rádio?”. Ao deslocar o sintagma “a entrevista”, o falante indica que tal informação é congruente com a pergunta em discussão. No contexto abaixo, da mesma maneira, o deslocamento indica mudança de tópico.

- (56) A: E o João? Como ele está?

B: O João tá namorando uma menina do interior. Ele conheceu essa menina na universidade.

(57) A: E o João? Como ele está?

B: O João tá namorando uma menina do interior. *Essa menina*_{TI}, ele CONHECEU _{t1} NA UNIVERSIDADE_F.

Em (56), o tópico sentencial é o sintagma ‘o João’ na primeira sentença e se mantém na segunda. Em (57), entretanto, ao deslocar ‘essa menina’ na segunda sentença, o falante indica que mudou de tópico, de ‘o João’, para ‘essa menina’. Com isso, direciona a atenção do ouvinte para a menina e lhe atribui a propriedade de “João conhecer x na universidade” a ela. Nesse contexto, o sintagma ‘essa menina’, que foi deslocado, teve seu referente mencionado explicitamente na sentença anterior. Em contextos como o acima, de mudança de tópico, a sentença com deslocamento é mais bem empregada. Observemos outros contextos em que o elemento não é mencionado previamente, entretanto, um conjunto de elementos é inserido no discurso anterior.

(58) Os alunos do terceiro ano estão organizando uma festa. Eles se dividiram pra convidar as outras turmas. *O Paulo*_{TI}, O JOÃO VAI CONVIDAR_F _{t1}.

(59) Os alunos do terceiro ano estão organizando uma festa. Eles se dividiram pra convidar as outras turmas. *Os alunos do terceiro ano*_{TI}, O JOÃO VAI CONVIDAR_F _{t1}.

(60) A: Será que está todo mundo convidado pra festa?

B: *O Paulo*_{TI}, O JOÃO CONVIDOU_F _{t1}.

As sentenças acima, com deslocamento, são possíveis sem menção prévia. Entretanto, um conjunto é inserido anteriormente no discurso e o elemento deslocado faz parte desse conjunto, em uma relação de *poset* (Ward & Prince, 1991). Em (58), por exemplo, um conjunto de convidados para a festa é inserido no discurso anterior. O elemento deslocado, “o Paulo” é integrante deste conjunto. Em (59), por sua vez, o subconjunto, representado por “os alunos do terceiro ano”, é parte do conjunto de convidados. Em (60), assim como em (58), o indivíduo “Paulo” faz parte do conjunto de convidados para a festa. Entretanto, em todos os casos, o sintagma deslocado tem a função de tópico contrastivo, já que ao dar informações sobre o elemento ou subconjunto de elementos deslocado, este estabelece uma relação de contraste por oposição com os demais elementos do conjunto.

Nesta seção, pudemos observar tópico não contrastivo deslocado, na maioria dos casos, exige a menção prévia de seu referente. Entretanto, esse elemento não tem a função de tópico no discurso anterior. Pelo contrário, as sentenças que apresentam deslocamento, diferentemente das sem, indicam mudança de tópico. Ainda, se o sintagma deslocado

coincidir com o tópico em discussão, a sentença com deslocamento é mais natural do que a sem. O sintagma deslocado pode não ter sido mencionado previamente no discurso, no entanto, deve haver um conjunto disponível do qual esse faça parte e estabeleça uma relação de *poset*. Neste caso, o elemento deslocado recebe a função discursiva de tópico contrastivo e não de tópico não contrastivo.

5.5 A CONTINUIDADE DO DISCURSO E O SINTAGMA DESLOCADO

A presente seção tem o objetivo de analisar se o deslocamento de tópico não contrastivo interfere ou não na continuidade do discurso. Observaremos se tanto o elemento deslocado pode continuar como tópico, quanto podem ser inseridos novos tópicos no discurso. Além disso, analisaremos se elementos que tinham sido tópico anteriormente podem ser retomados com novas informações. Primeiramente, apresentamos um contexto em que o sintagma deslocado permanece como tópico.

- (61) O FHC deu uma entrevista ontem na rádio CBN. Ele comentou a situação econômica atual. *Essa entrevista_{TI}*, o jornalista conseguiu t_1 com exclusividade. A entrevista era aguardada há muito tempo pelo jornalista.

O contexto acima indica que o tópico em discussão pode ser representado pela seguinte pergunta: “Quais as informações sobre a entrevista que o FHC deu na rádio?”. O elemento deslocado na terceira sentença indica que o falante direciona a atenção do ouvinte para o elemento “a entrevista” e em seguida atribui a propriedade “o jornalista conseguiu x com exclusividade” ao sintagma deslocado. O discurso pode tranquilamente girar em torno da entrevista, conforme mostrado acima. Vejamos, a seguir, se a continuidade do discurso pode apresentar mudança de tópico sentencial, não mantendo “a entrevista” nesta função.

- (62) O FHC deu uma entrevista ontem na rádio CBN. Ele comentou a situação econômica atual. *Essa entrevista_{TI}*, o jornalista conseguiu t_1 com exclusividade. O ex-presidente aproveitou pra fazer propaganda do seu novo livro.

O discurso pode continuar trazendo informações sobre outro elemento diferente do sintagma deslocado: “a entrevista”. O elemento com função de tópico sentencial na última sentença, além de fazer parte do tópico de discussão, que são informações sobre a entrevista de FHC, retoma os tópicos sentenciais anteriores da primeira e segunda sentença. Observe outro contexto:

- (63) A: E o João? Quem ele tá namorando?
B: O João tá namorando uma menina do interior. *Essa menina_{TI}*, ele conheceu t_1 na universidade. Ela é linguista.

No contexto acima, o deslocamento de “essa menina” indica que o falante direciona a atenção do ouvinte para o indivíduo “essa menina”, identificando, assim, que há mudança de tópico do discurso de uma sentença para a outra, já que o tópico sentencial era ‘O João’ e passa a ser ‘essa menina’. A pergunta em discussão era sobre o João: “Quais as informações atuais sobre o João?”, por exemplo, e passa a ser uma pergunta sobre “a nova namorada do João”, “Quais as informações atuais sobre a nova namorada do João?”.

Também é possível continuar o discurso retomando o tópico anterior, ‘O João’, no contexto em que ‘essa menina’ é deslocado, como podemos observar a seguir:

(64) A: E o João? Como ele está?

B: O João tá namorando uma menina do interior. *Essa menina*_{T1}, ele conheceu t₁ na universidade. Nessa época, ele fazia pós-graduação.

(65) A: E o João? Como ele está?

B: O João tá namorando uma menina do interior. *Essa menina*_{T1}, ele conheceu ela₁ na universidade. Nessa época, ele fazia pós-graduação.

No contexto acima, a última sentença retoma ao tópico anterior, que é o conjunto de informações relacionadas ao “João”. Tanto no contexto com retomada de pronome quanto sem, a sentença com deslocamento não impede que se volte a trazer informações acerca do “João”. Esse exemplo nos mostra que não é necessário que o discurso mantenha o sintagma deslocado na função de tópico sentencial.

Nesta seção, pudemos observar que o sintagma deslocado com função de tópico não contrastivo pode tanto continuar no discurso como tópico, como podem ser inseridos novos tópicos, desde que estes façam parte da pergunta em discussão, que norteia o discurso.

5.6 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo foi constatado que é possível haver sentenças com deslocamento no português brasileiro, sem que estas apresentem a noção de contraste e que tenham a função discursiva de tópico não contrastivo.

A posição do elemento deslocado, entretanto, interfere na aceitabilidade de uso ou na presença ou ausência de contraste no contexto. Deslocamento de sujeito com retomada de pronome ou pausa pode ocorrer em um contexto de tópico não contrastivo. Deslocamento de objeto pode apresentar tópico não contrastivo. Se o sintagma deslocado for retomado por um pronome, fica mais evidente que não haja contraste. Se o sintagma deslocado não for retomado por pronome, o contraste pode ocorrer em alguns contextos. Se o elemento

deslocado for um PP, a sentença apresenta obrigatoriamente contraste. Se for um DP que omite preposição não há contraste.

No que diz respeito à definitude, em sentenças que apresentam sintagmas indefinidos deslocados para a periferia esquerda da sentença, os elementos deslocados, ou possuem a função de foco, ou de tópico contrastivo. Não foram encontradas sentenças aceitáveis em que sintagmas indefinidos deslocados apresentem a função de tópico não contrastivo. Desta forma, podemos afirmar que definitude é fator preponderante em contextos de tópico não contrastivo.

Outra questão investigada neste capítulo é se menção prévia não é obrigatória em contextos de deslocamento de tópico não contrastivo. Identificamos que a maioria dos casos de deslocamento de tópico não contrastivo exige menção prévia. O deslocamento, diferentemente de sentenças canônicas, indica mudança de tópico. Se o sintagma deslocado coincidir com o tópico em discussão, a sentença com deslocamento é mais natural do que a sem.

Por fim, deslocamento de tópico não contrastivo não interfere na continuidade do discurso. Tanto o elemento deslocado pode continuar como tópico, quanto pode haver mudança de tópico no discurso.

CAPÍTULO 6: DESLOCAMENTO DE TÓPICO CONTRASTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

6.1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é investigar as peculiaridades semânticas e pragmáticas de sentenças com deslocamento no português brasileiro, cujo sintagma deslocado tenha a função discursiva de tópico contrastivo. Especificamente, o capítulo busca responder às seguintes perguntas: (i) a posição do elemento original deslocado influencia na interpretação e na aceitação da sentença com tópico contrastivo?; (ii) definitude do sintagma deslocado é uma noção obrigatória em contextos de tópicos contrastivos deslocados?; (iii) sintagmas nominais nus podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença em PB e assumir a função de tópico contrastivo?

Como vimos anteriormente, no capítulo 1, tópico contrastivo é assumido nesta tese como uma marcação prosódica que recai sobre um constituinte na sentença (cf. Büring, 1999, 2003). Tal marcação evoca um conjunto de perguntas salientes no contexto e indica que o falante esteja usando uma estratégia de responder ou contrastivamente ou parcialmente a pergunta em discussão. Essas perguntas direcionam o diálogo. Seguem abaixo os exemplos apresentados no capítulo para tópico parcial e tópico contrastivo respectivamente.

- (1) A: Que livro os alunos compraram?
B: *O João_{TC}* comprou *O DE LINGUÍSTICA_F*.
- (2) A: Que livro o João comprou?
B: Bom, *O Pedro_{TC}* comprou *O DE LINGUÍSTICA_F*.

Segundo Büring (1999, 2003), as duas respostas para serem apropriadas devem apresentar um acento típico de tópico contrastivo nos sintagmas com função de tópico, que apresenta curvatura ascendente. Em (1), o falante B responde parcialmente porque, do conjunto de alunos inseridos pela pergunta, ele traz informações apenas sobre o indivíduo “João”. Em (2), por outro lado, ao ser questionado sobre o “João”, o falante contraria o solicitado e apresenta informações sobre um novo indivíduo, o “Pedro”.

Assumimos com o autor que ambos os contextos apresentam sintagmas com função de tópico contrastivo, porque possuem marcação prosódica semelhante e veiculam contrastividade. Ao responder (1)B, o falante contrasta “o João” com os demais indivíduos do conjunto inserido pela pergunta. E em (2)B, o falante contrasta explicitamente “O João” com o indivíduo “Pedro”, dado pela pergunta.

Büring, como vimos anteriormente, apresenta o valor de tópico para explicar sentenças como as acima, pois o autor afirma que apenas o valor de foco não é suficiente para representar as sentenças como essas. Considere os valores de foco e tópico para as sentenças para a sentença (1)B respectivamente, considerando os seguintes elementos no domínio: João e Pedro para o conjunto de alunos; livro de linguística e livro de literatura para o conjunto de livros.

- (3) $[[[1)B]]^f = \{\text{Os alunos compraram o livro de linguística; Os alunos compraram o livro de literatura}\}$
- (4) $[[[1)B]]^t = \{\text{Que livro o João comprou?, Que livro o Pedro comprou? Que livro o João e o Pedro compraram}\}$

Comparando o valor de foco com o de tópico, podemos observar que enquanto o valor de foco, em (3), apresenta um conjunto de proposições alternativas para a resposta de (1)A e não possui a proposição “O Pedro comprou o de linguística”, correspondente a um elemento do conjunto de alunos, o valor de tópico representado em (4) apresenta um conjunto de perguntas, das quais uma é respondida pela proposição dada em (1)B.

Neste capítulo investigaremos se constituintes com marcação de tópico contrastivo podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença. Para isso, o capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 6.2, analisaremos se a posição sintática influencia na aceitabilidade da sentença. Em seguida, em 6.3 serão investigadas sentenças em que o sintagma deslocado com função de tópico contrastivo seja um sintagma indefinido. Em 6.4, serão analisadas sentenças que apresentem nomes nus deslocados com função de tópico contrastivo. Por fim, em 6.5, será apresentado um breve resumo do capítulo.

6.2 DESLOCAMENTO SINTAGMA DEFINIDO COM FUNÇÃO DE TÓPICO CONTRASTIVO

Nesta seção, analisaremos sentenças com deslocamento para a periferia esquerda, em que o sintagma deslocado seja definido e tenha a função discursiva de tópico contrastivo. Mais precisamente, investigaremos se a posição sintática original do sintagma deslocado: sujeito, objeto entre outras, influenciam na aceitabilidade da sentença.

6.2.1 Na posição de sujeito

Iniciaremos por observar um contexto de pergunta sim/não em que o falante poderia responder simplesmente “sim” ou “não”. Compare os dois diálogos a seguir, um de resposta canônica e o outro com deslocamento e retomada de pronome.

(5) A: Os alunos vão pra festa?

B: Sim, eles $V\tilde{A}O_F$.

(6) A: Os alunos vão pra festa?

B: *O João*_{TC}, ele VAI_F .

Na resposta em (5)B, o falante responde completamente à pergunta dada por A. Em (6)B, por sua vez, ao ser perguntado sobre o conjunto de alunos, o falante traz informações apenas sobre um indivíduo do conjunto de alunos, “o João”. Faz uso do deslocamento acompanhado da entonação peculiar de tópico contrastivo. Com isso, responde parcialmente a uma pergunta implícita do tipo “Quais alunos vão pra festa?”. Essa resposta parcial indica que a noção de contraste está presente, visto que ao dar informações sobre “o João”, o falante estabelece uma relação de contraste por oposição entre o elemento destacado e os demais elementos do conjunto de alunos inserido pela pergunta. Atribui a propriedade “x vai pra festa” ao “João” e deixa em aberto que tal propriedade seja aplicada aos demais participantes do conjunto. O valor de foco e tópico para (6)B, respectivamente, são os seguintes (considerando que o conjunto de alunos seja formado por: João, Pedro, Marcos, Maria):

(7) $[[[6)B]]^f = \{\text{Os alunos vão pra festa, Os alunos não vão pra festa}\}$

(8) $[[[6)B]]^t = \{\text{O João vai pra festa?, O Pedro vai pra festa?, O Marcos vai pra festa? A Maria vai pra festa?}\}$

Como em pergunta sim / não o valor de foco recai sobre o verbo, as alternativas de foco são afirmação e negação em relação à propriedade dada pelo verbo da sentença. Desta maneira, podemos identificar que o valor de foco em (7) não é suficiente para explicitar a proposição dada na resposta em (6)B. Entretanto, no valor de tópico, dado em (8), podemos observar que a resposta dada acima responde completamente a pergunta “O João vai pra festa?”, deixando em aberto as demais. O deslocamento, então, indica que o falante primeiramente seleciona um indivíduo do conjunto dado, para posteriormente lhe atribuir uma propriedade. Como o elemento faz parte de um conjunto disponível no contexto e esse é contrastado com os demais elementos, possui a função discursiva de tópico contrastivo.

Ainda, se não houver deslocamento, mas o sintagma na posição de sujeito receber a marcação de tópico contrastivo, a resposta da mesma forma é adequada, como podemos observar no diálogo a seguir.

(9) A: Os alunos vão pra festa?

B: *O João*_{TC}, VAI_F .

Comparando a sentença sem deslocamento em (9)B, com a sentença que apresenta deslocamento, em (6)B, podemos observar que as duas são aceitáveis se o sintagma na

posição de sujeito apresentar uma marcação de tópico. A marcação indica que o indivíduo “o João” estabelece uma relação de contraste por oposição com os demais integrantes do conjunto de alunos. Desta maneira, a contribuição do deslocamento não é necessariamente em relação ao contraste, mas para indicar que ao fazer uso deste tipo de estrutura, o falante primeiramente aponta para o tópico da sentença, para posteriormente lhe atribuir a propriedade “x vai pra festa”.

Tanto a sentença com deslocamento quanto a sem não apresentam inferência de exaustividade, já que a marcação de tópico contrastivo indica que o falante esteja respondendo parcialmente à pergunta mais ampla dada no contexto, trazendo informações sobre um indivíduo do conjunto de alunos, e deixando os demais sem informações. Entretanto, há uma implicatura de que a propriedade “x vai pra festa” não seja aplicada aos demais indivíduos do conjunto. Como podemos ver a seguir, por ser uma implicatura e poder ser cancelada, a propriedade “x ir pra festa” também pode ser aplicada a outros indivíduos.

- (10) A: Os alunos vão pra festa?
 B: *O João*_{TC}, *VAI*_F. A Maria também.
- (11) A: Os alunos vão pra festa?
 B: *O João*_{TC}, ele *VAI*_F. A Maria também.

Apesar do cancelamento da implicatura poder ocorrer nos dois casos, a sentença com deslocamento parece apresentar um nível menor de cancelamento do que a sentença sem. Assim como nos casos de implicatura de exaustividade, esse tipo de implicatura também parece apresentar níveis diferentes de cancelamento.

Observemos, a seguir, se em vez do sintagma ser retomado por pronome, houver uma estrutura que apresente uma lacuna no local de origem do sintagma deslocado.

- (12) A: Os alunos vão pra festa?
 B: ?*O João*_{TC}, [] *VAI*_F.

Apesar de ser possível, o deslocamento do sintagma sujeito com lacuna não parece ser o mais natural para o contexto acima. A resposta mais adequada para um contexto em que o falante faça uso da estratégia de responder parcialmente a uma pergunta dada em dois momentos subsequentes, o primeiro em que apresenta um elemento no contexto e o outro em que atribui uma propriedade a esse elemento, é a apresentada anteriormente em (6)B.

Nos diálogos acima, o contraste foi dado implicitamente, em que, ao atribuir uma propriedade a determinado indivíduo, o falante deixa implícito que tal propriedade não é

atribuída aos demais indivíduos do conjunto. Observemos, a seguir, se ocorrem mudanças quando o contraste é dado explicitamente no contexto.

(13) A: Os alunos vão pra festa?

B: *O João_{TC}*, ele *VAI_F*. *A Maria_{TC}*, ela *NÃO VAI_F*.

No diálogo acima, o falante contrasta explicitamente os indivíduos “João” e “Maria”, estabelecendo, assim, uma relação de contraste por oposição entre os dois indivíduos. Atribui a propriedade “x vai pra festa” ao “João” e nega que essa mesma propriedade seja atribuída à Maria. Observe, respectivamente, os valores de foco e de tópico para a resposta (13)B.

(14) $\llbracket (13)B \rrbracket^f$ {Os alunos vão pra festa, Os alunos não vão pra festa}

(15) $\llbracket (13)B \rrbracket^f$ {O João vai pra festa?, A Maria vai pra festa?}

Como vimos, o valor de foco não é suficiente para explicar a sentença acima, em (13)B. Considerando, o valor de tópico, então, podemos observar que, ao fazer uso do deslocamento, juntamente com a entonação peculiar de tópico contrastivo, o falante responde afirmativamente à primeira pergunta, relacionada a “João”, e negativamente à segunda pergunta, sobre “Maria”.

Observemos, a seguir, se o contexto de contraste explícito admite a estrutura de deslocamento com lacuna no local de origem do sintagma deslocado.

(16) A: Os alunos vão pra festa?

B: *O João_{TC}*, $\llbracket \rrbracket$ *VAI_F*. *A Maria_{TC}* *NÃO_F*.

Se o falante afirmar ou negar explicitamente a propriedade em questão aos elementos do conjunto, a resposta com deslocamento acompanhada de pausa é possível e mais natural, diferentemente do contexto com contraste implícito, visto anteriormente, em (12). Fica explícito que há uma relação de contraste por oposição entre os dois elementos dados pelo contexto: “o João” e “a Maria”.

Ainda, observemos um diálogo no qual a pergunta, ao invés de inserir um conjunto de alunos no contexto, indique explicitamente os elementos que fazem parte desse conjunto. O primeiro diálogo, em (17), apresenta uma resposta canônica e o segundo, em (18), apresenta uma sentença com deslocamento.

(17) A: O João e a Maria vão pra festa?

B: *O João_{TC}* *VAI_F*.

(18) A: O João e a Maria vão pra festa?

B: *O João_{TC}*, ele *VAI_F*.

Da mesma maneira que os diálogos que apresentam um conjunto de indivíduos na pergunta, nos contextos acima, podemos observar que tanto a sentença canônica quanto a com deslocamento são adequadas para responder parcialmente ou contrastivamente a pergunta dada pelo contexto. Neste caso, ao trazer informações sobre “o João”, o falante deixa em aberto as informações relacionadas à “Maria”. A diferença entre um e outro, é que na sentença com deslocamento há uma estratégia de primeiramente indicar o tópico da sentença para posteriormente lhe atribuir uma propriedade. Há uma implicatura de que a propriedade “x vai pra festa” seja negada à Maria, entretanto, por ser uma implicatura, essa pode ser cancelada, tanto na sentença canônica quanto na sentença com deslocamento.

- (19) A: O João e a Maria vão pra festa?
B: *O João*_{TC} *VAI*_F. A Maria também.

- (20) A: O João e a Maria vão pra festa?
B: *O João*_{TC}, ele *VAI*_F. A Maria também.

Apesar do cancelamento da implicatura poder ocorrer nos dois casos, a sentença com deslocamento parece apresentar menor possibilidade de cancelamento do que a sentença sem. Assim como nos casos de implicatura de exaustividade, esse tipo de implicatura também parece apresentar níveis diferentes de cancelamento, o que deve ser confirmado com experimentos em pesquisas futuras.

Até o momento, analisamos sentenças com deslocamento de tópico contrastivo na posição de sujeito apenas em contextos de pergunta sim / não. Observemos, a seguir, o que ocorre com deslocamento na posição de sujeito para contextos que apresentem pergunta de constituinte.

- (21) A: Quais dos alunos vão pra festa?
B: *O João*_{TC} *VAI*_F.

- (22) A: Quais dos alunos vão pra festa?
B: *O João*_{TC}, ele *VAI*_F.

Assim como em contextos de pergunta sim / não, em contextos de perguntas de constituinte, a resposta pode tanto ser canônica como com deslocamento. Ao comparar os diálogos acima, podemos observar que para ser tópico contrastivo, a resposta vai depender da entonação, tanto na sentença canônica, em (21)B, na com deslocamento, em (22)B. Essas somente serão adequadas e apresentarão a estratégia de resposta parcial à pergunta explicitamente dada, se apresentarem a entonação típica de tópico contrastivo. Se não houver tal entonação, tanto uma quanto outra apresentam respostas completas para a pergunta. A estratégia de resposta parcial, então, é dada não pelo deslocamento e sim pela entonação de

tópico contrastivo. A diferença entre uma sentença e outra é que a resposta com deslocamento indica que o falante primeiramente seleciona um indivíduo do conjunto de alunos, para posteriormente atribuir-lhe uma propriedade, o que caracteriza uma sentença de juízo categórico em PB. A resposta com pausa e lacuna (23)B, por sua vez, não é mais natural.

(23) A: Quais dos alunos vão pra festa?

B: #*O João*_{TC}, [] *VAI*_F.

Por fim, observemos um contexto de pergunta de constituinte, cujos indivíduos contrastados sejam dados explicitamente.

(24) A: Quais dos alunos vão pra festa?

B: *O João*_{TC} *VAI*_F. *A Maria*_{TC} não *VAI*_F.

(25) A: Quais dos alunos vão pra festa?

B: *O João*_{TC}, ele *VAI*_F. *A Maria*_{TC} não *VAI*_F.

(26) A: Quais dos alunos vão pra festa?

B: *O João*_{TC}, [] *VAI*_F. *A Maria*_{TC} não *VAI*_F.

Comparando as sentenças acima, a diferença entre a sentença canônica, em (24), e a sentença com deslocamento e retomada de pronome, em (25), não é a estratégia de resposta parcial, já que essa é dada pela a entonação de tópico contrastivo. A diferença entre uma e outra é que, enquanto a resposta canônica atribui a propriedade de “x ir pra festa” diretamente a “João”, a sentença com deslocamento primeiramente direciona a atenção do ouvinte para um indivíduo, “o João”, para depois lhe atribuir a propriedade. A propriedade “x ir pra festa” é explicitamente negada à “Maria” nas duas respostas. A resposta com pausa, em (26), é aceitável no contexto que apresenta explicitamente os indivíduos contrastados, diferentemente do contexto em que apenas um indivíduo é explicitado.

Até então, todos os contextos de deslocamento de tópico contrastivo apresentados apresentam relação de contraste por oposição. Observemos se é possível haver uma sentença com deslocamento de tópico contrastivo, cuja relação de contraste estabelecida seja de correção.

(27) A: O João foi pra festa ontem.

B: ?*O Paulo*_{TC} foi *t*₁.

(28) A: O João foi pra festa ontem.

B: ?*O Paulo*_{TC} ele foi *t*₁.

Tanto a sentença canônica em (27)B, quanto a com deslocamento (28)B não indicam uma relação de contraste por correção. A marcação de tópico contrastivo indica que o falante esteja respondendo parcialmente a uma pergunta do tipo: “Quem foi pra festa?”. Ao responder parcialmente a tal pergunta, o falante não necessariamente nega a asserção em A. Desta

maneira, não há relação de contraste por correção, visto que nesse tipo de relação de contraste, a verdade de uma asserção implica necessariamente na falsidade da outra. Nos diálogos acima, mesmo afirmando que a propriedade “x foi pra festa” seja atribuída ao “Paulo”, o falante não nega que tal propriedade seja negada ao “João”.

Nesta seção, pudemos observar que o sintagma com posição original de sujeito pode ser deslocado para a periferia esquerda sentença e ter a função de tópico contrastivo. Essa função é dada pela entonação peculiar que tópicos contrastivos apresentam. A função do deslocamento é a de direcionar a atenção do ouvinte para um elemento disponível no contexto, a partir de um conjunto dado explícita ou implicitamente, para depois atribuir uma propriedade a esse elemento. Por tal propriedade ser atribuída a um elemento e não aos demais, há uma relação de contraste por oposição. Não ocorre relação de contraste por correção em sentenças com tópico contrastivo. O tópico contrastivo na posição de sujeito pode ser deslocado para periferia esquerda da sentença tanto em contextos de pergunta sim / não como de constituinte. Entretanto, a estrutura mais aceitável é aquela com retomada de pronome. A diferença entre uma estrutura de sentença canônica para uma estrutura com deslocamento não é o contraste, já que ambas podem apresentar marcação de tópico deslocado. A contribuição do deslocamento em sentenças com DPs sujeito deslocados com marcação de tópico contrastivo é a estratégia de primeiramente afirmar o tópico para posteriormente lhe atribuir uma propriedade.

6.2.2 Na posição de objeto

Nesta seção, analisaremos contextos de deslocamento de tópico contrastivo na posição de objeto. Iniciemos com um contexto no qual haja uma pergunta sim/não, na qual a resposta consiste em afirmar ou negar a propriedade contida na pergunta.

- (29) A: O João comprou os livros do curso?
B: Sim, *ele* COMPROU_F ~~os livros do curso~~.

No entanto, se o falante optar por responder parcialmente ou contrastivamente à pergunta dada, poderia ter duas opções, uma sem deslocamento, no qual o sintagma na posição de objeto recebe a marcação de tópico contrastivo e se mantém em sua posição canônica, (30)B, e outra com deslocamento, no qual o sintagma com marcação de tópico contrastivo é deslocado para a periferia esquerda da sentença, (31)B.

- (30) A: O João comprou os livros do curso?
B: Ele COMPROU_F *o livro de linguística*_{TC},
(31) A: O João comprou os livros do curso?

B: *O livro de linguística*_{TC}, ele COMPROU_F t₁.

Apesar das duas respostas serem aceitáveis, a resposta com deslocamento é a mais adequada para o contexto, o que indica que deslocamento de tópico contrastivo na posição de objeto também contribui para a noção de contraste, além da marcação peculiar. A relação de contraste entre uma e outra se dá a partir do contraste por oposição entre o elemento com marcação de tópico contrastivo e os demais elementos do conjunto dos “livros do curso”. Se a estrutura for de retomada de pronome, a sentença não é adequada, como podemos observar a seguir.

(32) A: O João comprou os livros do curso?

B: #*O livro de linguística*_{TC}, ele COMPROU_F ele₁.

Tanto a sentença canônica, em (30)B, quanto a com deslocamento, em (31)B, apresentam respectivamente os seguintes valores de foco e de tópico.

(33) $[[[(30) / (31)B]]^f = \{\text{O João comprou os livros do curso, O João não comprou os livros do curso}\}$

(34) $[[[(30) / (31)B]]^t = \{\text{O João comprou o livro de linguística?, O João comprou o livro de literatura?}\}$

Como podemos observar, o valor de foco apresenta apenas as alternativas de afirmação e negação em relação ao João comprar os livros do curso, o que não é suficiente para explicar as sentenças acima. O valor de tópico, por sua vez, apresenta um conjunto de perguntas, em que uma delas, “O João comprou o livro de linguística?”, é respondida completamente tanto pela sentença canônica quanto pela sentença com deslocamento. Observemos, a seguir, se o contraste for dado explicitamente.

(35) A: O João comprou os livros do curso?

B: Ele COMPROU_F *o livro de linguística*_{TC}. Não comprou o de literatura.

(36) A: O João comprou os livros do curso?

B: *O livro de linguística*_{TC}, ele COMPROU_F t₁. O de literatura, NÃO_F ~~comprou~~.

Da mesma maneira que com contraste implícito, com contraste explícito, as duas possibilidades de respostas são aceitas, entretanto, a resposta com deslocamento é mais natural e indica a estratégia de primeiramente indicar o tópico da sentença para posteriormente lhe atribuir uma propriedade. A relação de contraste se dá a partir da relação de oposição.

Observemos, a seguir, se a implicatura de que a propriedade “O João comprou x” é aplicada apenas ao “livro de linguística” se mantém, ou pode ser cancelada pelo contexto que segue.

(37) A: O João comprou os livros do curso?

B: Ele COMPROU_F *o livro de linguística*_{TC}. E o de literatura também.

(38) A: O João comprou os livros do curso?

B: *O livro de linguística*_{TC}, ele COMPROU_F *t*₁. E o de literatura também.

Como a pergunta insere no discurso um conjunto de indivíduos, que pode ser composto por mais membros, além do “livro de linguística” e do “livro de literatura”, as respostas deixam implícito que haja outros livros os quais não possuem a propriedade “O João comprar x”. Desta maneira, a implicatura se mantém.

Observemos, a seguir o que ocorre se os elementos disponíveis no discurso forem dados explicitamente na pergunta, se é possível haver deslocamento do sintagma na posição de objeto para a periferia esquerda da sentença.

(39) A: O João comprou os livros de linguística e de literatura?

B: Ele COMPROU_F *o livro de linguística*_{TC},

(40) A: O João comprou os livros de linguística e de literatura?

B: *O livro de linguística*_{TC}, ele COMPROU_F *t*₁.

Tanto a resposta com deslocamento quanto a resposta sem são adequadas para a pergunta que apresenta explicitamente os indivíduos a serem contrastados. Com isso, o sintagma ‘o livro de linguística’ estabelece uma relação de contraste por oposição com o sintagma ‘o livro de literatura’, em que a propriedade “O João comprou x” é aplicada ao “livro de linguística”, mas não ao “livro de literatura”. Como essa relação de contraste se estabelece explicitamente, ela não pode ser cancelada pelo contexto, como podemos observar a seguir.

(41) A: O João comprou os livros de linguística e de literatura?

B: ?Ele COMPROU_F *o livro de linguística*_{TC}, E o de literatura também.

(42) A: O João comprou os livros de linguística e de literatura?

B: #*O livro de linguística*_{TC}, ele COMPROU_F *t*₁. E o de literatura também.

Tanto a resposta com sentença canônica quanto a com deslocamento são estranhas, e não parecem ser naturais para a pergunta em A. Entretanto, enquanto a resposta em (41)B pode até ser utilizada em algum contexto, a resposta em (42)B, com deslocamento é inadequada.

Outro contexto em que é possível deslocar um sintagma com função de tópico contrastivo é o apresentado a seguir, com pergunta de constituinte. Observemos se há diferenças de uso em relação ao contexto de pergunta sim / não.

(43) A: Onde o João comprou o livro de linguística?

B: ?O João comprou *o livro de linguística*_{TC} na FNAC_F.

- (44) A: Onde o João comprou o livro de linguística?
 B: *O livro de linguística*_{TC}, o João comprou *t*₁ na FNAC_F.

Comparando as duas sentenças, a primeira sem deslocamento e a segunda com, podemos observar que a sentença com deslocamento é mais adequada neste caso em que o sintagma na posição de objeto recebe a marcação de tópico contrastivo. Isto porque o deslocamento coloca em evidência o elemento a ser contrastado, para depois atribuir a ele a propriedade “o João comprou x na FNAC”.

A marcação indica que o falante responde parcialmente a uma pergunta implícita do tipo “Onde o João comprou os livros do curso?”, trazendo informações sobre o livro de linguística e deixando em aberto informações sobre os demais livros do conjunto. O sintagma ‘o livro de linguística’ da resposta canônica, por outro lado, até pode receber o acento de tópico contrastivo, entretanto a resposta não é tão natural. Os valores de tópico e foco do enunciado em (44)B é dado a seguir.

- (45) $[[[(44)B]]]^f = \{ \text{O João comprou o livro de linguística na FNAC, O João comprou o livro de linguística na Saraiva} \}$
 (46) $[[[(44)B]]]^t = \{ \text{Onde o João comprou os livros?, Onde o João comprou os cadernos?} \}$

Observe que o falante responde à pergunta explicitada no contexto, entretanto, também responde parcialmente a uma pergunta maior como “Onde o João comprou os livros?”. Essa estratégia é semelhante ao contexto discutido por Büring, que apresentamos no capítulo 1 e retomamos aqui.

- (47) A: A sua esposa foi pra festa?
 B: *A minha*_{TC} esposa *NÃO*_F ~~foi pra festa~~.

A resposta acima, se não fosse pela marcação de tópico contrastivo, corresponde exatamente à informação requisitada. A marcação de tópico contrastivo indica que o falante esteja fazendo uso de uma estratégia de responder parcialmente a uma pergunta mais ampla do que a dada no diálogo. Com isso, lança no contexto outras perguntas e as deixa sem resposta. Se em vez de um único elemento, a pergunta inserir um conjunto de elementos, a marcação de tópico contrastivo é adequada tanto na sentença canônica quanto na com deslocamento.

- (48) A: Onde o João comprou os livros do curso?
 B: O João *COMPROU*_F *o de linguística*_{TC} na FNAC.
 (49) A: Onde o João comprou os livros do curso?
 B: *O de linguística*_{TC1}, o João *COMPROU*_F *t*₁ na FNAC.

Apesar das duas respostas serem adequadas, ainda assim, a resposta com deslocamento é mais natural. Isto porque a estratégia de primeiramente indicar o tópico da sentença para posteriormente atribuir uma propriedade a esse tópico contribui com a relação de contraste que o referente deste tópico passa a estabelecer com os demais elementos disponíveis no discurso. Ainda, a estrutura de deslocamento pode apresentar retomada de pronome, entretanto não é tão natural quanto a estrutura com lacuna.

(50) A: Onde o João comprou os livros do curso?

B: *O de linguística*_{TCI}, o João COMPROU_F ele₁ na FNAC.

A seguir, apresentamos um contexto em que não há necessariamente uma relação estabelecida por um conjunto dado, como nos exemplos dados anteriormente, mas sim uma relação convencional entre o elemento deslocado e o tópico em discussão.

(51) A Maria vai se casar. Ela alugou o vestido na boutique das noivas.

(52) A Maria vai se casar. *O vestido*_{TCI}, ela alugou t₁ na boutique das noivas.

É perfeitamente possível deslocar o sintagma ‘o vestido’ pelo fato de que convencionalmente, em um casamento há elementos como: vestido, padrinhos e madrinhas, aliança. O falante, ao deslocar, resolve destacar o elemento “vestido” e direcionar a atenção do falante para este elemento. Com isso, indica que este elemento estabelece uma relação e contraste por oposição com os outros elementos disponíveis. Ainda, responde parcialmente a uma pergunta do tipo: “Onde a Maria providenciou os objetos do casamento?”.

Ao responder com o sintagma ‘o vestido’ deslocado, o falante indica que está trazendo informações parciais de uma questão mais ampla que representa o conjunto de elementos que devem ser providenciados em um casamento. No entanto, se o elemento deslocado é ‘o marido’, a estrutura parece não ser adequada.

(53) A Maria se casou. Ela conheceu o marido no trabalho.

(54) #A Maria se casou. *O marido*_{TC}, ela CONHECEU t₁ NO TRABALHO_F.

Como o sintagma ‘o marido’ recebe a marcação de tópico contrastivo, é necessário que haja mais de um elemento para ser contrastado. Neste caso não é possível contrastar “o marido”, já que convencionalmente, as pessoas em nossa cultura possuem apenas um cônjuge. Entretanto, assim como em um casamento há apenas um marido, também, convencionalmente há apenas um vestido de noiva. Identificamos, no entanto, que “o vestido de noiva” pode ser deslocado. A explicação para “o vestido de noiva” ser licenciado para o deslocamento e “o marido” não é que “vestido de noiva” faz parte de um conjunto de objetos da cerimônia de casamento, como buquê, alianças. Desta maneira, ele é contrastado com os demais elementos

deste conjunto. A resposta acima, em (54), responde parcialmente a uma pergunta do tipo “Onde a Maria providenciou os objetos do casamento?”. O “marido”, por sua vez, não faz parte deste conjunto que é saliente no contexto acima. Entretanto, podemos imaginar um contexto em que o conjunto saliente contenha o indivíduo “o marido”.

(55) A: Onde a Maria conheceu estas pessoas?

B: *O marido*_{TC1}, ela conheceu *t*₁ NA FACULDADE_F, *o padrinho do lado dele*_{TC2}, ela conheceu *t*₂ NO TRABALHO_F, *o padrinho do lado dela*_{TC3}, ela conheceu NA IGREJA QUE FREQUENTA_F.

Ainda, se houver um contexto em que a noiva já tenha sido casada anteriormente, também é possível haver deslocamento.

(56) A Maria casou de novo. Ela conheceu esse marido no trabalho.

(57) A Maria casou de novo. *Esse marido*_{TC1}, ela CONHECEU *t*₁ NO TRABALHO_F.

Com a inserção do sintagma ‘de novo’, as duas estruturas são adequadas. Aliás, a sentença com deslocamento para a periferia esquerda parece ser mais natural. Isto porque com o modificador ‘de novo’, há uma pressuposição de que a Maria já tenha sido casada. “Esse marido”, então, estabelece uma relação de contraste com o marido anterior e responde parcialmente a uma pergunta implícita do tipo “Onde a Maria conheceu o marido atual e o ex-marido?”. Observe abaixo, um contexto de contraste explícito.

(58) A Maria casou de novo. *Esse marido*_{TC1}, ela CONHECEU *t*₁ NO TRABALHO_F, *o ex-marido*_{TC2} ela CONHECEU *t*₂ NA FACULDADE_F.

Nas estruturas acima, há a estratégia de responder a perguntas múltiplas que estão relacionadas com uma pergunta mais ampla, que direciona o discurso. Esta pergunta mais ampla representa o conjunto de elementos disponível no discurso, com o qual o elemento deslocado estabelece uma relação de conjunto. No contexto em (58), por exemplo, a pergunta em discussão respondida é “Onde a Maria conheceu seu marido e o seu ex-marido?”.

Nesta seção pudemos observar que, em PB, o sintagma em sua posição original de objeto pode ser deslocado para a periferia esquerda da sentença e apresentar a função discursiva de tópico contrastivo. No caso do deslocamento de objeto, diferentemente do deslocamento de sujeito, em alguns contextos, além da marcação de tópico contrastivo, o deslocamento também contribui para a noção de contraste. Há sempre uma relação do elemento deslocado com algum conjunto disponível no contexto, seja esse dado explícito ou implicitamente (relação de *poset*). Com pergunta de constituinte, a resposta pode apresentar tanto deslocamento com preenchimento de pronome quanto sem. No caso de pergunta sim / não, a sentença com deslocamento com lacuna é mais natural.

6.2.3 Em outras posições sintáticas

Nesta seção, analisaremos contextos nos quais sintagmas em outras posições sintáticas sejam deslocados para a periferia esquerda da sentença. Iniciaremos por uma estrutura de deslocamento de PP, que já tínhamos visto nos capítulos anteriores e que apresenta relação de contraste em sua interpretação. Compare as três sentenças a seguir, a primeira de resposta completa, a segunda que apresenta o PP em sua posição canônica e a última com tal sintagma deslocado.

- (59) A: O João precisa do livro de linguística?
 B: SIM_F, ~~ele precisa do livro de linguística.~~
- (60) A: O João precisa do livro de linguística?
 B: #O João PRECISA_F *do livro de linguística*_{TC}.
- (61) A: O João precisa do livro de linguística?
 B: *Do livro de linguística*_{TC1}, o João PRECISA_F _{t1}.

Como podemos observar nos diálogos acima, na resposta sim /não, o PP não pode receber acento de tópico contrastivo e se manter em seu local de origem. Para receber a marcação de tópico contrastivo, o sintagma deve ser deslocado para a periferia esquerda da sentença. Com isso, o falante indica o elemento estabelecer uma relação de contraste por oposição a outros elementos do discurso. Tais elementos são partes do conjunto de livros que é disponibilizado a partir da introdução de uma pergunta implícita do tipo “De quais livros o João precisa?”. Essa pergunta é inserida no discurso a partir da marcação de tópico contrastivo, que indica que o falante responde parcialmente a essa pergunta mais ampla.

Podemos afirmar que o deslocamento está contribuindo com o contraste, já que essa estrutura indica que o elemento deslocado estabelece uma relação de contraste por oposição com outros elementos no discurso, diferentemente da sentença canônica. No diálogo com a sentença deslocada, é evocada uma pergunta em discussão mais ampla, o que não ocorre no diálogo com pergunta canônica. Observe os valores de tópico e foco para a sentença em (60)B.

- (62) $[[(60)B]]^f = \{ \text{O João precisa do livro de linguística, O João não precisa do livro de linguística} \}$
- (63) $[[(62)B]]^t = \{ \text{O João precisa do livro de linguística?, O João precisa do livro de literatura?} \}$

O valor de foco acima não é compatível com a resposta em (60)B, já que o conjunto de alternativas deveria constar alternativas com outros elementos, além do “livro de linguística”. Já o valor de tópico é adequado para explicar a sentença com deslocamento, já

que indica que o falante responde completamente a pergunta “O João precisa do livro de linguística?” e responde parcialmente a uma pergunta implícita como “De quais livros o João precisa?”. Ainda, se a resposta apresentar uma estrutura de deslocamento com retomada de pronome, a sentença é agramatical.

(64) A: O João precisa do livro de linguística?

B: **Do livro de linguística*_{TC1}, o João PRECISA_F dele₁.

Se a pergunta sim/não inserir um conjunto de elementos, em vez de apenas um elemento, entretanto, tanto a resposta de sentença canônica quanto a resposta com deslocamento de PP para a periferia esquerda da sentença são adequadas para receber a marcação de tópico contrastivo.

(65) A: O João precisa dos livros do curso de letras?

B: Ele PRECISA_F *do livro de linguística*_{TC}.

(66) A: O João precisa dos livros do curso de letras?

B: *Do livro de linguística*_{TC1}, ele PRECISA_F t₁.

Apesar das duas sentenças serem adequadas, a sentença com deslocamento é mais natural, visto que a função do deslocamento é primeiramente direcionar a atenção do ouvinte para o elemento “o livro de linguística”, para posteriormente atribuir a propriedade “o João precisa de x”. Tal função contribui para a relação de contraste por oposição estabelecida entre o elemento deslocado “o livro de linguística” com os outros membros do conjunto de elementos inserido pela pergunta “os livros do curso de letras”, já que coloca o elemento deslocado em uma posição de evidência,

A marcação de tópico contrastivo indica que o falante responde parcialmente à pergunta dada explicitamente no discurso, uma vez que afirma que a propriedade “o João precisa de x” é atribuída ao elemento “o livro de linguística”, mas deixa em aberto informações relacionadas aos demais elementos. A implicatura de que tal propriedade é atribuída apenas ao elemento destacado pode ser cancelada, como podemos observar no diálogo que segue.

(67) A: O João precisa dos livros do curso de letras?

B: Ele PRECISA_F *do livro de linguística*_{TC}. E do de literatura também.

(68) A: O João precisa dos livros do curso de letras?

B: *Do livro de linguística*_{TC1}, ele PRECISA_F t₁. E do de literatura também.

Tanto no contexto com sentença canônica quanto no contexto que apresenta a sentença com deslocamento, a implicatura pode ser cancelada, embora o nível de cancelamento seja mais alto no contexto da sentença canônica. Entretanto, como os membros

do conjunto não foram delimitados pelo contexto, fica implícito, ainda, que haja outros elementos, além do livro de linguística e de literatura, e estes não possuam a propriedade, “O João precisa de x”. A resposta poderia continuar como segue.

- (69) A: O João precisa dos livros do curso de letras?
 B: *Do livro de linguística*_{TCI}, ele PRECISA_F t₁. E *do de literatura* também. O de gramática, ele já tem.

Os contextos que apresentam sentença com deslocamento de PP analisados até agora, cujo sintagma deslocado apresente a função discursiva de tópico contrastivo, são de pergunta sim / não. Observemos, a seguir, se contextos de pergunta de constituinte apresentam particularidades.

- (70) A: Quem precisa do livro de linguística?
 B: #O JOÃO_F precisa *do livro de linguística* _{TCI}.
 (71) A: Quem precisa do livro de linguística?
 B: *Do livro de linguística*_{TCI}, O JOÃO_F precisa t₁.

Assim, como no contexto de pergunta sim / não, a sentença canônica com marcação de tópico contrastivo é inadequada, se a pergunta inserir apenas um elemento e não haja outros elementos disponíveis a serem contrastados com o sintagma que recebe tal marcação. Por outro lado, se houver deslocamento, a marcação de tópico contrastivo é possível e tal estrutura indica que há uma relação de contraste por oposição entre o elemento deslocado, que pelo deslocamento ocupa uma posição de evidência, e os demais elementos do conjunto evocado pela marcação de tópico contrastivo. A seguir, apresentamos os valores de foco e tópico de (71)B, respectivamente.

- (72) [[(71)B]]^f = {O João precisa do livro de linguística, O Paulo precisa do livro de linguística, O Marcos precisa do livro de linguística}
 (73) [[(72)B]]^t = {Quem precisa do livro de linguística?, Quem precisa do livro de literatura?}

Apesar do valor de foco apresentar uma alternativa equivalente à resposta, não há alternativas referentes aos demais elementos do conjunto de livros que são evocados a partir da marcação de tópico contrastivo. O valor de tópico, por sua vez, apresenta perguntas relacionadas a outros livros, além do de linguística. O falante responde completamente a pergunta “Quem precisa do livro de linguística?”, do valor de tópico, que coincide com a dada no contexto. Responde, ainda, parcialmente a uma pergunta do tipo “Quem precisa de quais livros”?

Se na pergunta, por outro lado, for inserido um conjunto de elementos e não apenas um, tanto a resposta canônica quanto a resposta com deslocamento podem apresentar marcação de tópico contrastivo no PP.

(74) A: Quem precisa dos livros do curso de letras?

B: O JOÃO_F precisa *do livro de linguística*_{TCI}.

(75) A: Quem precisa dos livros do curso de letras?

B: *Do livro de linguística*_{TCI}, O JOÃO_F precisa *t*₁.

Por se tratar de um conjunto explícito, não é necessário haver o deslocamento para indicar a relação de contraste por oposição. Desta maneira, a sentença canônica também pode receber marcação de tópico contrastivo.

Por fim, analisemos sentenças que apresentem DPs sem a preposição, se esses podem receber a marcação de tópico contrastivo e serem deslocados para a periferia esquerda da sentença.

(76) A: O João precisa do livro de linguística?

B: *O livro de linguística*_{TCI}, ele PRECISA_F *t*₁.

(77) A: O João precisa dos livros do curso de letras?

B: *O ~~livro~~ de linguística*_{TCI}, ele PRECISA_F *t*₁.

(78) A: Quem precisa do livro de linguística?

B: *O livro de linguística*_{TCI}, O JOÃO_F precisa *t*₁.

(79) A: Quem precisa dos livros do curso de letras?

B: *O ~~livro~~ de linguística*_{TCI}, O JOÃO_F precisa *t*₁.

Em todos os contextos acima, é possível o DP sem preposição ser deslocado para a periferia esquerda da sentença e receber a marcação de tópico contrastivo, tanto os de pergunta sim / não, (76) e (77), quanto de pergunta de constituinte, (78) e (79). Ainda, em todos os casos, há relação de contraste por oposição e o deslocamento indica a estratégia de primeiramente afirmar o tópico da sentença para posteriormente lhe atribuir uma propriedade.

Nesta seção, foram analisadas sentenças com deslocamento de PP. Pudemos observar que tanto um quanto outro podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença e apresentar a função de tópico contrastivo. O contraste é presente tanto em contextos de pergunta de constituinte quanto em pergunta sim / não. Entretanto somente contextos de pergunta sim / não permitem estrutura de deslocamento com retomada de pronome. Ainda, só é permitida uma sentença canônica com marcação de tópico contrastivo no PP se o elemento com tal marcação estabelecer relação de contraste com outros elementos dados explicitamente

no discurso. Com relação à estrutura de DP sem preposição deslocado, é possível marcação de tópico contrastivo tanto na estrutura de retomada de pronome quanto na estrutura de deslocamento com lacuna.

A seguir, apresentamos uma tabela que resume as conclusões em relação ao deslocamento e a posição sintática do elemento com função de tópico contrastivo deslocado.

DESLOCAMENTO DE TÓPICO CONTRASTIVO EM PB		
SINTAGMA	SEM PRONOME	COM PRONOME
DP sujeito	Inadequado	OK
DP objeto	OK	OK
PP objeto	OK	*
DP sem preposição	OK	OK

6.3 DESLOCAMENTO DE SINTAGMA INDEFINIDO COM FUNÇÃO DE TÓPICO CONTRASTIVO

6.3.1 A posição do tópico contrastivo indefinido

Nesta seção, analisaremos sentenças que apresentem sintagmas indefinidos deslocados para a periferia esquerda, com marcação de tópico contrastivo. Mais especificamente, observaremos se a posição sintática original influencia na aceitabilidade da sentença.

Observe os diálogos a seguir, de pergunta sim/não. No primeiro, o falante responde apenas sim para a pergunta. No seguinte, entretanto, há um deslocamento do sintagma indefinido.

- (80) A: O João leu um artigo do Chomsky?
B: Sim, ele LEU_F.

- (81) A: O João leu um artigo do Chomsky?
B: *Um artigo*_{TCL}, ele LEU_F t₁.

Os dois diálogos acima são possíveis, entretanto apenas no contexto com deslocamento, em (81), há uma estratégia de resposta, na qual o falante indica que está respondendo parcialmente a uma pergunta mais ampla do que a dada no contexto. Essa estratégia é semelhante ao contexto apresentado por Büring (1999), que é denominado pelo autor de tópico implicacional. (Exemplo apresentado no capítulo 1 e na seção anterior, 6.2.2).

Se a resposta, por sua vez, apresentar uma sentença canônica, na qual o sintagma indefinido na posição de objeto possua a marcação de tópico contrastivo, a estrutura é inadequada, como podemos observar a seguir.

(82) A: O João leu um artigo do Chomsky?

B: #Ele LEU_F *um artigo*_{TC}.

Em um contexto de pergunta sim /não, não é possível haver uma resposta cuja estrutura seja de sentença canônica e o sintagma na posição de objeto um indefinido com marcação de tópico contrastivo.

Retomando o diálogo em (81)B, por se tratar de um indefinido, a sentença pode apresentar duas leituras, uma que responde sobre quantidade de artigos e outra que responde sobre as obras do Chomsky. Considerando a primeira leitura, ao deslocar “um artigo”, o falante está contrastando a quantidade de artigos que o João leu. Ao responder que um artigo, o João leu, o falante nega que o João tenha lido todos os artigos de Chomsky. Neste caso há uma implicatura escalar (cf. Gazdar, 1979), na qual o João leu um artigo, mas não todos. Ainda, há uma estratégia do falante responder parcialmente a uma pergunta do tipo: “Quantos artigos do Chomsky o João leu?”. O valor de tópico para essa leitura é apresentado a seguir.

(83) $[[[(81)B]]^F = \{\text{O João leu um artigo do Chomsky, O João não leu um artigo do Chomsky?}\}$

(84) $[[[(81)B]]^t = \{\text{O João leu um artigo do Chomsky?; O João leu alguns artigos do Chomsky?, O João leu vários artigos do Chomsky? O João leu todos os artigos do Chomsky?}\}$

Consideramos nesta pesquisa que o valor de tópico para uma sentença com sintagma indefinido seja um conjunto de alternativas de sintagmas quantificados, nos casos em que a leitura atribuída ao indefinido seja de quantidade. As questões contidas no valor de tópico são formadas quantificadores em uma sequência escalar. Ao responder que “o João leu um artigo”, há uma implicatura escalar (cf. Gazdar, 1979), mas não um acarretamento, de que ele não tenha lido todos os artigos do Chomsky. Conforme o valor de tópico acima, ao responder (81)B, o falante dá uma resposta completa à pergunta “O João leu um artigo do Chomsky?”. Com isso, responde parcialmente a uma questão mais ampla do que a dada no contexto, do tipo “Quantos artigos do Chomsky o João leu?”. Como o falante responde parcialmente a uma questão, ele contrasta ‘um artigo do Chomsky’ com outros sintagmas quantificados como: alguns, vários e todos. O contraste, então, se dá não de um elemento para outro, mas sim em relação a uma escala de quantificadores. Fica implícita uma informação do tipo “O João leu um artigo do Chomsky, mas não todos”.

Já para a segunda leitura, sobre as obras de Chomsky, ao deslocar o sintagma “um artigo”, o falante indica que esteja falando sobre um artigo do Chomsky e contrastando com

as demais obras do autor. A pergunta em discussão para essa leitura seria “Quais obras do Chomsky o João leu?”. Compare o valor de tópico para esta leitura com a leitura anterior.

- (85) $[[[(81)B]]]^t = \{ \text{O João leu um artigo do Chomsky?}, \text{O João leu um livro do Chomsky?}, \text{O João leu uma revista do Chomsky?}, \text{João leu uma resenha do Chomsky?} \}$

Neste caso, o falante, ao responder que o João leu um artigo do Chomsky, deixa implícito que ele não tenha lido outros tipos de obras do Chomsky, como indica o valor de tópico acima.

Investiguemos, agora, um contexto em que a pergunta um conjunto de elementos, e não apenas um elemento, como vimos até então. Primeiramente, comparemos com uma sentença de ordem canônica.

- (86) A: O João leu os artigos do Chomsky?
B: ?Ele leu *um artigo do Chomsky*_{TC}
- (87) A: O João leu os artigos do Chomsky?
B: ?Ele leu UM ARTIGO DO CHOMSKY_F.

Tanto a resposta em (86), com acento de tópico quanto em (87), com acento de foco não parecem ser adequadas para a pergunta dada em A. A resposta seria adequada apenas se houver uma entoação peculiar que recaia sobre o indefinido ‘um’. Tal entoação indica que o falante esteja respondendo a uma pergunta relacionada à quantidade de artigos do Chomsky que o João tenha lido. Observemos se a resposta é possível quando o sintagma indefinido é deslocado.

- (88) A: O João leu os artigos do Chomsky?
B: *Um artigo do Chomsky*_{TCI} ele leu *t*₁.

A resposta acima é mais natural que as anteriores, sem deslocamento. Ela é adequada em um contexto em que o falante em B tenha a informação que o João tenha lido um artigo do Chomsky, em contraste com outras obras do Chomsky, se a leitura for em relação às obras. Ainda, se for uma pergunta em relação à quantidade de artigos, o falante utiliza essa resposta para contrastar o número de artigos que o João tenha lido.

Além disso, contextos como o acima apresentam uma estratégia de resposta parcial, em que o falante responde parcialmente a uma pergunta. A diferença deste contexto para o dado anteriormente, de tópico mencionado, é que em (81) o falante responde parcialmente a uma pergunta mais ampla implícita. No contexto acima, em (88), entretanto, o falante responde parcialmente a uma pergunta explícita, dada pelo falante em A. Se as alternativas

forem dadas explicitamente, a resposta com deslocamento parece ser mais natural do que a com deslocamento, como podemos observar nos dois diálogos a seguir.

(89) A: O João leu um artigo e um livro do Chomsky?

B: ?Ele LEU_F *um artigo*_{TCL}.

(90) A: O João leu um artigo e um livro do Chomsky?

B: *Um artigo*_{TCL}, ele LEU_F t₁.

Apesar da sentença em (89)B ser aceitável, a com deslocamento é mais natural, já que o deslocamento apresenta uma estratégia de primeiramente inserir um tópico para posteriormente lhe atribuir a propriedade “o João leu x”. Com isso, fica mais evidente a relação de contraste que o sintagma com marcação de tópico estabelece com o conjunto de elementos evocados pela marcação de tópico contrastivo.

Ainda, a implicatura de que a propriedade “o João leu x” é aplicada apenas ao indivíduo “João” pode ser cancelada, tanto na leitura de quantidade, quanto na leitura de indivíduos.

(91) A: O João leu um artigo do Chomsky?

B: *Um artigo*_{TCL}, ele LEU_F t₁. Não vários.

(92) A: O João leu um artigo do Chomsky?

B: *Um artigo*_{TCL}, ele LEU_F t₁. Não um livro.

Se a pergunta for de constituinte, a resposta sem deslocamento com marcação de tópico contrastivo no sintagma na posição de objeto, da mesma forma, não é adequada. A sentença com deslocamento, por sua vez, é possível e natural.

(93) A: Quem leu um artigo do Chomsky?

B: #O JOÃO_F leu *um artigo do Chomsky*_{TCL}.

(94) A: Quem leu um artigo do Chomsky?

B: *Um artigo do Chomsky*_{TCL}, O JOÃO_F leu t₁.

O deslocamento em (94)B indica a estratégia por parte do falante de primeiramente indicar o tópico da sentença para posteriormente lhe atribuir a propriedade inserida pela pergunta, “o João leu x”.

Por fim, observemos se é possível haver deslocamento de tópico contrastivo indefinido na posição original de sujeito. Compare, a seguir, os três diálogos, sendo que em (95), a resposta é apresenta uma sentença canônica, em (96) a resposta apresenta deslocamento com retomada de pronome, e em (97) a resposta apresenta uma pausa no local de origem do sintagma deslocado.

(95) A: Os alunos leram o artigo do Chomsky?

B: *Um aluno*_{TCI} leu *t*₁.

(96) A: Os alunos leram o artigo do Chomsky?

B: **Um aluno*_{TCI}, *ele*₁ leu *t*₁.

(97) A: Os alunos leram o artigo do Chomsky?

B: **Um aluno*_{TCI}, [] leu *t*₁.

Como podemos observar, o único diálogo que apresenta uma sentença gramatical como resposta é o de resposta canônica, os demais, com deslocamento, são agramaticais, o que indica que em PB, não é possível haver deslocamento de tópico contrastivo indefinido, quando esse tem sua posição original de sujeito.

Nesta seção, pudemos observar que na posição de objeto é possível haver deslocamento do sintagma indefinido com função de tópico contrastivo e tal deslocamento, juntamente com o acento típico de tópico contrastivo, indica que o falante esteja respondendo parcialmente ou contrastivamente a uma pergunta mais ampla do que a dada no contexto. O acento e tópico contrastivo é adequado apenas em sentença com deslocamento. Sentenças canônicas não permitem marcação de tópico contrastivo na posição de objeto, diferentemente das sentenças com tópico contrastivo definido. Ainda, as sentenças com deslocamento de sintagma indefinido apresentam duas leituras, que pode ser de quantidade, em que a propriedade é aplicada a um indivíduo do conjunto, mas não a todos. A outra leitura pode ser de indivíduo, em a propriedade é aplicada a um indivíduo e não aos demais componentes do conjunto. Por fim, sintagmas indefinidos na posição de sujeito não podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença e receberem a marcação de tópico contrastivo, outra diferença do deslocamento de definido.

6.3.2 Leitura específica e não específica de tópico contrastivo indefinido

Nesta seção, investigaremos se um sintagma indefinido com função de tópico contrastivo, ao ser deslocado para a periferia esquerda da sentença, pode apresentar a leitura não específica. É importante destacar que até então, os exemplos de tópico indefinido deslocados até aqui analisados tratam-se de indefinidos com leitura específica. Relembrando que a leitura específica ocorre quando há um indivíduo particular no mundo. Já na leitura não específica, não há um indivíduo particular disponível. Observe a sentença a seguir, já apresentada nos capítulos e repetida aqui por conveniência.

(98) A Maria quer se casar com um médico.

A sentença acima pode apresentar tanto a leitura específica quanto a não específica. Se há um indivíduo particular que seja médico, com quem a Maria quer se casar, por exemplo,

com o João, a leitura é específica (99). Por outro lado, se a Maria quer se casar com um indivíduo que tenha a propriedade de ser médico, sem haver um indivíduo particular no mundo, a leitura é não específica (100).

(99) A Maria quer se casar com um médico, o João.

(100) A Maria quer se casar com um médico, seja ele quem for.

Imaginemos um contexto em que foi exigido ao João ler um artigo do Chomsky para a prova de linguística. O falante A quer saber qual o artigo que o João precisa ler e faz a pergunta abaixo.

(101) A: Que artigo o João precisa ler?

B: O João tem que ler um artigo do Chomsky. Seja ele qual for.

(102) A: Que artigo o João precisa ler?

B: *Um artigo do Chomsky*_{TCI}, o João TEM QUE LER_F. Seja ele qual for.

Comparando (101)B, com (102)B, podemos observar que resposta com deslocamento é mais natural do que a sem deslocamento, em um contexto em que o falante queira deixar claro que não há um artigo específico do Chomsky que o João deva ler, mas sim que ele precisa ler pelo menos um dos artigos do Chomsky do conjunto delimitado pelo contexto. Entretanto, o deslocamento não indica que haja contraste, já que não há um artigo específico a ser contrastado. Desta maneira, como já havíamos visto nos capítulos anteriores, sentença com deslocamento de indefinido que apresenta leitura não específica tende a não apresentar contraste. O sintagma deslocado em (102)B, portanto, tem a função discursiva de tópico não contrastivo e a função do deslocamento nesse caso é primeiramente direcionar a atenção do ouvinte para um conjunto de artigos inserido pelo sintagma indefinido para posteriormente lhe atribuir a propriedade “o João tem que ler x” para pelo menos um dos elementos do conjunto inserido, sem estabelecer relação de contraste.

6.4 DESLOCAMENTO DE NOMES NUS COM FUNÇÃO DE TÓPICO CONTRASTIVO

Como já mencionado anteriormente nos capítulos anteriores, a estrutura com deslocamento de nomes nus é muito produtiva em português. Uma das pesquisas que comprovam essa afirmação é a investigação sociolinguística realizada por Orsini (2011), que identificou em seu corpus várias construções desse tipo. Nesta seção, em especial, buscaremos responder se em PB nominais nus deslocados para a periferia esquerda da sentença podem assumir a função de tópico contrastivo. Iniciemos por deslocamento de um sintagma nominal

nu na posição original de sujeito. Imagine que dois amigos estão conversando sobre jogadores de futebol e um dos amigos, pra dizer que em geral, jogadores gostam de aparecer tem as três opções de sentença abaixo.

(103) Jogador de futebol gosta de se aparecer.

(104) *Jogador de futebol*_{TCI}, eles₁ gostam de se aparecer.

Comparando as sentenças acima, todas são possíveis no contexto descrito, porém, as sentenças com deslocamento, se receberem a marcação de tópico contrastivo, serão adequadas apenas em um contexto em que a espécie jogador de futebol é contrastada com outra espécie, como, por exemplo, jogador de volei. O contraste pode ser identificado explicitamente como a seguir.

(105) *Jogador de futebol*_{TCI}, eles₁ gostam de se aparecer. Agora, *jogador de vôlei*_{TC} é mais humilde.

No contexto acima, há uma relação de contraste por oposição, em que as alternativas sobre “jogador de futebol” e “jogador de vôlei” fazem contribuições opostas à pergunta em discussão, que é “Quais as características de jogadores de diversas modalidades?”. É importante ressaltar, entretanto, que não é apenas o deslocamento que introduz a noção de contraste no discurso. O deslocamento, juntamente com a marcação de tópico contrastivo, contribui para que se estabeleça essa relação de contraste por oposição. A estrutura com pausa, em vez de retomada de pronome, também é possível, como podemos observar na sentença abaixo.

(106) *Jogador de futebol*_{TCI}, [] t₁ gosta de se aparecer.

O valor de tópico tanto para sentença (105) quanto para a sentença (106) é apresentado a seguir, considerando que ao fazer a marcação de tópico contrastivo, o falante indica que esteja respondendo a uma pergunta mais ampla: “Quais as características de jogadores de diversas modalidades?”

(107) $\llbracket (105)/(106) \rrbracket^t = \{\text{Quais as características de jogador de futebol?}, \text{Quais as características de jogador de vôlei?}\}$

Nas duas sentenças, o falante responde a pergunta “Quais as características de jogador de futebol?” do valor de tópico. Entretanto, em (105), responde a pergunta “Quais as características do jogador de futebol?” e em (106), por sua vez, deixa em aberto a outra pergunta.

Observemos, a seguir, sentenças com deslocamento nas quais o sintagma nominal singular nu esteja na posição de objeto. Imagine um contexto em que dois amigos estão

falando dos hábitos do João. Se o falante pronunciar uma sentença como em (108), está apenas introduzindo uma informação sobre os hábitos de compra do João no discurso, sem estabelecer relação de contraste.

(108) O João compra muito livro.

Entretanto, se o falante optar pela sentença com deslocamento, na qual o sintagma deslocado tenha a função discursiva de tópico contrastivo, ele indica que está contrastando a espécie livro com outra espécie disponível. Compare as duas sentenças, uma com deslocamento e a outra sem.

(109) O João compra frequentemente *livro*_{TC1}.

(110) *Livro*_{TC1}, o João compra frequentemente *t*₁.

Tanto na sentença canônica, quanto na com deslocamento, o sintagma nominal nu na posição de objeto pode receber a marcação de tópico contrastivo. Neste caso, há outra espécie de objetos que está sendo contrastada com a espécie *livro*, como, por exemplo, a espécie *roupa*. Entretanto, a sentença com deslocamento é mais natural. Ainda, o contraste pode ser dado explicitamente, como podemos observar a continuidade do discurso a seguir.

(111) *Livro*_{TC1}, o João compra muito *t*₁. Já *roupa*_{TC2}, ele quase não compra *t*₂.

A sentença de deslocamento de nominal nu na posição original de objeto também é aceitável na estrutura em que o sintagma deslocado é retomado por pronome, como podemos observar nas sentenças abaixo.

(112) *Livro*_{TC1}, o João compra eles₁ frequentemente.

(113) *Cerveja*_{TC1} eu sempre deixo elas₁ na geladeira.

Por último, observemos uma sentença cujo sintagma nominal nu deslocado seja um PP. Imagine um contexto no qual as pessoas estão conversando sobre os tipos de alimento que gosta. Ao comentar as preferências do João, o falante pronuncia a sentença a seguir, sem deslocamento.

(114) O João gosta de feijão.

A sentença acima não apresenta contraste do tipo de alimento feijão com outros tipos de alimento. Entretanto o PP pode receber marcação de tópico contrastivo, como podemos observar a seguir. Tanto a sentença com deslocamento quanto a sem pode ter um PP como função discursiva de tópico contrastivo.

(115) O João gosta de *feijão*_{TC1}.

(116) De *feijão*_{TC1}, o João gosta *t*₁.

A sentença com deslocamento, em conjunto com a marcação de tópico contrastivo implica em contrastar a espécie feijão com outros tipos, como outros alimentos, como lentilha. Estabelece-se uma relação de contraste por oposição. Tal contraste pode ser explicitado no contexto, como abaixo.

(117) *De feijão*_{TCI}, o João gosta t_1 . *De lentilha*_{TCI}, não t_2 .²⁰

Essa seção teve como objetivo investigar o deslocamento de sintagmas nominais nus com função de tópico contrastivo. Pudemos observar que nominais nus podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença tendo sua posição original de sujeito ou de objeto e receberem a função discursiva de tópico contrastivo. A diferença entre um e outro é que enquanto nominais nus na posição de sujeito a única estrutura possível é a com preenchimento de pronome, na posição de objeto, as duas estruturas são possíveis. Ainda, o deslocamento com sintagma na posição de objeto contribui com a noção de contraste presente no contexto.

6.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, pudemos identificar que sintagmas deslocados para a periferia esquerda da sentença em PB podem apresentar a função discursiva de tópico contrastivo, tanto sintagmas definidos quanto indefinidos. A marcação prosódica de tópico contrastivo indica contraste, enquanto o deslocamento tem a função de direcionar a atenção do ouvinte para um elemento disponível no contexto, a partir de um conjunto dado, para depois atribuir uma propriedade a esse elemento. Além disso, deslocamento de tópico contrastivo indica que o falante esteja fazendo uso de uma estratégia de responder parcialmente a uma pergunta mais ampla do que a dada no discurso. Ainda, em determinados contextos, o deslocamento contribui para a relação de contraste estabelecida, como em sentenças com deslocamento de DP objeto ou PP objeto. Por fim, sentenças com deslocamento de tópico contrastivo ocorrem apenas em contexto cuja relação seja de oposição. Não há relação de contraste por correção em sentença que apresentem marcação de tópico contrastivo.

Em relação à posição sintática original do sintagma deslocado, o sintagma na posição de sujeito pode ser deslocado tanto em contextos de pergunta sim / não quanto de constituinte,

²⁰ Além do exemplo dado, há os casos de deslocamento de sintagma nominal nu sem preposição. Esses possuem comportamento semântico-pragmático similar ao com preposição, como podemos observar a seguir:

(i) *Feijão*_{TCI}, o João gosta t_1 . *Lentilha*_{TCI}, não t_2 .

sendo que a estrutura mais aceitável é com retomada de pronome. A contribuição do deslocamento em sentenças com DPs sujeito deslocados com marcação de tópico contrastivo é a estratégia de primeiramente afirmar o tópico para posteriormente lhe atribuir uma propriedade. Com objeto, em alguns contextos, além da marcação de tópico contrastivo, o deslocamento também contribui para a noção de contraste, diferentemente do deslocamento de sujeito. Para haver contraste, deve ser estabelecida uma relação entre o elemento deslocado com algum conjunto disponível no contexto, seja implícita ou explicitamente. Em relação a PP deslocado, há contraste é presente tanto em contextos de pergunta de constituinte quanto em pergunta sim /não. Com PP, assim como com objeto, o deslocamento contribui com a noção de contraste no contexto, diferentemente das sentenças com deslocamento de sujeito.

No que diz respeito à definitude, não é possível haver deslocamento de sintagma indefinido com retomada de pronome, nem de sintagmas na posição de sujeito. Na posição original de objeto, o sintagma indefinido pode ser deslocado para a periferia esquerda da sentença e apresentar a função discursiva de tópico contrastivo. As sentenças com deslocamento de sintagma indefinido apresentam duas leituras, que pode ser de quantidade, em que a propriedade é aplicada a um indivíduo do conjunto, mas não a todos, ou de indivíduo, em a propriedade é aplicada a um indivíduo e não aos demais componentes do conjunto. A estratégia é a mesma de definidos, de responder parcialmente uma pergunta mais ampla e de primeiramente indicar o tópico da sentença para posteriormente lhe atribuir uma propriedade. Entretanto uma diferença dos indefinidos é que apenas sentenças com deslocamento podem apresentar marcação de tópico contrastivo. Sentenças canônicas com esse tipo de marcação são inadequadas.

Por fim, sintagmas nominais nus podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença tanto na posição original de sujeito quanto de objeto. Entretanto, enquanto com nominais nus na posição de sujeito aceitam tanto a estrutura de deslocamento com preenchimento de pronome, quanto com lacuna, na posição e objeto, a estrutura com pronome é agramatical, enquanto a sem pronome é adequada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados investigados nesta tese, confirmando nossa hipótese, concluímos que em português brasileiro tanto sintagmas com função informacional de foco quanto com função de tópico podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença. Também identificamos que, apesar de estar presente na maioria dos contextos, contraste não é noção obrigatória em sentenças com deslocamento.

Para a presente pesquisa, adotamos os seguintes conceitos para os elementos da estrutura da informação. *Foco não contrastivo* evoca um conjunto de alternativas, asserta uma delas e não nega nem explicitamente nem implicitamente nenhuma das demais alternativas. Ainda, para este tipo de foco, não há relação de contraste nem de oposição nem de correção entre as alternativas. *Foco contrastivo*, por sua vez, evoca um conjunto de alternativas, asserta uma delas, e nega pelo menos uma das alternativas, estabelecendo uma relação ou de oposição ou de correção entre elas. No que diz respeito aos sintagmas com função discursiva de tópico, o *tópico não contrastivo*, direciona a atenção do ouvinte para determinado elemento do discurso, antes de atribuir informações a este. *Tópico contrastivo*, por fim, evoca um conjunto de perguntas que direcionam o discurso e estabelece uma relação de contraste por oposição entre o indivíduo destacado e os demais evocados pelo conjunto de perguntas. Sintagmas com função de tópico contrastivo nunca estabelecem relação de correção com outros elementos do discurso.

Deslocamento, por sua vez, sendo com retomada de pronome ou sem, tem a função de: ou inserir um novo indivíduo no contexto, para casos de sintagmas indefinidos ou com função de foco deslocados, ou reafirmar o tópico do contexto, para depois lhe atribuir uma propriedade.

Pudemos constatar que a posição sintática original do sintagma deslocado influencia na aceitabilidade da sentença. *DPs sujeito*, quando retomados por pronome, são adequados para assumir todas as funções discursivas, tópico e foco, sendo esses contrastivos ou não. Entretanto, em uma estrutura na qual há uma lacuna em sua posição original, a sentença é adequada somente quando não há relação de contraste entre o elemento deslocado e outro disponível no discurso. Se o DP deslocado for um *DP objeto*, quando a estrutura apresentar uma lacuna no local de origem, tanto foco quanto tópico podem ser deslocados, porém se o sintagma deslocado possuir a função de foco, a noção de contraste é sempre presente. Se por outro lado, este tiver a função de tópico, pode ou não ser contrastivo. Com retomada de

pronome, o DP objeto com função de foco é sempre agramatical. Para tópico, entretanto a estrutura é possível tanto em contextos que apresentam contraste quanto aqueles que não estabelecem relação de contraste. *PP objeto* deslocado sempre é vinculado a contraste, quando a estrutura da sentença apresenta uma lacuna no local de origem. PP deslocado, com retomada de pronome sempre é agramatical, seja na função de tópico ou foco. Finalmente, sentença com *DP sem preposição* deslocado é adequada em todos os casos de deslocamento com lacuna: foco contrastivo e não contrastivo, tópico contrastivo e não contrastivo. Se a estrutura for com retomada de pronome, a sentença é agramatical se assumir as funções de tópico não contrastivo ou foco contrastivo. As demais funções são aceitáveis.

Outra questão respondida nesta pesquisa é que em PB, a noção de contraste não é obrigatória em todas as sentenças com deslocamento no PB. Apesar de serem em menor número, há contextos nos quais a sentença com deslocamento não apresenta contraste, como pudemos constatar no capítulo 3, em que foi investigado o deslocamento de foco não contrastivo, e capítulo 5, para tópico não contrastivo. Há contextos, entretanto que o deslocamento contribui para a noção de contraste, como em algumas sentenças com deslocamento de DP objeto e em todas as sentenças com deslocamento de PP.

Ainda, a inferência de exaustividade ocorre em todas as sentenças com deslocamento de foco, tanto definido, quanto indefinido. Tal inferência também está presente nas sentenças canônicas que apresentam marcação de foco, seja este contrastivo ou não contrastivo. Entretanto, exaustividade é uma implicatura em alguns casos, principalmente naqueles nos quais os elementos do conjunto mais saliente não são dados explicitamente. Nesses casos, observamos que apresentam um menor nível de cancelamento se comparados aqueles de sentenças canônicas. Essa observação deve ser comprovada a partir de experimentos em pesquisas futuras. Os contextos nos quais a inferência de exaustividade não pode ser cancelada são os que apresentam explicitamente os membros do conjunto ou quando o elemento deslocado estabelece uma relação de correção com outro elemento disponível no discurso.

No que diz respeito à definitude, essa não é determinante para deslocamento de tópico e foco no PB. Pudemos encontrar sentenças com sintagmas indefinidos deslocados para a periferia esquerda da sentença, tanto na função discursiva de foco quanto de tópico. Possuem comportamento similar aos sintagmas definidos deslocados, entretanto não assumem a função discursiva de tópico não contrastivo, nem podem ser retomados por pronome, exceto nos casos em que sua posição original seja de sujeito. Outra diferença do sintagma indefinido,

é que na função de tópico contrastivo, as únicas sentenças aceitáveis são as com deslocamento. Marcação de tópico contrastivo para um sintagma indefinido em sua posição original é inadequada.

Em relação às leituras específica e não específica que um indefinido pode apresentar, sintagmas com função de foco contrastivo tendem a apresentar leitura específica de indefinido, enquanto sintagmas com função de foco não contrastivo apresentam leitura não específica de indefinido. Tópico contrastivo indefinido, assim como foco contrastivo, apresenta somente a leitura específica.

Sintagmas nominais nus deslocados para a periferia esquerda, que também foram objeto de pesquisa desta tese, podem apresentar tanto a função discursiva de tópico quanto foco. Entretanto, tanto em uma como em outra a noção de contraste é presente. O deslocamento destes sintagmas possui a estratégia de selecionar a espécie denotada pelo nominal nu e contrastá-las com as demais espécies disponíveis, para depois atribuir uma propriedade a essa.

Finalmente, sintagmas com função de tópico não precisam necessariamente ser mencionados previamente no contexto. A maioria dos casos exigem menção prévia, no entanto, há contextos nos quais o sintagma deslocado não tenha sido explicitamente mencionado. Nestes casos, entretanto, o elemento deslocado estabelece uma relação de *po-set* com o conjunto disponível.

Os conceitos de valor de foco, Rooth (1995) e valor de tópico, Büring (1999, 2002), bem como a teoria de Roberts (1996) para organização da estrutura informacional foram ferramentas importantes para a realização da presente pesquisa. Tais conceitos nos possibilitaram explicar a função do deslocamento em PB a partir de uma perspectiva formal da organização do discurso.

Esta tese apresenta um estudo descritivo do fenômeno do deslocamento. Entretanto, há ainda muito que investigar e explorar em relação a esse fenômeno, sobretudo uma explicação e generalização formal para o deslocamento de foco e tópico em PB, as quais deixamos para outras pesquisas que surgirem daqui para a frente.

REFERÊNCIAS

- BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In: Rizzi, L. (ed) *The Structure of CP and IP*. Oxford: Oxford University Press, p. 16-51, 2004.
- BRITTO, H. *Deslocamento à esquerda, resumptivo-sujeito, ordem SV e a codificação sintática de juízos categórico e tético no português do Brasil*. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1998.
- BÜRING, D. Topic. In: Bosch, P. & van der Sandt, R. (eds) *Focus – Linguistic, Cognitive, and Computation Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 142-165, 1999.
- BÜRING, D. On D-trees, beans, and B-accent. In: *Linguistics & Philosophy* 26 (5): 511-545, 2003.
- BÜRING, D. Contrastive Topic. In: FERY, Caroline & SHIN Ishihara (eds) *Handbook of Information Structure*. Oxford University Press, 2014.
- CAGLIARI, L. Entoação do Português Brasileiro. In: *Estudos Linguísticos* 3. Araraquara: UNESP, 1980.
- CARLSON, L. *Dialogue Games: An approach to discourse analysis*. Dordrecht, Holland: D. Reidel Publishing Company, 1983.
- CHAFE, W. Givenness, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics, and Point of View, in Charles Li (ed.), *Subject and Topic*. Academic Press, NY.25-55, 1976.
- CINQUE, G. Functional Structure in DP and IP. In: *The Cartography of Syntactic Structures*, vol.1, New York: Oxford University Press 2002.
- DIK, S. *Functional grammar*. North Holland: Amsterdam, 1978.
- ERTESCHIK-SHIR, N. (2007). *Information Structure: The Syntax-Discourse Interface*. Oxford: Oxford University Press
- GAZDAR, G. *Pragmatics: Implicature, Presupposition and Logical Form*. New York: Academic Press, 1979.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: Cole, P. & Morgan, J. (eds.) *Syntax and Semantics*, vol. 3. New York: Academic Press, p. 41-58, 1975.
- GROENENDIJK, J.; STOKHOF, M. *Studies on the Semantics of Questions and the Pragmatics of Answers*. 1984, Tese (Doutorado) - University of Amsterdam.
- GUNDEL, J. *The Role of Topic and Comment in Linguistic Theory*. University of Texas Ph.D. dissertation, 1974.
- GUNDEL, J. 'Shared knowledge' and topicality. In: *Journal of Pragmatics* 9.1.83-107. 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. (1967). Notes on Transitivity and Theme in English: Part 2. In: *Journal of Linguistics* 3: 199–244.

- HAMBLIN, C. Questions in Montague English. *Foundations of Language* 10: 41-53 (Reprinted in Partee. B. (ed.) (1976) *Montague Grammar*, Texas: University of Texas Press, 1973).
- ILARI, R. *A Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- JACKENDOFF, R. *Semantics Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1972.
- KATO, M. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* (17). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1989.
- KATO, M. Tópicos como alçamento de predicados secundários, In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* (34). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 67-76, 1998.
- KISS, K. Identificational Focus versus Information Focus. In: *Language*, v. 74 (2): 245-273, 1998.
- KUNO, S. Functional sentence perspective, In: *Linguistic Inquiry*, Vol. III, nº. 3, 1972
- KURODA, S. Milsark's Generalization and Categorical Judgments. In: YOUNG, R. and ZHOU, Y. (eds), *SALT XII* 1 204-221, Ithaca, NY: Cornell University, 2003.
- LADUSAW, W. Thetic and categorical, stage and individual, weak and strong. In: M. H. and L. S. (eds.) *Proceedings of SALT IV*, Ithaca, NY, 220-229. 1994.
- LAMBRECHT, K, 'Topic, anti-topic and verb agreement in non-standard French (Pragmatics and Beyond, II, 6). Amsterdam: Benjamins., 1981.
- LI, C. & THOMPSON, S. "Subject and Topic: A New Typology of Language". In Charles N. Li. *Subject and Topic*. New York: Academic Press. p. 475, 1976.
- MENUZZI, S Algumas observações sobre Foco, Contraste e Exaustividade. In: *Revista Letras*, Curitiba, n. 86, p. 95-121, jul./dez. 2012.
- MENUZZI, S.; ROISENBERG, G. R. Tópicos contrastivos e contraste temático: um estudo do papel discursivo da articulação informacional. In: *Caderno de Estudos Linguísticos* 52(2), p.233-253. Campinas: UNICAMP, 2010.
- MIOTO, C. Focalização e Quantificação. In: *Revista Letras*, Curitiba, n. 61: 169-189, 2003.
- MÜLLER, A. Nomes nus e o parâmetro nominal no português brasileiro. In: *Revista Letras*, Editora UFPR, n. 58, p. 211-223. jul./dez, 2002.
- NASSER, J. A. *A estruturação da informação no português brasileiro. Um estudo em narrativas orais*. Dissertação (Mestrado) – USP. 2009.
- NEGRÃO, E. V. "Tem uma história que eu quero contar que começa assim": peculiaridades de uma construção existencial. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 22, UNICAMP, Campinas, 81 – 90, 1992.
- ORSINI, M. & VASCO, S. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. In: *Diadorim – Revista de estudos linguísticos e literários*. nº 2, 2007.

- ORSINI, M. As construções de deslocamento à esquerda de sujeito nas falas culta e popular: um estudo de tendência. In: *Revista Investigações* - Vol. 24, nº 2, 2011.
- PIERREHUMBERT, J. & HIRSCHBERG J. The meaning of intonational contours in the interpretation of discourse. In: Cohen, P.; Morgan, J. & Pollack M. (eds.) *Intentions in Communication*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 271-311, 1990.
- PIRES DE OLIVEIRA, R.; SOUZA, L. M. , I. O singular nu e a comparação: uma proposta de derivação semântica. In: *Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, número 1, 2013
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987
- PRINCE, E. On the Limits of Syntax, with reference to Left-Dislocation and Topicalization. In P. W. Culicover; L. McNally (eds.) *Syntax and Semantics: The Limits of Syntax*. San Diego: Academic Press, 281 – 302, 1998.
- QUAREZEMIN, S. *Estratégias de Focalização no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado) - UFSC, 2009.
- REPP, S. Contrast: Dissecting an elusive information-structural notion and its role in grammar, In: FÉRY, Caroline; ISHIHARA, Shinichiro, OUP Handbook of Information Structure, 2014.
- REINHART, T. Pragmatics and Linguistics: An Analysis of Sentence Topics. In: *Philosophica* 27: 53–94, 1982.
- RIZZI, L. The fine structures of left periphery. In: Haegeman, L. (ed.) *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, p. 281-337, 1997.
- ROBERTS, C. Information Structure in Discourse: Towards an Integrated Formal Theory of Pragmatics. In: Yoon, J. H. & Kathol, A. (eds.) *OSU Working Papers in Linguistics 49: Papers in Semantics*, pp. 91–136, 1996.
- ROBERTS, C. Topic, Focus, and Exhaustive Interpretation. In: Chungmin (ed.), *Proceedings of CIL 18*, 2010
- RODMAN, R. On Left-Dislocation. *Papers in Linguistics* 7, 437-66. Ross, John R. (1967). Constraints on Variables in Syntax. MIT Ph.D. dissertation, 1974.
- ROOTH, M. “Focus” In: S. Lappin, Ed. *Handbook of Contemporary Semantic Theory* London: Blackwell, pp. 271-298, 1995.
- ROSS, J. *Constraints on variables in syntax*. MIT Ph.D. dissertation. 1967.
- STALNAKER, R. Assertion. In: Cole, P. (ed.) *Pragmatics – Syntax & Semantics, Vol. 9*. New York: Academic Press, p. 315–332, 1978.
- STRAWSON, P. F. Identifying reference and truth values, In: *Theoria, Vol. 30*, 1964.
- TEIXEIRA, M. E MENUZZI, S. Diferentes efeitos de exaustividade em clivadas: um estudo descritivo de casos. In: *Alfa*, São Paulo, 59 (1): 59-87, 2015
- UMBACH, C. Contrast in Information Structure and Discourse Structure. In: *Journal of Semantics* 21(2), 155-175, 2004.

- VALLDUVÍ, E. *The Informational Component*. Ph.D. thesis, University of Pennsylvania, 1990.
- VALLDUVÍ, E. *The informational component*. New York: Garland. 1992.
- VALLDUVÍ, E.; ENGBAHL, E. The linguistic realization of information packaging. In: *Linguistics* 34, p. 459-519, 1996.
- WARD, G.; PRINCE, E. On the topicalization of indefinite NPs. In: *Journal of Pragmatics* 16, 8, 167-78, 1991.
- ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus, and Word Order*. Cambridge MA: MIT Press, 1998.